

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGPSI - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SABRINA SOUZA DE OLIVEIRA ALVARO

CORPOS ANTIGOS, NOVOS CONTEXTOS: O IDOSO EM TEMPOS DE CIBERCULTURA

Seropédica-RJ

2019

SABRINA SOUZA DE OLIVEIRA ALVARO

DISSERTAÇÃO

CORPOS ANTIGOS, NOVOS CONTEXTOS: O IDOSO EM TEMPOS DE CIBERCULTURA

Orientador: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais e Coletivos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ

Seropédica-RJ

2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A473c Alvaro, Sabrina Souza de Oliveira, 1987-
Corpos antigos, novos contextos: o idoso em tempos
de cibercultura / Sabrina Souza de Oliveira Alvaro. -
Seropédica, 2019.
179 f.: il.

Orientador: Ronald Clay dos Santos Ericeira.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

1. Idoso. 2. Cibercultura. 3. Modernidade líquida.
4. Tecnologia. I. Ericeira, Ronald Clay dos Santos,
1977-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Pós-Graduação em Psicologia III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

SABRINA SOUZA DE OLIVEIRA ALVARO

CORPOS ANTIGOS, NOVOS CONTEXTOS: O IDOSO EM TEMPOS DE CIBERCULTURA

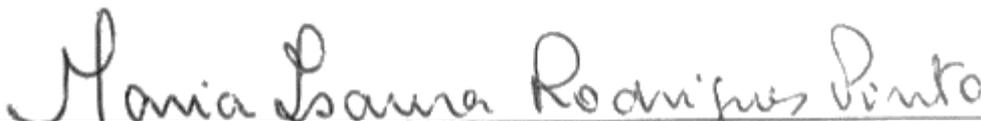
BANCA EXAMINADORA:



Professor Doutor Ronald Clay dos Santos Ericeira – Orientador



Professora Doutora Luciene de Fátima Rocinholi
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)



Professora Doutora Maria Isaura Rodrigues Pinto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Dedico este trabalho à minha avó Carmelita, que é mais do que mãe, é amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador professor doutor Ronald Clay dos Santos Ericeira, minha afetuosa gratidão pela generosidade, paciência e disponibilidade. Obrigada pela confiança e pelas inestimáveis contribuições nesse processo.

Às professoras doutoras Luciene de Fátima Rocinholi e Maria Isaura Rodrigues Pinto, pela delicadeza em suas colocações durante o exame de qualificação, bem como por suas valiosas contribuições a este trabalho.

Ao Gustavo, pelo incentivo e confiança nesse trajeto.

Aos meus preciosos amigos, que me incentivaram e apoiaram.

Aos meus familiares, por todo amor e companheirismo, em especial à minha avó Carmelita que sempre me manteve em suas orações.

A todos os idosos participantes, meu agradecimento pela pronta aceitação ao convite à participação desta pesquisa e muito mais, por partilharem comigo tantas experiências adquiridas no decorrer de suas vidas que serão sempre lembradas por mim como grandes lições de vida.

Por fim, minha total gratidão ao Divino, por se tornar permanentemente presente, abrindo os meus caminhos e me dando forças para prosseguir por mais esta jornada.

RESUMO

O envelhecimento populacional já é considerado uma realidade mundial. A perspectiva da Organização Mundial de Saúde (2015) é de que, apenas no Brasil, o número de idosos triplique até 2050. No caso de países em desenvolvimento, o aumento da quantidade populacional de idosos pode ser maior e mais veloz, do que em países desenvolvidos. Partindo da ideia de que vivemos em um tempo em que a constância e fixidez já não parecem atraentes, e considerando que a cibercultura acarreta constantes e significativas mudanças sociais, pesquisamos o lugar do novo idoso em um contexto de alterações velozes e com forte influência digital. Sendo assim, o presente estudo pretende identificar transformações socioculturais ocorridas no cotidiano da população idosa sob a luz da análise psicossocial. Para atingir este objetivo, estudamos a percepção de 20 idosos a partir dos 60 anos, residentes no município de Mesquita e frequentadores da ciclovia municipal, acerca da tecnologia e suas influências em suas rotinas. Abordamos questões de vida diária através de entrevistas semiestruturadas a fim de compreender o quanto significativas são as alterações provocadas pela tecnologia, para tanto se fez necessário que os entrevistados fossem socialmente ativos. Investigamos tais alterações a partir das percepções dos próprios idosos acerca dos eventos que os envolvem. A partir de teorias sobre a modernidade líquida, a cibercultura e envelhecimento, pesquisamos a relação dos idosos com esse cenário cambiante. A metodologia aplicada no levantamento e análise dos dados, insere-se na Psicologia Social e permeará aspectos qualitativos. Os resultados revelaram que os idosos percebem de maneira heterogênea os avanços tecnológicos, mas acreditam que uma nova velhice surgiu a partir deles. As alterações nas novas formas de sociabilidade foram as que mais causaram incômodo e preocupação.

Palavras-chave: idoso; cibercultura; modernidade líquida; tecnologia.

ABSTRACT

The populational aging is already considered a global reality. The World Health Organization (WHO) perspective is that, only in Brazil, the elderly number is expected to triple until 2050. In the case of developing countries, the elderly population growth can be bigger and faster than in developed countries. Considering that we live in a time that constancy and fixity seems not attractive and given that cyberculture implies constant and significant social changes, we will research the new elder's place in a context of fast alterations and with strong digital influence. Therefore, this study aims to identify sociocultural transformations occurred in daily reality of the elderly population, according to psychosocial analysis. To achieve this objective, we will study the perception of 20 elders from 60 years onwards, living in the city of Mesquita and frequenters of the municipal bicycle path, about technology and its influence in their routines. We will approach daily life questions through semi-structured interviews in order to understand how significant are the alterations that technology provides, and for this purpose, it is required that the respondents are socially active. We will investigate these alterations from the elders' own perception about the events that involve them. Using theories about liquid modernity, cyberculture and aging, we will investigate the elders' relation with this changing scenario. The applied methodology in the analysis and data collection integrates Social Psychology and will permeate qualitative aspects. The results highlight a heterogeneous perception of the interviewed about electronic devices, but still the elders believe that a new oldness emerged from technological advances. The alterations on new forms of sociability were the ones that caused more strangeness and concern.

Keywords: elder; cyberculture; liquid modernity; technology.

"Entenda que a pessoa não envelhece diferente do que foi. Ninguém amanhece com 65 anos, mas envelhece ao longo da vida. Envelhecendo é gerúndio. Por isso é importante falar sobre o curso de vida. Tem gente reclamando do envelhecimento como se fosse culpa do idoso. Qual a alternativa? Ou você envelhece ou morre cedo".

Alexandre Kalache

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. JUSTIFICATIVA	18
3. OBJETIVOS	20
3.1 Objetivo Geral	20
3.2 Objetivos Específicos	20
4. PERCURSO METODOLÓGICO	21
4.1 Referencial Teórico	21
4.2 Coleta e Análise de Dados	22
5. CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO ATUAL	26
5.1 Pós-modernidade e Modernidade líquida	26
5.2 Cibercultura	29
5.3 O corpo e a mídia	33
5.4 O idoso e as redes	40
6. CAPÍTULO II - ASPECTOS GERAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO	45
6.1 O envelhecimento saudável	45
6.2 O envelhecimento comprometido	48
6.3 Saúde e qualidade de vida na velhice.....	51
6.4 Cognição e envelhecimento	55
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	64
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
10. APÊNDICES	117
10.1 Apêndice I (Roteiro de entrevistas)	118
10.2 Apêndice II (Entrevistas)	119
10.3 Apêndice III (Termo de consentimento livre e esclarecido)	178

1.INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a tecnologia cresceu exponencialmente, e seus avanços modificaram consideravelmente nossa forma de viver. As ascensões científica e tecnológica nos trouxeram mais eficiência, agilidade, precisão, comunicabilidade, proximidade e tempo. (LYOTARD, 2015)

Apesar das diversas descobertas que facilitam e melhoram em muito nossa vida cotidiana, o uso desenfreado da tecnologia tem apresentado situações novas, que merecem atenção pois podem acarretar mudanças estruturais nas relações sociais.

Nossa pesquisa consiste em investigar a compreensão dos idosos acerca das alterações cotidianas geradas pelo advento da cibercultura, já que as formas de comunicação, relação e intimidade se alteraram a partir do momento em que as mídias digitais assumiram papel relevante, quiçá, prioritário em nossas vidas. Para entendermos o conceito de cibercultura, necessitamos também compreender a definição de ciberespaço propostos por Pierre Levy (2010):

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge de interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (p.17)

Em razão da supervalorização do saber científico e da incessante busca pelo novo, a memória, a narrativa e a estabilidade podem aparecer como dispensáveis no nosso contexto, portanto, o lugar do idoso pode ser alterado. Walter Benjamin (1986) ao falar acerca da figura do narrador, afirma que apesar de ser familiar, ela já não existe na atualidade. Para o autor, a modernidade destituiu o saber tradicional, transmitido por gerações anteriores. Benjamin atribui à 1ª Guerra Mundial o declínio das narrativas por gerar homens silenciosos e traumatizados. Seguida pelos avanços tecnológicos e a modificação nos sistemas produtivos.

Em “*Memória e Sociedade: lembrança de velhos*” (1994), Ecléa Bosi fala sobre a memória como função social, ou seja, como fator positivo e determinante do cotidiano

de pessoas mais velhas. Segundo a autora, enquanto os jovens se preocupam com seu futuro, os velhos se ocupam em rememorar o passado. Para ela: *“Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade do ouro”*. (p.83)

A memória é fator central no livro pois o envelhecimento está intimamente associado a uma exclusão profissional e social, sendo as lembranças o último recurso e refúgio dos idosos. Ao sentir as restrições físicas e sociais do envelhecimento, as lembranças surgem como forma de reafirmação e de resistência. Ao se perceberem isentos de obrigações profissionais, e por consequência, menos ativos, os idosos se ocupam em lembrar, já que aos jovens cabe a tarefa do fazer.

Para Bosi (1994), a própria ideia de que já não se pode ser tão atuante e significativo em seu contexto, faz com que pessoas mais velhas se voltem ao passado como forma de encontrar um conforto nas recordações. Lembrar os feitos significativos, recordar os eventos expressivos, trazem certo conforto. Para a autora: *“Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-a para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se a ela recolher de outra época o alento”*. (p.82)

Narrativa e memória surgem como oásis no deserto de potência. A vida, antes tão corrida, carregada de tarefas e planos, torna-se agora mais lenta, mais suave, e a alteração de ritmo e de ocupações faz com que o indivíduo tome mais consciência do presente ao invés de se ocupar com o futuro. Tal consciência, faz com que enxerguem com maior clareza suas próprias histórias, suas construções sociais e sua finitude. Segundo Bosi (1994): *“Quando os velhos se assentam à margem do tempo já sem pressa – seu horizonte é a morte – floresce a narrativa”*. (p.88)

Contudo, o conceito de velhice e suas ocupações tem se modificado. Hoje, a terceira idade já não é um lugar de repouso, descanso e histórias. Alguns autores acreditam haver uma quarta idade, esta sim reservada aos menos ativos socialmente. Por conta do aumento da longevidade, a terceira idade hoje não é vista mais como a idade da aposentadoria. Já que as pessoas têm vivido cada vez mais, a terceira idade passou a ser percebida como um momento para novas descobertas, uma oportunidade para explorar a vida de forma mais livre, visando maior bem-estar e qualidade de vida. O que Negreiros (2007) denomina como *“idade do extra”* ou *“idade do lucro”*. Para a autora:

Com o significativo aumento da expectativa de vida, o envelhecimento fica crescentemente adiado para uma **quarta idade**, a partir do que se associa a tradicional imagem de decadência e de perda de capacidades físicas e psicossociais. Portanto, no cenário atual, há uma clara tendência à distinção entre **jovens idosos** – sexagenários-septagenários saudáveis e ativos – e **idosos velhos** – octogenários em diante, mais frágeis e dependentes. (p.18)

Algumas definições básicas precisam ser feitas a título de esclarecimento de alguns termos recorrentes no texto. Primeiramente precisamos deixar bastante evidentes as diferenças entre envelhecimento, velhice e velho. Papaléo Netto (2002) diferencia esses três termos de forma bastante objetiva, afirmando que o envelhecimento é um processo, a velhice uma fase da vida, e o velho ou idoso é o resultado de ambos.

Vale destacar, entretanto, que a construção da velhice enquanto etapa datável surgiu entre os séculos XIX e XX (SILVA, 2008). Debert (1999) afirma ainda que a divisão etária de desenvolvimento que delinea atribuição de determinadas posições e papéis sociais é uma característica ocidental. A autora afirma ainda que, nas sociedades ocidentais, a idade cronológica é arbitrária ao desenvolvimento biológico e ao nível de maturidade dos indivíduos, sendo portanto amparada por aspectos culturais. Em suas palavras: *“A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice, pode ser pensada como resposta às mudanças estruturais na economia, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra, baseada no mercado de trabalho.”* (p. 51)

Ao contrário do que foi apontado por Bosi (1994), há atualmente uma forte tendência em se evitar a velhice de todas as formas, inclusive rejeitando a ideia de saberes acumulados. O idoso incorpora portanto a posição de novo aprendiz, que vai ressignificando seus conhecimentos a partir da observação, como uma espécie de narrador pós-moderno que, em contraposição ao clássico, não mais narra a partir de suas próprias experiências, mas a partir do que recebe. Assim como esse novo narrador, proposto por Silvano Santiago, o idoso não se reconstrói enquanto protagonista atuante, mas assumindo a posição espectador. Hoje os idosos pensam e se dedicam a aprender, mais do que ensinar. Voltando-se assim para o presente, e não para o passado, como faziam antes.

E a noção do “**velho sábio**” destinada aos poucos que, vivendo mais, passavam sua valiosa experiência – vem sendo amplamente substituída pela de que “**quem é sábio não envelhece**” - para os que, na atualidade, têm melhores condições socioeconômicas e, de certo modo, disfarçam-se de jovens com os recursos técnico-científicos disponíveis. Até porque, no mundo do descartável, da informatização, da multimídia, da realidade virtual e dos demais progressos dos últimos tempos, a inovação descarta a experiência acumulada, esta passando a ser, como mencionou o escritor Pedro Nava, “um farol voltado para trás”. (NEGREIROS,2007, p.19)

A imersão em uma rotina repleta de contato virtual, altera em muito nossa forma de ser e estar no mundo. O constante fluxo de informações, a troca instantânea de mensagens, as comunicações repletas de imagens e sons, modificam a forma de compreendermos espaço, por exemplo. (LEVY, 2010)

Nos dias atuais, distância não está relacionada diretamente à questão espacial, ao contrário, distante é a pessoa que mesmo morando ao lado, pode por vezes, demorar a responder suas mensagens, ou ainda, distante pode ser a pessoa que, por não se interessar pelas redes sociais usuais, acaba por não participar diária e constantemente das atualizações da vida do outro. Afinal, o espaço acaba por ser uma barreira ultrapassada, já que a comunicação excede esse limite. Segundo Bauman (2001):

A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo. No universo do software da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em “tempo nenhum”; cancela-se a diferença entre “longe” e “aqui”. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos, e conta pouco, ou nem conta. Perdeu seu “valor estratégico”, diriam especialistas militares (p. 148-149).

A tecnologia que pode possibilitar o aumento da comunicação, pode em sua prática diminuir os diálogos. Siqueira (2010) fala exatamente desse caráter ambíguo. Ela acredita que as telas, seja de smartphones, computadores ou de televisão, podem tanto afastar quanto aproximar pessoas. Para ela:

Assim, de modo paradoxal, a tela se torna instrumento ou ferramenta que afasta pessoas, contudo, gera redes em torno de socialidades específicas. Afasta porque pode gerar sensação de independência ou porque explicita que não se quer contato. Em outra via, aproxima porque gera grupos ou redes sociais que se encontram – física ou virtualmente – para troca de conteúdos, mensagens, músicas ou contatos em torno de interesses comuns. (p.49)

É bastante comum pessoas que estabelecem um vínculo virtual de amor ou de amizade ficarem sem saber o que fazer ao encontrar pessoalmente o outro indivíduo com quem estabelece contato, muitas vezes diário. Tal desconforto ocorre porque as pessoas estão desaprendendo a se relacionar na vida real. Através de uma rede social o sujeito pode representar com mais facilidade, a distância facilita a criação de um personagem, viabiliza, muitas vezes, o rápido acesso a conhecimentos necessários para manter uma conversa atraente. E assim, quando confrontados com a expectativa do fracasso ou da simples vulnerabilidade, muitos se apavoram e desistem.

O tempo parece andar bem mais rápido no Ciberespaço, onde alguns dias de convívio são suficientes para sentir-se íntimo e estabelecer relações bastante intensas de amizade ou mesmo de amor, que podem ter uma certa duração ou esvanecerem com a mesma velocidade com que se estabelecem. Esta “compressão” da temporalidade exerce uma forte influência na sociabilidade on-line, que apresenta-se extremamente dinâmica e fluida, com os grupos sendo constantemente renovados através da contínua saída e entrada de pessoas (SILVA, 2000, p. 184).

Em tempos em que dar uma pausa é visto como uma infração, ouvir histórias se torna desnecessário, tedioso. Sendo assim, o cenário líquido-moderno favorece a alteração de lugar dos idosos, pois privilegia a sobrecarga e as expectativas com o futuro. A vida contemporânea, a qual Zygnunt Bauman (2009) chama de vida líquida, acontece de maneira extremamente acelerada, visando a fluidez das relações, dos contatos e da própria rotina.

Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta. A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes. Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las. (p.8)

Considerando essas alternâncias da vida contemporânea, a intimidade e as relações também mudaram. Bauman (2004) acredita que o amor é muito mais acelerado e passageiro nas relações atuais, já que há uma inconstância muito maior no estilo de

vida das pessoas atualmente. Segundo o sociólogo, a vida pós-moderna exige mais volatilidade, já que a todo instante precisamos nos atualizar, modificar, repensar. Constância e imobilidade são grandes inimigos da modernidade líquida, pois a nova ordem é exatamente ser tão volúvel quanto os eventos que ocorrem de maneira desenfreada. Para o teórico polonês: *“Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa”*. (p.13)

O acesso ilimitado a informações, os diálogos mais curtos e ao mesmo tempo mais constantes, a instantaneidade das notícias, o fácil contato com pessoas distantes, dentre outras características dessa cultura altamente ligada aos meios digitais, alteram significativamente a maneira como as pessoas se comportam e conseqüentemente seu lugar na sociedade. Assim como as crianças hoje já não ocupam a posição de seres dependentes, ociosos e dedicados integralmente ao lazer, é possível que os idosos hoje percebam-se sujeitos a um processo de mudança sócio-comportamental.

Diante do acelerado processo de envelhecimento da população brasileira, este estudo visa compreender, a partir do entendimento dos idosos, como a tecnologia interfere positiva e/ou negativamente em seu cotidiano, considerando também a desvalorização das narrativas nas sociedades urbanas e o intenso processo de alterações gerados pela modernidade líquida.

2.JUSTIFICATIVA

A pós-modernidade é um fenômeno repleto de alterações com relação ao anteriormente estabelecido, como afirma Bauman (1998). A cena pós-moderna tem em si a ideia de crescimento, aprimoramento, melhorias, e isso tudo está diretamente relacionado com os avanços científicos e tecnológicos, paralelo a um descontentamento e desconforto com os saberes tradicionais. (LYOTARD, 2015)

Estabelecemos neste trabalho uma aproximação muito estreita com o que Bauman chamou de pós-modernidade e, mais recentemente preferiu chamar de modernidade líquida. Se faz relevante afirmar que não há consenso em relação a conceituação desse momento atual. As nomenclaturas variam conforme o autor, já que essas terminologias estabelecem íntima relação com a visão do estudioso sobre o cenário. Bauman (1998) já salientava em suas reflexões estas diferentes perspectivas: “... é numa época que Anthony Giddens chama de “modernidade tardia”, Ulrich Beck de “modernidade reflexiva”, Georges Balandier de “supermodernidade” e eu tenho preferido (junto com muitos outros) chamar de pós-moderna”: o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo...” (p. 30)

Como já pontuamos, cada terminologia se apoia em uma visão de contexto. A perspectiva de fluidez, ou como o autor prefere dizer “liquidez”, nos é bastante interessante para se pensar a nossa relação atual com a tecnologia. Constantemente mutável e incansavelmente ágil, o mundo digital se apresenta como solo movediço e escorregadio pois está em constante alteração e atualização. A metáfora da liquidez, presente em diversas obras de Bauman, nos traz inúmeras aproximações teóricas com a abordagem aqui utilizada.

Relevante ressaltar, contudo, que a escolha teórica de uma determinada nomenclatura não nos impede de correlacionar ideias com outros autores que porventura denominam o momento presente de outra maneira. Como, por exemplo, Joel Birman (2012) que prefere o termo *contemporaneidade*, ou até mesmo Stuart Hall (2006), que intitula um de seus livros como “*Identidade cultural na pós-modernidade*”, mas utiliza constantemente em seu texto o termo *modernidade tardia*.

O contexto atual tende cada vez mais a silenciar os saberes narrativos, ou considerados não científicos e com isso a importância de histórias e tradições tem diminuído, como afirma Lyotard (2015), ao diferenciar o saber científico do saber narrativo. Assim sendo, o protagonismo dos saberes antigos, não acadêmicos, tem

esvaído e com ele a relevância do ato de narrar e perpetuar histórias.

A crescente valorização e legitimação do saber científico acabou por trazer uma grande dúvida acerca do saber narrativo, e assim, todo conhecimento que não fosse especificamente estudado e trabalhado em academias por especialistas cada vez mais criteriosamente escolhidos, passou a ser desconsiderado. Tal valorização tem a ver com um forte interesse em sobrepor o saber científico em detrimento do saber narrativo, como afirma Lyotard (2015). Essa supervalorização do saber científico está muito relacionada a sua lógica de competição e a questões poder. Por isso afirma que: “*O problema do saber na idade da informática é mais do que nunca o problema do governo*”. (p.14)

Se o idoso contemporâneo ainda disputa mercado de trabalho, almeja continuar socialmente ativo e volta-se cada vez mais para a competitividade do capitalismo a fim de manter sua posição sócio-financeira, como afirma Negreiros (2007), é necessário investigar o que pensam esses novos velhos sobre essa sua posição atual na sociedade.

A escolha do tema do presente estudo deve-se a dois fatores importantes: o primeiro pela pesquisadora viver diariamente com idosos, percebendo, ainda que de maneira diferenciada, a vitalidade, a potência e o constante engajamento em atividades diversas, não sendo a idade fator impeditivo para a realização de seus interesses; o segundo refere-se ao entendimento de que as rotinas e comportamentos de idosos tem sido cada vez mais influenciadas pela digitalização do cotidiano, atingindo não apenas aspectos práticos, mas também sociais da vida urbana.

Intentamos com este trabalho contribuir para uma reflexão acerca dos aspectos relativos à percepção do idoso sobre sua posição na vida, às questões culturais e seus valores, identificando seus objetivos e expectativas. Percebendo qualidade de vida de maneira ampla, capaz de englobar a independência e as relações socioambientais. Objetivamos também contribuir para a ampliação nos estudos sobre velhice e tecnologia, partindo da perspectiva do usuário, que em geral, fica encoberta pelos resultados. Muito material tem sido produzido com relação a aplicabilidade, interesse e ganhos na relação entre o idoso e o uso de computador e tecnologias assistivas, entretanto, percebemos pouca produção direcionada ao que o idoso pensa, ou como ele se sente ao se engajar no mundo virtual.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os efeitos da cibercultura na vida dos idosos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

*Analisar a relação dos idosos com a tecnologia;

*Pesquisar as alterações decorrentes do uso da tecnologia na rotina dos idosos (cartão de passe gratuidade nos transportes públicos, caixas eletrônicas, uso de computador e celulares...);

*Averiguar o impacto da tecnologia nas relações sociais dos idosos (amigos, familiares e novos contatos);

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Referencial Teórico

A nossa pesquisa envolve especificamente a influência das mídias digitais e dos aparelhos eletrônicos enquanto agentes influenciadores nas alterações dinâmicas de relação cotidiana, para tanto, partimos do conceito e análise que Pierre Levy (2010) faz sobre cibercultura. Especialmente porque o autor não é taxativo com relação aos benefícios ou malefícios dos meios informatizados de comunicação e interação. Ao contrário, tenta perceber e trabalhar com toda complexidade dessa estrutura.

Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (p.10)

E é exatamente as mudanças que nos interessam, não o julgamento. Não cabe em nosso estudo a valoração de uma ou outra época ou comportamento. Aliás, não trabalhamos com a ideia de que há evolução ou involução nas relações, apenas percebemos que as mesmas se modificaram no decorrer dos anos e queremos tratar dessas transformações. Como Levy (2010) estabelece continuamente um diálogo entre os aspectos positivos e negativos da cibercultura, seu texto aparece como essencial para nossa análise que visa compreender os efeitos, e não defender uma causa.

Já que falaremos sobre idosos em um contexto bastante atual, pensamos, junto com Negreiros (2007) e outros autores presentes em sua coletânea, sobre os aspectos que foram visivelmente modificados no cotidiano e no imaginário social sobre a condição da *nova velhice*¹. Por se tratar de um livro voltado inteiramente para a temática de idosos contemporâneos, pudemos apreender em diversos estudos, de autores diferentes, abordagens diversificadas sobre a condição da velhice no contexto atual. Sendo esses estudos amplamente agregadores à nossa pesquisa.

Trabalhamos também com o conceito de modernidade líquida discutido por Bauman. Suas inúmeras publicações sobre o cenário contemporâneo nos fizeram

1 Título da coletânea e termo utilizado por Léa Maria Aarão Reis para se referir a essa nova geração de idosos que se apresenta de forma bastante distinta das anteriores.

compreender como funciona a didática do ser líquido-moderno. O autor trabalha constantemente com o termo *líquido*, para se referir a elementos atuais. Suas exposições sobre vida, identidade, amor e modernidade estão envoltas no conceito de liquidez, que ele criou para representar a ideia de volatilidade e impermanência percebidas no contexto atual.

Pensar a cena atual, partindo da ideia do líquido, traz aos nossos estudos melhor precisão acerca do ser e estar. Considerando que todas as nossas estruturas, ou como diz o autor, ordem, estão sujeitas a liquidez do cenário, percebemos como os indivíduos podem se adequar constantemente às novas regras criadas para eles. E como consideramos a hipótese de que a função social do idoso possa ter se modificado por causa da inconstância do entorno, as contribuições do sociólogo são representativas para nossa análise.

Trabalhamos também com Lyotard (2015) a questão dos saberes científico e narrativo e suas posições de prestígio e declínio na pós-modernidade, assim como trabalhamos com Ecléa Bosi (1994) e suas considerações acerca da relação entre o idoso e a narrativa.

Na análise das entrevistas, priorizamos as técnicas qualitativas, levando em consideração fala e contexto social. Tendo em conta que nossa pesquisa une a concepção dos idosos sobre si e as alterações cotidianas geradas pelo entorno, nos pareceu salutar perceber a relação entre os relatos e o ambiente em que são produzidos. Sejam eles espaciais, temporais ou sociais. Para isso, nos pautamos, principalmente, nas teorias propostas por Bardin (2006) sobre a análise de conteúdo, compreendendo-a como um conjunto de técnicas de análise de comunicações.

Os autores citados são parte essencial na construção da nossa pesquisa, todavia, outros nomes aparecerão para reforçar ou refutar suas perspectivas.

4.2 Coleta e Análise dos dados

Este é um estudo qualitativo, que tem como objeto idosos acima de 60 anos. Para o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa, foram adotadas práticas de investigação como: levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de material coletado nessas etapas.

Minayo (2010) afirma que o método qualitativo é aquele que “*se aplica ao*

estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus afetos e a si mesmos, sentem e pensam” (p. 57).

A pesquisa qualitativa exige algumas atitudes essenciais do pesquisador como a flexibilidade e a capacidade de interação com os atores sociais envolvidos, por exemplo. Afinal, esse método compreende indagações que se aplicam a todo o dinamismo da vida, sejam eles, individuais ou coletivos. (MYNAYO, 2010)

Para alcançarmos os objetivos propostos, investigamos em fontes bibliográficas diversas como a literatura, banco de teses e dissertações, e artigos que tratam acerca da terceira idade, especialmente no contexto atual. Consideramos também a influência da cibercultura no cotidiano de idosos urbanos.

Inicialmente foi feito o levantamento bibliográfico, a fim de consolidar e enriquecer nossas pesquisas sobre o tema. Aprofundamos e expandimos nossas leituras acerca da temática trabalhada com o intuito de realizar uma análise mais completa. Em um segundo momento fizemos as entrevistas com os idosos, em que conversamos acerca do cotidiano e das mudanças percebidas por eles sobre as relações afetivas, a influência da tecnologia, e principalmente, sobre o lugar que lhes cabe na sociedade. Importante ressaltar que, apesar de ter sido colocada como ponto inicial, as revisões bibliográficas ocorreram durante toda a composição do trabalho.

Parte fundamental desta pesquisa se deu através de entrevistas semiestruturadas, que segundo Minayo (2010), se configuram como uma conversa com finalidade. Diante das transcrições coletadas, fizemos uma análise de conteúdo, que resultou em uma análise crítica das interações. Tal processo se dividiu em etapas específicas, com a finalidade evidenciar significações aos dados coletados.

As entrevistas ocorreram com idosos de ambos os sexos a partir dos 60 anos e a escolha se deu de forma voluntária. Ocorreram após a assinatura do Termo de Livre Consentimento (TLC) e foram gravadas e transcritas para melhor ordenação e análise de material, assim como seleção de fragmentos. Foram semiestruturadas, deixando aberta à possibilidade de alterações conforme o desenvolvimento interativo com os entrevistados.

Escolhemos a técnica de análise de conteúdo propostas por Bardin (2006) para analisarmos as transcrições coletadas. Sendo assim, essa análise foi dividida basicamente em três fases, como propostas pela autora. São elas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, organizou-se os materiais coletados a fim de sistematizar as ideias iniciais. Tal organização se deu em quatro etapas: leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos e referenciação dos índices e elaboração de indicadores. (BARDIN, 2006)

Na exploração do material definiu-se categorias e identificou-se unidades de registro e de contexto. É uma fase extremamente importante pois nela serão feitas as interpretações e inferências. Por ser uma fase analítica, a codificação, a classificação, e a categorização são essenciais. (BARDIN, 2006)

O tratamento dos resultados, inferência e interpretação são fases que tratam dos resultados obtidos. Nela ocorreram a compilação dos dados analisados e o destaque das informações. É a fase da análise crítica e reflexiva, assim como das inferências interpretativas. (BARDIN, 2006)

Escolhemos a ciclovia municipal de Mesquita, município do Estado do Rio de Janeiro localizado na Baixada Fluminense, para um primeiro contato com nossos entrevistados. Por ser um espaço público e, portanto gratuito, é grande o número de pessoas que circulam diariamente pelo local, o que inclui idosos de ambos os sexos, de idades, escolaridade e condições financeiras diversas, principalmente no início da manhã e final da tarde. Como nosso objetivo foi investigar como os meios digitais influenciam o cotidiano, é importante que esse idoso seja socialmente ativo. Idosos com alterações cognitivas que impeçam a realização das entrevistas foram excluídos.

Optamos por uma área urbana tendo em vista nossa pesquisa abordar diretamente a questão da tecnologia. Aspectos relacionados à acessibilidade, não apenas às redes, mas também aos dispositivos foram considerados. Além disso atentamos para o fato de a cultura digital se apresentar de forma mais impositiva nas áreas urbanas, e os padrões de consumo serem análogos nas mesmas.

Pensamos na possibilidade de trabalhar com idosos que frequentem cursos ou programas específicos para sua faixa etária, todavia, por questões culturais, o número de homens que frequentam cursos formais, específicos para sua faixa etária, é significativamente inferior ao de mulheres, como afirma Gonçalves (2007).

Já que nossa intenção foi investigar como esses avanços tecnológicos são percebidos por idosos de ambos os sexos, inclusive para salientar divergências perceptivas relacionadas a gênero, foi importante que houvesse equilíbrio nesse sentido. Por isso optamos por um espaço público, que fosse dividido por homens e mulheres de maneira mais proporcional.

Entrevistamos 20 idosos, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Concordamos com Fraser (2004) que por se tratar de uma abordagem qualitativa, o critério mais importante é compreender a diversidade dos discursos em determinado contexto. As entrevistas ocorreram na ciclovia que conta com áreas de descanso e socialização e tiveram uma duração média aproximada de 45 minutos.

Por fim, a argumentação teórica e a análise das entrevistas, constituíram, após sistematizados e analisados, elementos fundamentais para a elaboração da redação com os resultados e conclusões da pesquisa. Lembrando que por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os dados coletados não foram apenas sistematizados, mas também analisados e interpretados pelo pesquisador em diálogo crítico com a realidade observada.

Esse estudo foi dividido em dois capítulos, sendo o primeiro referente a aspectos socioculturais atuais e o segundo especificamente sobre a velhice, seguidos pelos resultados e discussões das entrevistas.

5. CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO ATUAL

5.1 Pós-modernidade e Modernidade líquida

A presente pesquisa intenta abordar as percepções dos idosos acerca dos fenômenos que os cercam hoje, no contexto atual, se faz de suma importância a reflexão sobre o cenário em que estamos envolvidos.

Não vamos aqui tecer discussões sobre qual seria a nomenclatura ideal ou melhor sobre o momento presente. Como já dissemos anteriormente, não há consenso em relação a isso. Até porque alguns pensadores acreditam em um momento presente completamente distinto do anteriormente visto, e outros, como Habermas e Giddens, que segundo Miriam Adelman (2009), trabalham mais “*as continuidades do que as rupturas entre nosso momento e os momentos de emergência e consolidação das instituições sociais modernas*”. (p.191-192)

Lyotard (2015) traça uma análise da pós-modernidade voltada às alterações ocorridas na valorização dos saberes. Para ele, a pós-modernidade é marcada pela significativa valorização do saber científico. Valorização esta que acaba por reduzir, ou até mesmo suprimir outros saberes, que por não terem o peso e a aceitabilidade do discurso acadêmico-científico, tornam-se invisibilizados ou desconsiderados. Aliás, o autor afirma inclusive que muitos dos saberes tradicionais e narrativos estão sendo revisitados pelo que conhecemos como ciência a fim de serem legitimados de fato. Já que o saber, sem todo o aparato de testes e supostas comprovações científico-metodológicas, não tem reconhecimento.

Não traçaremos aqui as diferentes visões de autores que falam sobre o momento atual. Nossa intenção é apenas demarcar o solo sobre o qual pisamos e apresentar suas características, tendo em vista o que teóricos, convenientemente escolhidos, falam sobre o mesmo. Relevante ressaltar que, apesar distintas, as concepções por diversas vezes tendem a se complementar, já que todas, ainda que partam de pressupostos díspares, refletem sobre a atualidade. Nesse sentido, concordamos sobre o que Adelman afirma sobre Bauman:

Bauman acredita que todos estaríamos dialogando, de alguma ou outra forma, com/sobre a pós-modernidade, seja como analistas críticos dos fenômenos específicos ou aspectos específicos dos fenômenos do mundo atual, ou adotando seus discursos “sintomáticos” (embora ele se distancie desta última

Escolhemos, acolher nesse trabalho, como referencial principal acerca desse tema o sociólogo polonês Zigmunt Bauman, que segundo Aldeman (2009) é “*autor de uma obra teórica rica e muito prolífica, vem sendo muito bem acolhido no Brasil nos últimos anos, o que fica demonstrado no fato de existir versão brasileira de uma boa parte de grande produção*”.(p. 194)

Por conta da escolha específica desse autor, os termos *pós-modernidade* e *modernidade líquida*, serão recorrentes em nossa escrita, já que Bauman utilizava o termo *pós-modernidade* e depois, mais recentemente, preferiu adotar a *modernidade líquida*.

Para entender o conceito de *modernidade líquida* sugerido por Bauman, se faz necessário voltar um pouco no tempo e contrapô-lo ao que conhecemos como *modernidade*, que o autor denomina como *modernidade sólida*. Para o sociólogo, a modernidade sólida é marcada por certezas, segurança, alterações lentas e previsíveis. Dando assim a sensação de tranquilidade e controle.

Acontecimentos da segunda metade do século XX, como o surgimento de novas tecnologias, a globalização e a instabilidade econômica mundial, contribuíram em muito para a sensação de perda de controle e incertezas com relação a nossa capacidade adaptativas aos novos padrões sociais, que são altamente volúveis. Nessa passagem do sólido para o líquido, Bauman (1998) salienta a transição de formas sociais como a identidade, o amor, o trabalho e a própria vida de uma maneira geral. A mudança na constituição desse solo, antes firme, para o modulante, traz medo, insegurança, ansiedade e angústia.

A modernidade líquida é terreno fértil para o transitório, o momentâneo e instantâneo. Para projeções e expectativas de curto prazo. Os acontecimentos ocorrem em velocidade muito alta e, assim como surgem, podem desaparecer ou se alterar. Aliás, velocidade é um dos maiores marcos da modernidade líquida. O tempo é demasiadamente importante pois delimita a quantidade, o local e a forma do líquido naquele determinado momento. O sólido, ao contrário, permanece. E é inevitavelmente mais simples de prever, medir, delimitar. Ao contrário do líquido, o tempo para ele não é um fato de risco pois as variações acontecem de maneira muito lenta, quando visíveis. E assim, traçando paralelos entre o estado físicos das coisas, o autor polonês destaca aspectos do que chama de modernidade sólida e modernidade líquida.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”, são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos.

Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, 2001: p. 8-9)

Ao se questionar sobre o fato de a modernidade como um todo ser em essência a passagem de uma ordem sólida para a líquida, inviabilizando assim a possibilidade de existir uma modernidade sólida, já que modernidade pressupõe uma quebra com o anteriormente proposto, o sociólogo conclui que a modernidade se estabeleceu na estruturação de novos sólidos. De fato, houve uma quebra com o anteriormente proposto, mas essa quebra resultou em um novo terreno firme, com novas verdades.

A chamada modernidade líquida pode, desta maneira, ser compreendida como uma atualização da modernidade, já que Bauman (2001) acredita que algumas estruturas se mantêm, como o núcleo capitalista, por exemplo. Por isso, ele deixou de utilizar o termo pós-modernidade e passou a pensar em modernidade líquida.

Tendo em vista o que tratamos até o momento sobre pós-modernidade e modernidade líquida, talvez o leitor se questione sobre os motivos que nos levaram a usar ambos os termos em nosso texto. Conforme já afirmamos, as contribuições baumanianas são essenciais para a elaboração e correlação do nosso pensamento crítico sobre o momento em que estamos nesse exato momento. Diversas de suas obras serão citadas no decorrer do nosso trabalho e não queremos excluir quaisquer pensamentos que contribuam para a nossa reflexão por questões terminológicas.

O autor inicia sua reflexão sobre a atualidade, chamando de pós-moderno o momento em que estamos, e apesar de depois considerar o termo inadequado, suas reflexões continuam sendo extremamente importantes e válidas sob diversos aspectos. Todavia, não poderíamos, por se tratar do mesmo autor, utilizar a ideia, mas correlacioná-la ao termo mais atualizado do mesmo. Sendo assim, se faz necessária a

utilização de ambos os termos.

Apesar de já termos afirmado que utilizaremos diversos autores, que denominam a atualidade de formas diferentes, pontuamos as considerações acerca de pós-modernidade e modernidade líquida apontadas por Bauman, por se tratar do pensador mais recorrente em nossas leituras e análises. Entendemos contanto, que o termo *modernidade líquida* seja o mais adequado, já que acreditamos que não estamos em um estágio de completa superação do moderno, mas em uma forma diferenciada do mesmo. A *modernidade líquida*, portanto, se apresenta como conceito ideal para se tratar de intensificações da *modernidade sólida*, já que derrete o que foi previamente proposto mas não constrói nada de novo em seu lugar, ao contrário, mantém-se no terreno da instabilidade, na impermanência das constantes alterações de forma.

5.2 Cibercultura

Temos ainda nesse contexto um ponto importantíssimo a ser trabalhado: a internet. Com o advento do sistema global das redes de computadores, muita coisa mudou. Pierre Levy (2010) chama de ciberespaço, esse lugar de comunicação que surge a partir da interconexão mundial de computadores. A internet revolucionou diversos aspectos da vida humana e, após seu surgimento, a digitalização do mundo e das relações tem sido cada vez mais evidentes. Como afirma Wilmar do Valle Barbosa (2015, p.vii): “*O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional.*”

A partir dessa relação entre as pessoas com a rede, Levy (2015) denomina de cibercultura a cultura das pessoas que se articulam nesse espaço digital, dotada de especificidades próprias desse novo terreno. Ao falar das características do ambiente digital, o filósofo se aproxima dos pressupostos sugeridos por Bauman acerca da modernidade líquida. Ambos falam em alta velocidade de informações e mudanças, e considerável ausência de estabilidade e fixidez.

Se nos interessarmos sobretudo por seu significado para os homens, parece que, como sugeri anteriormente, o digital, o fluido, em constante mutação, seja desprovido de qualquer essência estável. Mas, justamente, a velocidade de transformação é em si mesma uma constante – paradoxal- da cibercultura. (p. 27-8)

Se considerarmos nossa dependência com relação aos dos dispositivos digitais atuais, perceberemos que o mundo digital tem se fundido cada vez mais como o não digital. A mobilidade não se encontra apenas nos sistemas e nas relações sociais, mas também nos dispositivos eletrônicos, que cada vez mais fazem parte do nosso cotidiano e acompanham, de maneira acelerada e móvel, nossas constantes transformações. Os telefones e computadores, antes fixos, tornaram-se móveis para acompanhar nossa rotina acelerada. Segundo Lemos (2005):

Agora, em pleno século XXI, com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias nômades (laptops, palms, celulares), o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade. Estamos na era da conexão. Ela não é apenas a era da expansão dos contatos sobre forma de relação telemática. Isso caracterizou a primeira fase da internet, a dos “computadores coletivos” (CC). Agora temos os “computadores coletivos móveis (CCM)”. (p.2)

E se falamos aqui em fluidez, aceleração e liquidez, precisamos também ressaltar uma palavra importantíssima nesses tempos: mobilidade. Se por um lado, vivemos em tempos de incertezas e indefinições, já que a todo momento novas formas de ser, estar e pensar, surgem. Por outro, as formas de comunicação e relação, quer seja com pessoas ou com espaços, também apresentam alterações constantes. Espaços, antes públicos, agora se apresentam cada vez mais privados com as novas tecnologias, já que uma pessoa pode se utilizar de um ambiente público para estabelecer uma conversa particular com outra pessoa que nem ao menos divide o mesmo espaço físico naquele momento. Lemos (2005) afirma que: *“Nas cidades contemporâneas, os tradicionais espaços de lugar (rua, praças, avenidas, monumentos) estão, pouco a pouco, transformando-se em espaços de fluxos, espaços flexíveis, comunicacionais, “lugares digitais””*. (p. 4)

A mobilidade se apresenta não apenas como uma constante física e espacial, como também cultural. É imprescindível estar sempre aberto ao novo e disposto a lidar com alterações constantemente. A modernidade líquida, como bem metaforiza Bauman (2001), apresenta seu aspecto mais móvel na digitalização do cotidiano. Assim como o material líquido é difícil de conter e de manter fixo e uniforme, o universo digital flui constantemente e se insere cada vez mais em nossos cotidianos, se apresentando de maneira cada vez mais imperativa a cada dia. Ou seja, ao mesmo tempo que muda com

frequência e estabelece alterações comportamentais, as tecnologias vão se entrelaçando cada vez mais com a rotina diária dos sujeitos, tornando-se, ao mesmo tempo, invisíveis e indispensáveis no dia a dia.

E para falar de mobilidade, digitalização e fluidez, podemos colocar hoje o celular como um dos objetos mais comprados e usados na rotina diária de cidadãos de todo o mundo. Existem países como Portugal e Dinamarca em que existem mais celulares do que pessoas. O aparelho que se tornou o “teletudo”, hoje se apresenta como item indispensável na vida de cidadãos de todo o mundo. O aparelho que surgiu como possibilidade de comunicação móvel e a distância, está cada vez mais assumindo papel de protagonista nos hábitos da população urbana mundial. Agora, é possível atribuir ao pequeno item diversas funcionalidades:

O celular passa a ser um “teletudo”, um equipamento que é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e SMS, WAP, atualizador de sites (moblogs), localizador por GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos), carteira eletrônica...Podemos agora falar, ver TV, pagar contas, interagir com outras pessoas por SMS, tirar fotos, ouvir música, pagar o estacionamento, comprar tickets para o cinema, entrar em uma festa e até organizar mobilizações políticas e/ou hedonistas (caso das smart e flash mobs). O celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um "teletudo" para a gestão móvel e informacional do cotidiano. (LEMOS, 2005: p. 6-7)

Por conta do ritmo acelerado da vida líquido-moderna, as pessoas não conseguem mais manter contato com seus amigos, familiares, pares e até mesmo com seus contatos profissionais. A rotina altamente acelerada leva as pessoas a se comunicarem cada vez mais através de dispositivos eletrônicos. Nesse sentido, o celular é imprescindível, já que mantém a proximidade das relações, sem demandar uma pausa na rotina. É possível, através dele, manter o contato e a mobilidade em concomitância.

Entretanto, Lemos (2005) afirma que é perigoso pensar que o uso constante do celular traga maior comunicação. Segundo ele, a comunicação necessita de diversos fatores que, em geral, estão excluídos dessas trocas rápidas de mensagens através do celular para se concretizar de fato. A comunicação é extremamente complexa, e se comunicar implica, dentre outras coisas, a compreensão do que foi dito, o que, por diversas vezes, nem é questionado em uma rápida conversa virtual. O autor prefere dizer que o celular pode, através da troca de informações, aumentar as possibilidades comunicativas, não necessariamente contribuindo, de fato, para um aumento ou melhoria na comunicação. Para ele: “*A era da conexão não é necessariamente uma era*

da “comunicação””. (p. 9)

A rotina, cansativa, violenta e veloz, não permite mais que as interações sejam demoradas e presenciais. Nesse sentido, as tecnologias surgem como facilitadoras de diálogos, promotora de encontros. Ainda que não cumpram com exatidão a substituição dos encontros tradicionais, não podemos negar que sejam ferramentas extremamente úteis para aplacar a solidão, as distâncias e a falta de tempo. E na rotina dos idosos não é diferente, como afirmam Petersen, Kalempa e Pykosz (2013):

O aprendizado da informática na terceira idade vem suprir várias necessidades. A informatização das instituições bancárias, previdenciárias e comerciais tem inibido as pessoas mais idosas no dia a dia, obrigando-as a sempre necessitar de ajuda para cuidar de seus interesses pessoais. Com o domínio da informática, ainda que básica, a pessoa adquire mais independência, além da aquisição de novos conhecimentos, que a auxiliará na manutenção da saúde mental, criando novas conexões cerebrais (plasticidade cerebral/neuronal) e novas formas de pensar. Há ainda um resgate da autoestima, uma vez que o adulto percebe sua capacidade em dominar essa tecnologia, podendo participar de conversas com as gerações mais novas ou criar novos laços de amizade em diferentes círculos e independentemente da distância. Existe ainda o fato de que a rede mundial de computadores tornou-se a maior e melhor forma de comunicação, fornecendo ao idoso a chance de estar conectado com a família e amigos, além de possibilitar a chance de pesquisas sobre todo tipo de assunto que for do seu interesse. (p.123)

Nesse cenário em que a velocidade, fluidez, mobilidade e relações de poder tornaram-se extremamente significativas é que traçamos nossa pesquisa a fim de investigar a relação dos idosos com as novas tecnologias. A Terceira Revolução Industrial iniciada na década de 50 mudou os paradigmas não apenas de produção, mas de vida urbana. As novas tecnologias que otimizaram o trabalho também alteraram a relação do homem com o tempo. Medeiros e Rocha (2004) afirmam que a Terceira Revolução Industrial acentua a marca da exclusão não apenas no que se refere às relações sociais, como também nas relações de poder, de saber e de controle econômico. Em suas palavras:

Resumindo, a Terceira Revolução Industrial constitui um processo difuso que repercute na dimensão cultural; o chamado pós-modernismo, influencia a arte e os costumes. No que diz respeito à política e à economia gerou o chamado neoliberalismo e a era da globalização. Essa transformação no modo de produção ocorre simultaneamente na organização do Estado e no processo de trabalho nos setores: primário (agropecuária, extração de minérios), secundário (indústria, pesquisa, informática) e terciário (serviços), sendo este último o âmbito do setor saúde. (p. 400)

A aceleração nos processos de criação, a fragmentação dos modos de produção e a possibilidade de difusão informativa, romperam com as barreiras físicas gerando o que hoje é conhecido como globalização. E é neste cenário que surge a telefonia móvel, sistema de comunicação essencial na vida cotidiana atual. Sendo culturalmente vistos como mais lentos e apegados ao passado, nos parece importante averiguar como os idosos tem lidado com as modificações sociais e tecnológicas contemporâneas.

5.3 O corpo e a mídia

Pode-se dizer que a contemporaneidade tem no corpo e nas mídias digitais um foco intenso. É bastante comum ver estudos antigos sobre o corpo nas diversas áreas de conhecimento. Contudo, hoje o corpo assume uma expressividade social ainda maior, quer seja para tratar de aspectos estéticos e biológicos, quer seja para se pensar individualidade, subjetividade. Em se tratando de meios virtuais, podemos dizer que as redes digitais tomaram uma dimensão tão grande no cotidiano da população, que quase não se assume mais a possibilidade de viver sem elas. Importante salientar que nos referimos especialmente aos moradores de áreas urbanas das grandes cidades brasileiras. Porque apesar de a internet ser uma realidade contemporânea, algumas regiões do país ainda têm dificuldade de acesso por conta da precariedade do serviço oferecido e por causa de questões sócioeconômicas.

Para Castro (2003), o corpo passou a se tornar elemento central na vida das pessoas a partir da evolução do vestuário. Segundo a autora, a partir do momento em que as roupas começaram a se tornar mais leves, abertas e menores, o corpo se tornou um dos grandes protagonistas do cotidiano.

Birman (2012) afirma que o homem contemporâneo estabelece uma relação muito forte com o corpo, porque o compreende como seu único bem real. Tendo em vista o cenário contemporâneo de fluidez constante, o homem se sente frequentemente ameaçado, já que a todo tempo tudo está sujeito a alterações. Não existem mais verdades absolutas e constantes fixas na vida do sujeito pós-moderno. E o corpo acaba por emergir como única certeza dos cidadãos contemporâneos.

Partindo destes argumentos, é possível compreender a obsessão atual pelo corpo. Vivemos constantemente insatisfeitos com nossa imagem, acreditando sempre ser possível aperfeiçoá-la, alterá-la, melhorá-la. O corpo perfeito é o que está em lugar de

destaque na mídia, ainda que seu padrão não seja recorrente. Para Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004):

Em nenhuma outra época, o corpo magro adquiriu um sentido de corpo ideal e esteve tão em evidência como nos dias atuais: esse corpo, nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda: é capa de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias, e se transformou em um sonho de consumo para milhares de pessoas, nem que, para isso, elas tenham que passar por intervenções cirúrgicas (plásticas), dietas de todos os tipos (do sangue, da melancia etc) ou exercícios físicos dos mais variados. (p.68)

A busca pela anatomia ideal, que hoje também é bastante associada à questão da saúde, é uma constata nossa. Idealizamos o corpo perfeito, que se apresenta teoricamente mais saudável, almejando assim uma maior longevidade. A expectativa é a de sempre viver mais e melhor. Com isso vem a ideia de retardar o envelhecimento a qualquer custo. Para Birman (2012): *“O risco, como sensação polivalente nas suas figuras, está sempre presente no imaginário contemporâneo. Com isso, o envelhecimento se transforma numa enfermidade, e a morte deve ser sempre exorcizada”*. (p.76)

O desejo por retardar o envelhecimento traz consigo nos dias atuais algumas práticas consideradas comuns e benéficas ao corpo, como a rotina de exercícios físicos, as massagens, as intervenções estéticas, sejam as superficiais ou cirúrgicas. Todavia, não podemos esquecer que a preocupação excessiva com o corpo também tem tornado habitual o uso de medicamentos. Quer sejam vitaminas em cápsulas, para melhorar a performance do corpo, quer sejam medicamentos para tornar as pessoas mais “normais e alegres”. Ou seja, o foco excessivo no alto rendimento do corpo traz também o problema da medicalização que visa sanar todas as possíveis “falhas” do ser humano. Ao falar sobre o uso de medicamentos psiquiátricos, Birman (2012) afirma:

(...) o discurso psiquiátrico se vangloria de poder manejar drogas que poderiam regular o mal-estar corpóreo, estando assim na vanguarda da pesquisa médica. Isso porque os medicamentos oferecidos pela psiquiatria biológica e pela psicofarmacologia seriam capazes de incidir no metabolismo dos neuro-hormônios, não ficando então a regulação do mal-estar restrito à imprecisão das psicoterapias. (p.79)

A evidência constante da forma física nos meios de comunicação e mídias digitais cria uma expectativa e um desejo intenso de ter e ser cada vez melhor. E como melhor, entende-se um corpo definido e de proporções equilibradas. Não basta ser

magro, o corpo deve estar dentro do perfil de magreza esperado, não basta ser definido, essa rigidez deve se encaixar dentro dos parâmetros tidos como adequados. E assim, cada vez mais o corpo perfeito se torna algo inatingível, inalcançável. Além disso, ao supervalorizar o padrão magro, a cultura ocidental atual tende a colocar o corpo gordo em um lugar de marginalidade. De acordo com Vasconcelo, Sudo e Sudo (2004): “*A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo*”. (p.68)

A juventude é um outro ideal do atual contexto, em que cada vez mais é possível perceber a influência do novo, do atualizado e do descolado. Não sendo essa busca pela jovialidade restrita apenas ao corpo, mas a todo o contexto que compõe a imagem do indivíduo. Sendo assim possível perceber uma forte tendência da moda em renovar o estilo de roupas e acessórios dos mais velhos. Segundo Pollini (2014):

A juventude tornou-se um valor e, aliadas a este valor, vieram a valorização da novidade em detrimento da tradição e a da velocidade em detrimento do ciclo natural, e nenhuma área da atividade criativa humana esteve mais ligada a este conceito do que a moda.” (p.11)

O desejo pelo novo, atual e jovem tomou vulto no final do século XIX. Conseqüentemente, conceito de juventude incorporou aspectos considerados positivos e essenciais ao modo de vida capitalista, elevando a juventude então ao patamar de ideal coletivo. E a partir de então, aparentar a idade foi se tornando cada vez mais vexaminoso. Cada vez mais a busca pela jovialidade, e por consequência, o estilo informal de se vestir tornaram-se regras absolutas. A vestimenta formal tornou-se cada vez menos usual e restrita a poucas ocasiões, pois seu rigor é constantemente associado ao antigo, ao passado (POLLINI, 2014).

Muito se tem discutido sobre o impacto que as redes sociais, em especial, têm tido na saúde mental e autoestima das pessoas atualmente. Para as mulheres, particularmente, as redes sociais têm se demonstrado ainda mais nocivas, já que o corpo feminino sempre está em maior evidência. Helena Jacob (2014) conceitua em uma comunicação, como seria uma mulher perfeita nos tempos atuais:

A mulher perfeita existe e mora nas representações midiáticas. Ela é bonita, inteligente, divertida, engraçada, mãe amorosa e amante voraz: e, além de todas essas vantagens, come pouco e tem, por causa disso e da malhação constante, um corpo escultural, perfeito. Essa mulher existe na tevê, nas revistas, nos jornais e, hoje, especialmente existe e se alimenta das redes digitais, que se tornaram um ponto de grande inflexão do culto à magreza e ao corpo ideal. (p.90)

Por esses e outros fatores, o uso excessivo de redes sociais tem sido bastante discutido. Afinal, muitas pessoas se sentem influenciadas a literalmente correr atrás do corpo perdido ou pior, entram em graves crises por não saber lidar consigo mesmas, chegando a colocar sua saúde em risco, a fim de conquistar as medidas que lhes são sugeridas diariamente.

Na contramão dessas ideologias de corpos perfeitos e de padrões inatingíveis, vemos páginas, grupos, campanhas e comerciais, investindo na ideia de valorização do próprio corpo, com suas “imperfeições”. A campanha “*Love Your Lines*” é bom exemplo dessa tentativa de trazer um olhar mais positivo para o corpo feminino. A ideia é tornar atraente e comum as estrias no corpo. A campanha surgiu após duas mães americanas postarem fotos de suas estrias geradas pela gestação com o intuito de inspirar outras mulheres a aceitar seus corpos. A campanha ganhou ainda mais visibilidade quando a modelo Chrissy Teigen postou, em uma rede social, uma foto em que aparecem suas estrias. Depois de muito elogiada por mulheres comuns pela coragem de expor as marcas no seu corpo, a campanha virtual tomou vulto e é possível acompanhar em diversas plataformas, fotos em que pessoas anônimas expõem suas marcas, geralmente acompanhadas de uma mensagem motivacional.

Na mesma linha da campanha acima, temos o movimento “*Body Positive*”, que também ajuda pessoas a perceberem seus corpos de forma generosa e menos impositiva. Esse movimento é mais antigo, existe desde 1996, mas no Brasil tem sido mais discutido recentemente, já que os efeitos das mídias na autoimagem têm se tornado cada vez mais agressivos. É possível ler e dialogar sobre o movimento em diversas redes sociais, que assim como o anterior, também conta com fotos de pessoas mostrando amor e felicidade com seus corpos naturais.

Apesar de já termos visto aqui que o envelhecimento é um fator a ser adiado cada vez mais através de diversos procedimentos, é inevitável que ele ocorra. E tendo em vista o número moderado de nascimentos e o aumento da expectativa de vida, o volume de idosos é cada vez mais significativo. Wong e Carvalho (2006) afirmam que:

Em 2025, o Índice de Envelhecimento será, provavelmente, três vezes maior do que aquele observado em 2000. Na população brasileira haverá, então, mais de 50 adultos com 65 anos ou mais, por cada conjunto de 100 jovens menores de 15 anos. Em 2045, o número de pessoas idosas ultrapassaria o de crianças. (p.9)

Ser idoso na modernidade líquida é uma realidade que pode se apresentar como um desafio ou uma oportunidade. A contemporaneidade apresenta cada vez mais possibilidades de um envelhecimento tardio e com maior qualidade de vida. Daizy Stepansky (2007) afirma que:

O prolongamento da vida veio acompanhado da necessidade de desconstruir a antiga identidade de velhos de outras gerações e de reconstruí-la sobre novos parâmetros de juventude e beleza, possibilitados pelas próteses e cirurgias e exigidos pelas novas identidades sociais dos idosos urbanos. (p.73)

Aos idosos estão disponíveis uma vasta gama de procedimentos e produtos para melhorar a aparência, camuflar o envelhecimento e assim afastar o peso da idade e aumentando a autoestima e a autoimagem, entretanto as pessoas que não podem adequar-se a este novo modelo bem-sucedido de velhice tendem a ficar afastadas dos círculos sociais e, em alguns casos, até mesmo institucionalizadas (MAIA, 2008)

Não se pode afirmar que os avanços tecnológicos estejam à disposição da maioria dos idosos brasileiros, principalmente no que se refere a tratamentos médicos e cirurgias, que são procedimentos extremamente caros. Mas, em meio aos recursos tecnológicos disponíveis, o uso de dispositivos tecnológicos tem surgido como uma alternativa viável. Entretanto, considerando fatores como: baixos salários de aposentados, nível de escolaridade, questões de saúde, afastamento familiar, dentre outros, não podemos dizer que muitos idosos aproveitem os benefícios das novas tecnologias a seu favor.

Ainda assim, a curto prazo, acreditamos que o cenário possa se apresentar de maneira mais positiva, tendo em vista que os idosos daqui a 15 anos, serão os adultos que hoje manipulam com considerável facilidade os ambientes virtuais e os dispositivos eletrônicos. Ou seja, os idosos do futuro podem vir a aproveitar as interferências do mundo digital.

Por ter caráter ambivalente, o ciberespaço, que hoje pode se apresentar como gerador de diversos entraves para idosos, pode, em um futuro próximo, aparecer como

um grande aliado. Afinal, através dos meios e aparelhos digitais podemos fazer diversas atividades que não seriam possíveis sem eles.

Apesar de as redes sociais colocarem o corpo em evidência a todo instante, como já discutimos aqui, o ciberespaço permite se pensar o corpo de outras formas. O telefone, por exemplo, encurta distâncias e traz comunicabilidade, não exigindo o trânsito constante de pessoas. Já as redes sociais, possibilitam encontrar amigos e parentes há muito tempo perdidos, sem muito esforço. Bastam algumas informações pessoais básicas e é possível restabelecer elos, à distância de um clique.

Idosos com problemas de locomoção ou saúde, por exemplo, podem se comunicar com filhos, netos e amigos sem precisar sair de casa, a rede reduz distâncias e possibilita encontros, ainda que haja limitações físicas. No ciberespaço a presença do corpo é cada vez menos exigida. Não se precisa mais de voz, presença, locais adequados e horários definidos. A todo instante pode se estabelecer comunicação, fazer novas descobertas, aprender, sem que o corpo seja muito cobrado.

Na sociedade tecnológica existem uma série de inovações a nível de serviços eletrônicos que os idosos poderão utilizar de uma maneira mais cômoda, econômica e sem sair das suas habitações, como consultar portais do governo, aceder ao banco (e-banking), fazer compras (e-shopping), utilizar tecnologias de apoio assistido em casa (i.e. medição da tensão), maior disponibilidade para apoio ao longo da vida (lifelong learning) e reabilitação através de meios computadorizados. (BRITO, 2012, p. 1196)

E as redes podem de certa maneira não apenas criar novas formas de interação, como também rearranjar as antigas. Os clubes de livros, por exemplo, já não são muito comuns hoje, mas resistem em forma de fóruns online e grupos de debates virtuais. Assim, pessoas de todos os lugares podem trocar opiniões, interagir, discutir sobre o livro ou autor favorito. Cursos *online* também são ótimas opções para quem não pode se comprometer a se deslocar. Ou seja, infinitas possibilidades de interação surgem sem que distância, idade ou tempo sejam um fator prejudicial aos interesses em comum. Nas palavras de Pierre Levy (2010):

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e à distância. Contudo, apenas as

particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários.(p.51)

O uso excessivo da tecnologia é questionado por muitos, pois ao passo em que as interações são constantes e diárias nos ambientes virtuais, a virtualidade pode também acabar por afastar, de certa maneira, as pessoas, já que muitos já não veem muito sentido em interações presenciais. Entretanto, como já apontamos anteriormente, o ciberespaço por ter caráter ambíguo com relação a seus benefícios e malefícios, apresenta múltiplas possibilidades, e cabe a cada usuário aferir suas escolhas.

No caso dos idosos, podemos colocar como ponto positivo a internet permitir que as limitações do corpo fiquem em segundo plano. Principalmente a fim de aplacar solidão e abandono, o ciberespaço pode surgir como uma excelente alternativa para pessoas de terceira idade superarem o isolamento. Zelinda Carneiro Gonçalves (2007) afirma que:

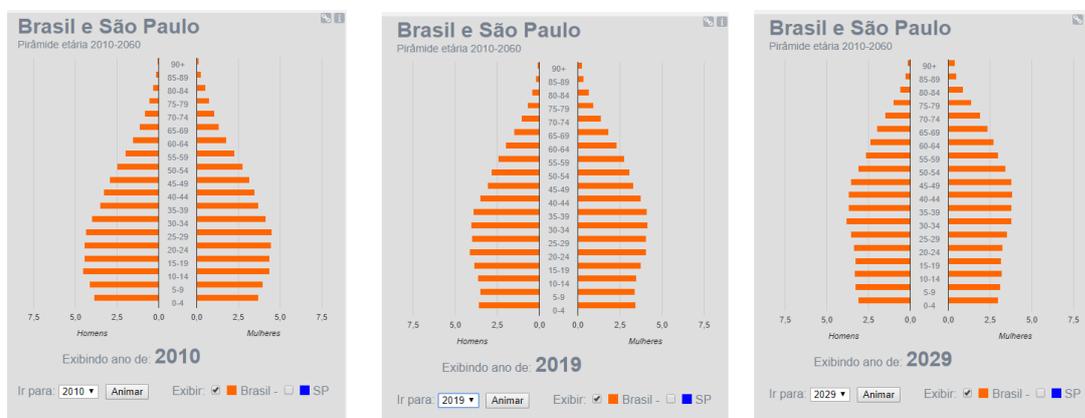
A terceira idade pode ser vista como um momento privilegiado, que consiste na busca de realização pessoal, do prazer e satisfação. É a fase em que o indivíduo está livre de obrigações sociais e pode praticar diversas atividades, buscando assim, possibilidades de sair do isolamento, da alienação, inserindo-se nas novidades do contexto atual. Logo, os idosos usam de estratégias para fazer frente a essa imagem estereotipada e antiga que relaciona envelhecimento e decadência, e que os levam, dentre outras alternativas, a buscarem na informática a manutenção do poder e assim a continuidade de sua inserção em seu grupo social. (p.64)

Assim, o espaço virtual surge como alternativa possível de melhor qualidade de vida e sociabilidade para idosos. Apesar de o envelhecimento ser cada vez mais evitado e postergado, sua chegada é um fator que pode e deve ser visto apenas como mais uma etapa, e não como um impeditivo de novas realizações. Sendo assim, se faz necessário pensar em alternativas que visem um envelhecimento sadio, e explorar os recursos disponíveis nos ambientes virtuais é uma possibilidade inteligente. Mesmo apresentando aspectos negativos, por ser um espaço em constante construção e desconstrução, o ciberespaço irrompe como opção de ambiente propício a novas descobertas e sociabilidades para pessoas de todas as idades.

5.4 O idoso e as redes sociais

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e países em desenvolvimento, como o Brasil, tendem a envelhecer ainda mais rapidamente. Segundo o IBGE (revisão 2013), em 2029 o país se tornaria idoso. A pirâmide etária disponibilizada no site do IBGE mostra a gradativa transição de uma base larga, típica de países jovens, para uma base estreita de topo ampliado, característica de um país envelhecido. Abaixo é possível observar como essa transição está em processo acelerado.

Imagens - Pirâmide etária



Fonte: IBGE (2019)

Nas imagens acima é possível observar a ampliação dos níveis superiores da pirâmide com o decorrer dos anos. E as projeções apresentadas apontam para um progressivo envelhecimento dos brasileiros. Com o gradual aumento da população idosa mundial muitos desafios têm surgido devido às novas demandas do processo de longevidade e aumento da qualidade de vida na terceira idade. Como o ser humano é um ser social, a comunicação se configura como uma de suas necessidades básicas. E ao se pensar em comunicação nos dias atuais, pensamos também em tecnologia, afinal, elas têm interferido significativamente nas nossas interações diárias.

Grande parte dos nossos diálogos hoje são construídos e mantidos através de dispositivos eletrônicos, e por diversas vezes com contatos que só conhecemos virtualmente. E a população idosa tem aderido cada vez mais as redes sociais, como forma de dialogar com outras pessoas. Stacheski (2012) afirma que:

O número de idosos que ativam perfis no Facebook já é bastante expressivo. Segundo dados do “All Facebook” (2011), a rede, em abril de 2011, já contava com mais de 1,5 milhões de idosos em todo o mundo. No Brasil, a população idosa correspondia a 4% dos usuários, mais de 110 mil sujeitos, em junho de 2012. (p.214-215)

A tecnologia tem permeado tipos de interações diversificadas, viabilizando contatos profissionais através de diálogos objetivos construídos em tom formal, como também integrando diariamente familiares e amigos através de conversas elaboradas em tom mais despojado, com diálogos mais recorrentes, permeadas por informalidades. Por conta desse novo suporte comunicativo se destacar de maneira tão potente no cotidiano de bilhões de pessoas em todo o mundo, idosos também vêm aderido a comunicação virtual como forma de interação. Afirmam (CARMO & ZAZZETTA, 2016):

Os diferentes perfis de idosos são um alvo constante para a utilização das novas tecnologias, denominadas tecnologias de informação e comunicação (TICs), devido à facilidade que elas promovem no relacionamento interpessoal. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2013, mostra que há um crescimento significativo de idosos que acessam a internet no Brasil, correspondendo a 9,4% de aumento nessa população, superando a média total de 2,9% (IBGE, 2013). (p. 93-94)

Portanto, percebemos o uso de recursos tecnológicos para fins comunicativos como uma tendência gerada pelas demandas do contexto atual, assimilada por grande parte da população urbana sendo cada vez mais amplamente introduzida em todas as faixas etárias de nossa sociedade. Sendo assim, a relação entre idosos e tecnologias, não parece mais distante da realidade. Aliás, o uso da tecnologia na rotina dos idosos pode promover diversos benefícios em diferentes áreas. Além do aspecto comunicativo, pode contribuir para diferentes atividades, inclusive voltadas à saúde.

Uma importante contribuição das redes virtuais se apresenta em caso de separações de amigos e familiares devido a fatores diversos. Antes da internet, dos celulares, e das redes sociais, manter contato com um familiar ou amigo que havia se mudado, era bastante complicado. As ligações telefônicas eram bastante caras, e o envio de cartas lento. Conviver com a distância era muito mais difícil antes dos avanços tecnológicos. Por conta dos altos custos de uma ligação, por vezes, familiares e amigos passavam semanas e até meses sem notícias dos seus entes queridos.

Hoje, com a disseminação de aplicativos gratuitos, programas específicos, redes

sociais e e-mails, a comunicação além de acelerada, tornou-se mais real, mais próxima. Basta acessar um celular ou computador, e é possível interagir e até mesmo ver seu contato ao vivo, tornando assim, a distância menos sofrida, tanto para quem fica quanto para quem parte. No caso de idosos, que podem apresentar dificuldades de percorrer longas distâncias a fim de ver seus parentes e amigos, a internet pode ser de grande valia. Para Marín, Larrarte e Cardozo (2015):

En la conjunción de esas dos rupturas: la del migrante y la del adulto mayor que ve migrar, aparece como elemento mediador la Internet que, como medio de comunicación interactivo y al combinar formas de participación sincrónicas y asincrónicas, ha revolucionado los modos de la comunicación del sistema humano. Esta permite una amplia variedad de posibilidades comunicativas, sin presencia física, entre ellas las redes sociales electrónicas que funcionan como potenciadores, además de extensores, de los vínculos humanos, y facilitan el contacto entre individuos. (p.147)

Conforme já observamos, as redes sociais apresentam caráter ambíguo, com relação à comunicação, já que adolescentes, por exemplo, preferem passar horas no quarto, na frente do computador ou do celular participando de jogos *online* com amigos e desconhecidos, a interagir em uma conversa de família durante o jantar, por exemplo. Assim como casais acabam se afastando por falta de diálogo decorrente da intensa demanda de alimentação das suas respectivas redes sociais, ou por passarem mais tempo resolvendo questões de trabalho após o expediente, mesmo estando em casa. Entretanto, reconhecemos que essas mesmas redes sociais também podem aproximar pessoas que se encontram sozinhas e distantes de seus referenciais de afeto e amizade. Assim como pode facilitar a criação de novos laços em um local completamente desconhecido.

Desta forma, a tecnologia se projeta como suporte na manutenção de laços essenciais aos indivíduos, que por fatores diversificados, encontram-se separados de pessoas queridas. Por ser, como já dissemos aqui, espaço de conexão independente de distâncias, tempo de locomoção e espaço físico, a rede acaba por aproximar quem inevitavelmente se encontra distante. Marín, Larrarte e Cardozo (2015) acreditam que:

Internet llegó en el momento preciso dentro de la historia humana, pues no solo le permite al individuo socializar, sino que implica una unión espacio-tiempo que reunifica las prácticas sociales y familiares abandonadas a favor de la seguridad económica, física y/o de las libertades y sueños individuales (p.147)

Contudo, apesar de percebermos as enormes contribuições para o cotidiano das

pessoas, incluso os idosos, se faz necessário salientar, que em um país com uma desigualdade social tão aparente, como no caso do Brasil, as tecnologias acabam por se tornar mais um instrumento de exclusão social. Ainda que o aparelho celular seja de menor custo e amplamente utilizado, em um país de dimensões continentais e disparidades sociais e econômicas tão significativas, não se pode afirmar que um aparelho que demanda um custo de aquisição e manutenção seja amplamente acessível. Por isso, não podemos deixar de comentar que o aspecto financeiro deve ser considerado, já que parte dos idosos, por terem baixa renda, não consegue acesso a tecnologias que poderiam contribuir para sua maior qualidade de vida.

Idosos que têm maior escolaridade e renda um pouco mais elevada podem ter acesso a mais dispositivos e compreender as instruções de uso com maior facilidade e assim, obter uma gama maior de possibilidades virtuais de assistência, usufruindo com mais independência das vantagens tecnológicas atuais. Já os idosos com menor condição financeira e escolaridade apresentam dificuldades não apenas para obter dispositivos eletrônicos, mas também para compreensão e uso dos mesmos, devido a entraves na interpretação correta das instruções constantes em manuais, por exemplo. O auxílio familiar no uso de novas tecnologias também é essencial. (CARMO & ZAZZETTA, 2016)

Portanto, podemos entender que idosos solitários, com menor escolaridade e condições financeiras, apresentam mais dificuldade para acompanhar os avanços tecnológicos, já que ainda que consigam os aparelhos, não terão suporte para sua utilização. Por não contar com alguém que auxilie nos primeiros passos de entrada no mundo virtual, e por não conseguir sozinho, devido à baixa escolaridade, compreender instruções técnicas constantes nos manuais, muitos idosos acabam não conseguindo acompanhar o ritmo das alterações tecnológicas.

Ainda assim, o celular, acaba se destacando como o dispositivo de comunicação mais frequentemente consumido por pessoas mais velhas por apresentar preço inferior ao de computadores, além de ter a vantagem de ser um objeto de uso pessoal e portátil. Podendo ser usado em qualquer lugar, sendo culturalmente estabelecido como um objeto de uso individual, e não coletivo, e contando com um número cada vez maior de aplicabilidades, o celular tem surgido como alternativa mais barata para o início da inserção nos ambientes virtuais. Carmo e Zazzetta (20016) afirmam que: *“Esse fato é comprovado pela PNAD (IBGE, 2013), que demonstra no Brasil, um percentual total de 23,5% de usuários de telefone celular acima de 50 anos”*. (p. 95)

Percebemos, portanto, que a inserção do idosos no mundo digital, mais do que uma demanda dos novos tempos, é também uma possibilidade de aumento da qualidade de vida dos mesmos. As novas tecnologias oferecem inúmeras alternativas para a terceira idade, não apenas com relação à diversificação nas formas de comunicação, mas também através de mais informação sobre saúde e atividades de lazer, por exemplo, contribuindo, portanto para melhoria na saúde física e psíquica da população idosa. Além é claro, de contribuir para o aumento da afinidade com utensílios domésticos considerados de uso básico do cotidiano, que proporcionam maior conforto e facilidade diários, como no caso das máquinas de lavar, micro-ondas, aparelhos de som e vídeo, dentre outros. Resta pensar alternativas e políticas públicas que viabilizem acesso dessas tecnologias a todas as camadas sociais, a fim de proporcionar bem-estar à população idosa, de forma mais igualitária. Havendo cuidado, preocupação social e respeito às singularidades, percebemos que a tecnologia pode contribuir em muito para o aumento na qualidade de vida dos idosos.

6. CAPÍTULO II - ASPECTOS GERAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO

6.1 O envelhecimento saudável

Envelhecer faz parte da existência humana e não há nada de errado neste processo. É comum associar a velhice às perdas, por isso é bastante usual ver pessoas evitando reconhecer a velhice. Ser velho, portanto, passa a ser visto como obsoleto, ultrapassado, lento, inútil, desvalorizado. É verdade que o processo de envelhecimento pode ressaltar algumas condições de saúde e trazer novas formas de lidar com o corpo e o processamento de novos conhecimentos, todavia, a velhice não significa necessariamente deterioração e lesões.

Glogoski e Foti (2004) sugerem uma divisão para os tipos de idosos. Para elas, indivíduos até 74 anos são *idosos-jovens*, os que possuem mais de 75 anos são os *idosos-idosos*, e os que tem mais de 85 anos são os *muito idosos*. As autoras traçam esta distinção por acreditar que muitas das condições de saúde e, conseqüentemente, restrições associadas à idade sejam mais comumente observadas em determinado segmento. Importante ressaltar que essa divisão etária traçada pelas autoras pode variar, já que as mesmas, por terem uma perspectiva de qualidade de vida de país desenvolvido, consideram idosas as pessoas acima de 65 anos. No caso do Brasil, como são consideradas idosas as pessoas a partir dos 60 anos, essas divisões poderiam sofrer certa alteração, o que não desqualifica, de forma alguma, as divisões sugeridas.

Os aparatos tecnológicos e o acesso a serviços de saúde e procedimentos preventivos têm aumentado a longevidade, mas o custo dessa maior sobrevida recai especialmente sobre os *idosos-idosos* que são os que mais apresentam problemas crônicos de saúde e limitações nas atividades de vida diária. As mudanças físicas e cognitivas geradas pelo envelhecimento variam de acordo com a fisiologia, genética e histórico de vida de cada indivíduo. Sabe-se entretanto que alterações sensoriais são bastante comuns em idosos, principalmente os distúrbios auditivos e visuais. Já alterações cognitivas, especialmente as perdas de memória, podem ocorrer em indivíduos mais idosos por conta da redução no processamento de informações e resolução de problemas, contudo, essas alterações são graduais e não devem prejudicar significativamente a vida e a independência da pessoa idosa, caso isso ocorra, observa-se então a constituição de um quadro patológico. Portanto, faz-se importante ressaltar que quadros patológicos não fazem parte do processo natural de envelhecimento e

devem ser prontamente tratados (GLOGOSKI; FOTI, 2004).

Fechine e Trompieri (2012) chamam de envelhecimento primário o processo conhecido como senescência, que é o processo gradativo e irreversível pelo qual todos os seres passam. Tal envelhecimento não implica necessariamente na aquisição de doenças, mas de condições inerentes de processos biológicos, universais, geneticamente programados ou determinados por variáveis, de acordo com um conjunto de fatores individuais. São exemplos de mudanças observáveis no envelhecimento primário alterações na cor dos cabelos, redução de colágeno e consequente aparecimento de rugas, assim como afinamento da pele. O envelhecimento secundário ou patológico, por sua vez, implica no aparecimento de doenças, que são vistas comumente como naturais do processo de envelhecimento, mas que na verdade tem a ver com a forma como cada indivíduo viveu. É resultado de um estilo de vida, agregado a fatores ambientais, que podem ser potencializados por alterações fisiológicas decorrentes da idade. Alterações cardiovasculares são bons exemplos deste tipo de envelhecimento pois tem grande incidência em idosos, mas não podem ser consideradas condições exclusivas da velhice, nem obrigatoriamente próprias do processo de envelhecimento, já que existem jovens com esse tipo de alteração e idosos que não apresentam esse tipo de problema. Já o envelhecimento terciário ou terminal é caracterizado por perdas físicas e/ou cognitivas profundas, que comprometem gravemente a saúde e a independência dos idosos.

Shephard (2003) e Schaie e Willis (1996) apresentam diversificadas nomenclaturas para as divisões etárias, entretanto, é consenso entre eles que as alterações físicas mais significativas começam a partir dos 75 anos e que o período mais crítico, que deve exigir maior atenção e cuidados específicos, é a partir dos 85 anos. Entende-se, desta forma, que uma velhice saudável e independente seja totalmente possível. Porém, cuidados com o estilo de vida devem ser considerados desde muito cedo para que o corpo de adapte adequadamente às alterações inevitáveis do tempo. Enquanto fatores pessoais influenciam na forma como uma pessoa envelhecerá, os contextos social e cultural interferem no ritmo deste envelhecimento. É necessário pensar na velhice desde cedo com o intuito de preservar ao máximo possível a funcionalidade física e cognitiva dos sujeitos, ainda que não haja homogeneidade nos resultados.

Por conta da maior experiência e resiliência adquirida no decorrer dos anos, resultantes das interações e processos adaptativos necessários no percurso de vida, o idosos são vistos como indivíduos potencialmente mais disponíveis a adaptações, pois

usam suas experiências prévias para se ajustar à novas condições de vida. Além disso, idosos costumam responder com perspectiva menos agressiva a situações estressoras, pois fazem comparações com eventos anteriores ruins e tendem a usar recursos mais bem-sucedidos que pessoas jovens. Para Fontes e Neri (2015):

Recursos individuais e sociais de enfrentamento auxiliam os idosos a lidarem com eventos críticos por meio da atribuição de significados à luz da experiência passada, da busca e da manutenção de atividades prazerosas, do desempenho de papéis sociais relevantes, da adoção de estratégias de enfrentamento adaptativas e do acionamento de suporte social. Tais mecanismos de enfrentamento promovem resiliência por meio da atenuação, da transformação ou da negação do impacto das adversidade (p. 1478)

Envelhecer, portanto, é um processo natural que apesar de implicar diretamente na maneira como o indivíduo realiza suas atividades diárias, não necessariamente o impede de realizá-las. A forma como cada sujeito envelhece depende de diversos fatores, dentre eles: escolaridade, nível socioeconômico, acesso a serviços de saúde, histórico familiar de doenças, alimentação, tipo de trabalho realizado no decorrer da vida, estilo de vida sedentário ou ativo, dentre outros. Ou seja, aspectos físicos, pessoais, biológicos, sociais e culturais. Considerando que os processos de saúde e doença estão intimamente ligados aos supracitados determinantes, as necessidades dos idosos devem ser vistas e medidas de maneira individualizada, avaliando a complexidade do fenômeno.

Paschoal (1999) afirma que o envelhecimento não deve ser aferido apenas a partir do aspecto cronológico, já que como foi dito aqui, cada um envelhece de uma maneira e em um determinado ritmo. O envelhecimento deve ser medido por um conjunto de fatores biológicos e fisiológicos, sendo portanto, individual e de aferição muito mais complexa do que a comparação etária.

Já que saúde não se resume a ausência de doença, mas a uma compilação de fatores contributivos para o pleno bem-estar dos indivíduos, entende-se como necessária a manutenção do cuidado integral ao idoso, ou seja, a consideração de valores culturais, afetivos e sociais. Como o interesse em um projeto de saúde da população idosa é uma das funções das políticas públicas em saúde, entende-se como necessária a preocupação não apenas com atendimentos especializados para essa parcela cada vez mais significativa da população, mas também a disposição em consolidar estratégias de envelhecimento ativo ampliadas, preservando as identidades coletivas e individuais dos envolvidos, assim como suas crenças e práticas. (CIOSAK; et al., 2011)

6.2 O envelhecimento comprometido

Como foi possível observar até o momento, o processo de envelhecimento não precisa necessariamente comprometer as capacidades funcionais dos indivíduos. Todavia, o senso comum associa o envelhecimento a perdas, comprometimentos diversos e deterioração. Por isso, faz-se necessário tratar sobre o envelhecimento atravessado por limitações.

Apesar de o envelhecimento sugerir no imaginário coletivo uma maior preocupação com os cuidados em saúde, velhice e doença não estão intimamente ligados. Entretanto, como o ambiente é um fator crucial na constituição dos processos de saúde e doença, não é incomum em nosso país, que a longevidade seja atravessada por inúmeras restrições (CIOSAK; et al., 2011).

Se o envelhecimento saudável é chamado de senescência, senilidade é o nome dado ao envelhecimento comprometido por doenças. Kashar (2010) afirma que o envelhecimento é estigmatizado exatamente por se fazerem associação entre envelhecimento e patologias. Como algumas vezes as condições de senescência e senilidade estão permutadas, a velhice é vista como o momento das perdas. Essa percepção negativa da velhice tende a dificultar a projeção de sentimentos e perspectivas positivas, como a construção de novos sonhos, desejos e expectativas.

Canizares e Jacob Filho (2011) traçam um paralelo entre a aposentadoria e doenças ocasionadas pelo evento. Os autores afirmam que a quebra do vínculo empregatício pode causar uma cascata de condições favoráveis a desorganização do indivíduo. Ao desvincular-se do trabalho, o sujeito muitas das vezes sente-se perdido social e emocionalmente. Essa sensação pode gerar uma série de comportamentos prejudiciais à saúde, que vão desde o sedentarismo, passando por hábitos alimentares inadequados e chegando até a dependência química.

A aposentadoria se apresenta então como um momento crítico da vida em que o sujeito se vê no que Antunes e Moré (2016) denominam de dualidade da crise versus liberdade. Se por um lado a ideia de perda que permeia o imaginário coletivo sobre a velhice fica mais evidente com a interrupção de umas das principais atividades cotidianas, por outro vem o alívio da ausência de cobranças, metas e falta de tempo.

A idade e condições para a aposentadoria são variáveis e a forma como cada pessoa vai sentir essa transição é igualmente subjetiva. Alguns aguardam ansiosamente

pelo momento em que vão poder finalmente dormir sem ter hora para acordar, poder visitar amigos e familiares que não vê há anos por falta de tempo e conseguir realizar tarefas prazerosas com mais frequência. Esses são os que compreendem a aposentadoria como algo positivo. Evidentemente que o valor e as condições dessa etapa serão extremamente relevantes na forma como esse processo será encarado.

Já os que recebem pouco e sabem que a renda será ainda menor, que não dispõem de suporte familiar, e ao contrário, são a única fonte de renda da família, podem entender a aposentadoria como um castigo. A perda da rotina, dos contatos profissionais e afetivos estabelecidos no ambiente de trabalho, o sentimento de utilidade e o prazer pelo que faz podem ser fundamentais para uma percepção pessimista da saída do mercado de trabalho. Esses são os que têm maior probabilidade de sentir os efeitos fisiopatológicos da aposentadoria pois, a partir desse evento, iniciam um estilo de vida inadequado física e socialmente. Os homens, as pessoas mais jovens, os de menor escolaridade e as pessoas com menor nível de autoridade no cargo são as mais afetadas pela aposentadoria (CANIZARES; JACOB FILHO, 2011).

É possível perceber que o trabalho proporciona às pessoas não apenas recursos financeiros para que possam adquirir bens materiais, mas a ideia de funcionalidade e certo status social que influencia diretamente nas suas relações pessoais e profissionais. A perda da atividade profissional, desta forma, pode implicar em mais do que redução salarial, mas em alguns casos, na perda da própria identidade. Muitas pessoas se reconhecem e se definem a partir do que produzem, portanto, fechar esse ciclo pode gerar um certo vazio referencial. (SILVA; TURRA; CHARIGLIONE, 2018)

Paula, Fernandes e Souza (2014) acreditam que quando os idosos internalizam os estereótipos e saem do mercado de trabalho, esse declínio funcional tende a trazer prejuízos para a saúde. As autoras afirmam que envelhecer mantendo as capacidades funcionais não representa nenhum problema, e que a queda da funcionalidade da pessoa idosa pode ser oriunda de fatores diversos, em que gradativamente podem surgir inúmeras questões, como por exemplo, a necessidade de um cuidador.

É comum o uso da palavra “inativo” para cidadãos aposentados, atrelando à aposentadoria a ideia de estagnação. Silva (2011), entretanto, afirma que a palavra “ativo” está relacionada a diversos outros fatores que ultrapassam a ideia do trabalho. Logo, o envelhecimento ativo está muito mais relacionado ao bem-estar e a qualidade de vida do sujeito do que sua força ou interesse em continuar no mercado de trabalho.

É importante saber diferenciar questões do envelhecimento de patologias. Por

estarem comumente presente em grande parte dos idosos, as patologias podem ser confundidas como condições específicas ou próprias do envelhecimento e por isso, muitas vezes não são tratadas adequadamente. Se, por um lado, a velhice exige certa adaptação a novos padrões de comportamento funcional para o desempenho de diversas atividades; por outro, é imprescindível estar atento para não deixar que condições de saúde evoluam sem o devido tratamento, já que o declínio de funções fisiológicas não determina, necessariamente, na incapacidade do indivíduo (PAULA; FERNANDES; SOUZA, 2014).

A aposentaria pode desestabilizar o sujeito, levando-o a um comportamento pouco saudável, já as condições de trabalho podem, por si só, gerar problemas durante o processo de envelhecimento. Dependendo das condições e organizações de trabalho, o declínio de certas capacidades funcionais pode ser acelerado ou retardado, em virtude do desgaste físico ou emocional ao qual o trabalhador é submetido (SATO et al., 2017).

Ao mesmo tempo em que o trabalho pode trazer uma sensação de utilidade, pertencimento e sociabilidade, por outro, pode trazer diversos malefícios decorrentes de contextos inadequados. No Brasil, por conta de as aposentadorias serem, em geral, baixas, é comum que idosos aposentados sejam ainda ativos profissionalmente. Aqueles que ainda possuem condições básicas para exercerem suas ocupações, continuam atividades a fim de complementar a renda. Todavia, essas atividades nem sempre são adequadas às condições físicas atuais desses indivíduos. (ROBAZZI et al., 2009).

Silva, Turra e Chariglione (2018) entendem que assim como o trabalho, a aposentadoria traz consigo aspectos positivos e negativos. Dentre os aspectos negativos, destaca-se a depressão, mal recorrente em todas as faixas etárias atualmente. As incertezas e o despreparo para essa transição podem gerar um incômodo excessivo, assim como insatisfação com a nova condição. É comum que idosos aposentados se sintam inúteis e ociosos, e não raro, esses sentimentos são vistos como comuns e naturais do processo de envelhecimento, não sendo observados e tratados adequadamente.

Alvarenga et al. (2009) afirmam que o despreparo para a aposentadoria pode acarretar inúmeras frustrações e inaptações. Os autores afirmam que o planejamento para a vida pós-aposentadoria minimiza significativamente o impacto deste processo, já que o sujeito vai se programar de acordo com os interesses, condições e necessidade, administrando de forma mais objetiva e positiva com as condições frustrantes às quais possa ser submetido. Ainda de acordo com os autores, quando o idoso relaciona o

trabalho ao estresse, a aposentaria é vista de forma mais positiva. Contudo, quando o idoso vê apenas os aspectos favoráveis do seu trabalho, supervalorizando esta ocupação, tem mais dificuldade em criar boas expectativas com a aposentadoria, não demonstrando grandes aspirações ou planos para a nova etapa.

Para Ribeiro et al. (2018), os idosos com maior escolaridade são os que mais permanecem trabalhando após a aposentadoria por conta da perda das gratificações, e por isso são os que mais demonstram interesse em continuar no mercado de trabalho por questões financeiras. Como o mercado de trabalho formal é muito seletivo com relação a idade, cada vez mais os idosos têm se engajado no mercado informal de trabalho, assumindo tarefas em tempo parcial, temporárias e autônomas.

Embora a motivação financeira para continuar no mercado de trabalho seja uma realidade, Alvarenga et al (2009) afirmam que fatores subjetivos são os mais significativos para a manutenção de um vínculo empregatício. A ideia de simplesmente abrir mão de diversos valores conquistados após muitos anos e muitas lutas, parece ser absurdamente assustadora e sufocante. Por conta disso, é cada vez mais significativa a participação de idosos em trabalhos voluntários. Tais atividades suprem necessidades socialmente representativas e criam possibilidades, novos projetos de vida. A ideia de ajudar o outro acaba por gerar benefícios mútuos, já que o voluntário pode expandir seu círculo social, continuar prestando seu serviço e ainda obter reconhecimento por sua ajuda. Ainda de acordo com os autores, outra forma de aproveitar a aposentadoria de forma saudável é participando de atividades de lazer ou em grupos.

6.3 Saúde e qualidade de vida na velhice

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2015 afirma que “*Não há mais pessoa tipicamente velha*” (p.6). Isso porque o envelhecimento é heterogêneo, e como dito anteriormente, varia de acordo com questões genéticas, sociais e culturais de cada indivíduo. Por conta disso, pensar em saúde e qualidade de vida para a terceira idade não é tarefa simples, já que cada um envelhece de um jeito específico e em ritmo próprio.

O aumento da qualidade de vida de uma forma geral, especialmente em países em desenvolvimento, tem contribuído para uma maior diversidade étnica e racial de velhos, como afirmam Glogoski e Foti (2004). As autoras acreditam que esta população

é predominantemente feminina, composta por viúvas, com salários mais baixos se comparadas aos homens e que vivem sozinhas. Os homens idosos têm probabilidade duas vezes maior de serem casados ou de morarem com suas famílias. Por conta dessa diferença no suporte familiar e das diferenças salariais culturalmente criadas entre homens e mulheres, homens idosos tendem a ter renda familiar superior, suporte assistencial social e de saúde maiores, tendo assim, menor probabilidade de serem institucionalizados.

Tais dados são importantes para se pensar a assistência recebida por homens e mulheres a partir da terceira idade e a importância de se construir políticas públicas de saúde para essa população, assim como redes de apoio. Saúde e qualidade de vida estão diretamente associadas a inúmeros fatores que visam o bem-estar físico, mental, social e cultural, ou seja, o sujeito em sua completude e complexidade.

São conhecidos como determinantes sociais de saúde (DSS), fatores não biológicos que, genericamente falando estão relacionados às condições de vida e trabalho dos indivíduos. Os DSS *“são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população”* (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2017, p. 78). Tal conceito é de total importância para se compreender a ocorrência ou incidência de determinadas condições de saúde em uma parcela específica da população e contribui para a construção de estratégias de prevenção e cuidados.

A teoria dos DSS implica diretamente na ideia de que fatores socioeconômicos exercem influência significativa na saúde e doença dos indivíduos. Tal ideia só ganhou corpo e importância a partir da Conferência de Alma-Ata, em 1978, sendo então um conceito relativamente novo nas formas de fazer e entender os processos de saúde. A partir da ideia de DSS, foi possível compreender as iniquidades em saúde e assim entender as especificidades individuais e coletivas. (SOUZA; SILVA; SILVA, 2013)

Afirmamos anteriormente que o envelhecimento ativo está diretamente associado à qualidade de vida, ou seja, a fatores que tragam a sensação de bem-estar e pertencimento na terceira idade, quando eventos muito significativos podem ocorrer, como é o caso da aposentadoria, a viuvez, o divórcio ou a redução no contato com os filhos. Para Miranda e Banhato (2008), participar de atividades coletivas é uma das formas de afastar o isolamento, manter-se físico e socialmente ativo e afastar as ideias de inutilidade e restrição associadas à velhice. O idoso que participa de grupos, sejam eles de quaisquer espécies, sentem-se muito melhor consigo mesmos. A religião também

é uma grande aliada na manutenção de qualidade de vida de adultos maiores e idosos. A sensação de identidade e o conforto espiritual podem ser fundamentais para o enfrentamento de situações estressantes. Em suas palavras:

Participar ativamente de um grupo pareceu interferir positivamente na avaliação do idoso relativamente à sua qualidade de vida, pois proporciona um suporte social, contribui para minimizar os sentimentos de solidão e abandono. Do mesmo modo, a atividade também parece ser um importante fator, já que ajuda a reforçar no idoso o sentimento de valor pessoal, ao mesmo tempo em que possibilita uma forma de crescimento pessoal. (p.79)

Sloane-Seale e Kops (2012) baseiam-se na teoria da atividade para afirmar que um envelhecimento bem-sucedido está diretamente relacionado com a atividade, pois manter-se ativo pode contribuir para a saúde, o bem-estar, o funcionamento físico e cognitivo e para a autopercepção de saúde. E vão além ao defender a ideia de que ao promover diversos benefícios para os idosos, a atividade relaciona-se diretamente com a redução da mortalidade precoce. Em suas palavras:

A teoria da atividade indica que o envelhecimento bem-sucedido, incluindo a satisfação de vida, bem-estar e a autonomia, leva à falta de doença. A conclusão é que a má saúde não é um processo inevitável e as pessoas podem tomar precauções para garantir um envelhecimento bem sucedido. (p.28)

Importante ressaltar, entretanto, que a participação nesses grupos e atividades, devem ser a partir da escolha e interesse individuais. Atuar em práticas apenas para passar o tempo ou sair da monotonia, exercendo funções sem sentido real para o sujeito, é uma prática alienadora que dá ao idoso a responsabilidade de seguir em frente e a necessidade de aceitar as novas condições às quais são expostos. Toda prática ocupacional deve ser dotada de sentido para o participante, sendo o seu interesse o foco principal. Toda ação que ignora a subjetividade, tende a ser disciplinadora e meramente ilustrativa, não contribuindo para a satisfação pessoal real do indivíduo. (TEIXEIRA, 2007)

Conforme tratado anteriormente, muitos idosos continuam profissionalmente ativos mesmo após sua aposentadoria. Essa participação só é possível graças ao aumento, não apenas da longevidade, como também da qualidade de vida e preservação das funções físicas e cognitivas de adultos maiores. O trabalho pode contribuir para a manutenção de saúde, desde que sejam respeitadas quaisquer limitações existentes, caso existam. Para que idosos possam continuar contribuindo com sua experiência e

participação ativa no mercado de trabalho, é necessário que algumas mudanças ocorram na forma de perceber e compreender a velhice. A associação entre envelhecimento e fragilidade, por exemplo, deve ser repensada, assim como muitos estereótipos negativos relacionados à velhice que não apenas são cada vez mais incoerentes com a realidade, como também criam uma correlação equivocada sobre a maturidade. (SÁ et al., 2011)

O sistema capitalista valoriza a máxima produtividade, e por conta dos estereótipos, tendem a minimizar a participação dos idosos. Entretanto, cada vez mais a lógica do ritmo acelerado tem sido substituída pela lógica da motivação. Sabe-se, portanto, que um sujeito produz mais à medida em que o ambiente de trabalho, assim como suas condições são adequadas às suas necessidades. Para Sá et al. (2011):

O trabalho, por influenciar positiva ou negativamente o indivíduo, necessita ser avaliado e adaptado às características do trabalhador para que seja, predominantemente, fonte de prazer e saúde. Tal premissa torna-se singular no caso do trabalhador idoso, que está em uma fase de múltiplas alterações e adaptações, as quais necessitam ser compreendidas e acompanhadas pelo mundo dinâmico do trabalho, quando não pelo próprio indivíduo. (p.541)

Toldrá et al. (2014) afirmam que a qualidade de vida dos idosos está intimamente ligada à manutenção de seus direitos, dentre eles o direito a serviços de saúde adequados. Os autores relacionam também qualidade de vida à permanência da independência e autonomia. Apesar de serem comumente usados como sinônimos, independência e autonomia são conceitos diferentes que implicam diretamente na forma como cada indivíduo vai ou não realizar suas atividades de vida diárias. Nas palavras de Ferreira et al. (2012):

A autonomia pode ser definida como a liberdade para agir e tomar decisões no dia a dia, relacionadas à própria vida e à independência. Pode também ser entendida como a capacidade de realizar atividades sem a ajuda de outra pessoa, necessitando, para tanto, de condições motoras e cognitivas suficientes para o desempenho dessas tarefas. No entanto, autonomia e independência não são conceitos interdependentes, haja vista que o indivíduo pode ser independente e não ser autônomo, como acontece, por exemplo, nas demências. Ou então, ele pode ser autônomo e não ser independente, como no caso de um indivíduo com graves sequelas de um acidente vascular cerebral, mas sem alterações cognitivas: nessa situação, ele é autônomo para assumir e tomar decisões sobre sua vida, mas é dependente fisicamente. (p. 514)

Determinada por fatores fisiológicos, ambientais, sociais, culturais e econômicos, qualidade de vida se configura como um fenômeno altamente complexo e subjetivo, que inclui satisfação global com a vida. A manutenção da qualidade de vida

na velhice está relacionada com a capacidade individual de adaptação às novas condições oriundas da idade e das novas relações sociais estabelecidas no processo de envelhecimento, assim como a capacidade de continuar criando projeções futuras e aumentar ou manter as redes sociais de suporte. A percepção positiva da velhice favorece comportamentos adaptativos ao fenômeno irreversível do envelhecimento. Compreender de maneira otimista novas condições biológicas ou ambientais, contribui para a construção de alternativas para o desempenho das ocupações desejadas. (DAWALIBI et al., 2013)

6.4 Cognição e envelhecimento

A velhice, como já foi mostrado aqui, pode potencializar patologias adquiridas no decorrer da vida, bem como facilitar o aparecimento de novos problemas, decorrentes de declínios naturais do envelhecimento. Entretanto, apesar de sofrer delicadas alterações, a cognição dos idosos não deve ter um comprometimento grave. Quaisquer alterações significativas na cognição, da mesma maneira como foi relatada na questão física, deve ser investigada como um possível surgimento de processo patológico, ou seja, que devem ser cuidadosamente tratadas, independentemente da idade do indivíduo (GLOGOSKI; FOTI, 2004).

Um dos aspectos que causam grande preocupação no idosos é a perda de memória. Alterações na memória que não comprometam o desempenho em atividades cotidianas são considerados normais, porque a memória está diretamente relacionada à retenção, armazenamento e recuperação de informações. Esses três aspectos podem ficar sutilmente comprometidos com o decorrer dos anos e por conta disso, pode haver implicações na memória. Além disso, a memória tem uma íntima relação com a atenção, e Spirduso (2005) afirma que os idosos, tal como bebês e crianças, têm mais dificuldade em inibir pensamentos não relevantes à tarefa que estão fazendo, ou seja, tendem a perder o foco com maior facilidade. Para Ladewig (2000): *“A atenção exerce uma função muito importante na capacidade de retenção de informações relevantes, pois é através dela, associada aos processos de controle, que guardamos informações na memória de longa duração.”* (p. 63)

Kreis et al. (2007) acreditam que existem dois tipos de atenção: a seletiva e a dividida. A seletiva consiste na capacidade de distinguir informações importantes e/ou

pertinentes. A dividida incide na aptidão de processar mais de uma informação ao mesmo tempo. Por questões fisiológicas, muitas vezes uma, ou até mesmo essas duas atenções podem estar comprometidas. Apesar de existirem comprometimentos cognitivos, ainda que leves em idosos saudáveis, Glogoski e Foti (2004) afirmam que a maioria dos idosos conseguem compensar os déficits causados pela idade com outros recursos que, de certa maneira, equilibrem o processamento das informações.

Logo, a exposição de idosos a diversos conteúdos novos não é, necessariamente, prejudicial a eles tendo em vista que a capacidade de compreensão e processamento de novos aprendizados não estão, obrigatoriamente, comprometidos por conta da idade. A memória de trabalho, ou memória operacional, pode apresentar certos níveis de comprometimentos em idosos, mas em geral esse comprometimento está relacionado a outras questões como o estresse, a ansiedade e a depressão, além de fatores genéticos e individuais. A questão do comprometimento da memória em idosos existir ou não, não é ponto pacífico, entretanto, Mascarello (2013) afirma que:

Mesmo existindo essa dicotomia, pesquisadores parecem chegar a uma mesma conclusão ao observar que as falhas de memória podem ser decorrentes de outras dificuldades e não simplesmente de guardar a informação e depois buscá-la/recuperá-la. Já é sabido que as funções cognitivas se envolvem também com outras funções superiores, como a atenção, a motivação, a criatividade e recebem influências diversas do ambiente, da carga emocional envolvida, da ansiedade, do humor, do estilo de vida, dentre outros fatores (p. 57).

Como os estereótipos da velhice são, em geral, negativos, acredita-se que o aprendizado a partir da terceira idade, fica não apenas comprometido, como também bastante inviável. Na contramão do que o senso comum prega, especialistas de diversas áreas discutem o poder da educação e a permanente capacidade de aprendizado. Oliveira e Oliveira (2004) afirmam que: “*A educação se configura como uma alavanca de resgate para a autoestima, autoconfiança, qualidade de vida dessa faixa etária*” (p. 5). As autoras asseguram ainda que a velhice não é fator impeditivo para a aquisição de novos conhecimentos e acreditam que, mais do que focar em aspectos positivos ou negativos do envelhecimento, faz-se necessária uma abordagem realista e de bom senso sobre contextos que envolvem a pessoa idosa.

Não é incomum que idosos reproduzam os estereótipos negativos relacionados à idade e com isso sintam-se desmotivados a tentar novas experimentações. Muitos são influenciados negativamente pelo que ouvem e acabam por apresentar um comportamento apático diante de novos desafios. Entretanto, tal comportamento não

deve ser visto com naturalidade. A falta de motivação em idosos é gerada muito mais por aspectos socioculturais do que individuais. Kreis et al. (2007) acreditam que o comprometimento de aspectos emocionais não está atrelado ao aumento da idade, mas, principalmente, a questões externas ao indivíduo, não tendo portanto base biológica. Podendo se configurar apenas como resultado dos estereótipos sobre a velhice.

Se o processo de envelhecimento não traz por si só um comprometimento significativo das funções dos sujeitos, idosos continuam plenamente capazes de aprender. Mas o aprendizado em si é tarefa complexa em qualquer faixa etária, porque necessita de condições adequadas para a aquisição real de um determinado conhecimento, já que a aprendizagem difere de desempenho. Um indivíduo pode ter um bom desempenho em determinada atividade sem, necessariamente, tê-la aprendido.

Ao passo que aprendizado requer mudança e disponibilidade, ele acaba por ser um processo contínuo e diário. O tempo todo somos submetidos a novas informações, novas formas de ver o mundo e executar tarefas porque aprendizado ultrapassa as paredes de ambientes educativos formais. As trocas estabelecidas no cotidiano podem trazer novos saberes e proporcionar experiências ainda não vivenciadas. Desta forma, ao interagir com outras pessoas em suas atividades simples e habituais, os idosos são capazes de transferir e reter novos saberes constantemente.

A aprendizagem efetiva requer do indivíduo a capacidade de transferir, ressignificar, assimilar e reelaborar. Doll, Machado e Cachioni (2016) destacam a importância de se considerar aspectos afetivos além dos técnicos, no processo de inclusão, já que a motivação ao aprendizado surge a partir de aspectos subjetivos. Os autores afirmam ainda que a inclusão digital pode proporcionar um encontro intergeracional interessante para todos os envolvidos.

O desempenho é a capacidade do indivíduo em executar uma determinada tarefa que lhe foi ensinada, quando as instruções foram dadas, seguindo as dicas ou a assistência do instrutor, ou seja, é a sua capacidade imediata de reproduzir o que lhe foi transmitido. Já a aprendizagem é mais complexa, porque está relacionada com a capacidade de o indivíduo reproduzir posteriormente o que lhe foi ensinado, sem auxílio de um instrutor, além de poder transferir o que lhe foi ensinado para contextos diversificados. Ou seja, na aprendizagem, a informação é transferida da memória de curto prazo para a memória de longo prazo (FLINN; RADOMSKI; LATHAM, 2013)

Sendo assim, a aprendizagem não é apenas um processo mecânico de reprodução, embora a repetição faça parte do processo de aprendizagem de uma forma

geral. Contudo, para que a pessoa de fato compreenda o que está fazendo, a informação ou atividade deve fazer sentido para o sujeito. Ignorar a importância daquele aprendizado para o cotidiano, pode resultar até em um bom desempenho, mas não necessariamente em um aprendizado real.

Paulo Freire (1959), renomado educador brasileiro, em suas obras, sempre fala do poder de voz e da potência dos saberes e interesses individuais para a construção dos conhecimentos. Pensa de forma crítica que não é possível ensinar e aprender de verdade se a educação for meramente bancária, ou seja, no tradicional modelo em que o professor aparece como único detentor do conhecimento, e o aluno como um sujeito sem saberes úteis, incapaz de contribuir para a formação de novos aprendizados. Ele ultrapassa a lógica hierárquica de saber e, conseqüentemente, de poder presente no processo educativo. Por conta desse pensamento crítico e político, ele foi exilado após o golpe militar brasileiro de 1964, mas também o tornou um dos educadores mais respeitados e lidos no mundo. Suas teorias inclusive receberam releituras de outras áreas de conhecimento, como afirmam Emmerich e Fagundes (2016):

As teorias de Paulo Freire cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências para além da América Latina, e fortaleceram-se no auxílio não só de educadores, mas também de profissionais da saúde, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais, sendo seu pensamento considerado um modelo de transdisciplinariedade. (p.2)

Ao criar teoria da aprendizagem significativa, Ausubel (1983) se contrapõe ao modelo mecanicista de educação e insere aspectos pessoais e subjetivos como relevantes na construção do conhecimento e afirma que o fator mais determinante no processo de aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Partindo das relações de suas histórias de vida com o cotidiano, o aprendizado se torna mais eficiente. Entender os interesses e necessidades, assim como ter um olhar atento ao contexto sociocultural do aprendiz, é de suma importância para a construção de conhecimentos sólidos e eficientes. O professor, portanto, não deve focar apenas na transmissão de seu conteúdo de forma fixa e isolada, mas ter uma postura contextualizada e aberta, incluindo a família e os fatos históricos sociais importantes para o aluno ou grupo.

Já Santos (2008) entende que a aprendizagem só é possível se quatro pressupostos básicos forem trabalhados: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir em diferentes contextos. Cabendo ao professor a função de provocar o interesse pelos novos conhecimentos, atuando

como mediador, aguçando o interesse do aprendiz, dando sentido para o que será estudado.

Independentemente da teoria ou autor escolhido, entende-se que a educação é uma via de mão dupla que funciona com muito mais fluidez quando todos os sujeitos envolvidos no processo tenham voz e sejam respeitados em suas individualidades, tempo e conhecimentos prévios. A educação, portanto, se constrói coletiva e horizontalmente, e independe de gênero, idade ou classe social. Todos são capazes de aprender desde que sejam consideradas suas especificidades e respeitadas suas limitações, e o processo de aprendizagem deve ser prazeroso para todos os envolvidos. Para Toschi e Silva (2016):

A mediação pedagógica que considera o impacto da afetividade no processo de aprendizagem é permeada por respeito, empatia, compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno como objeto de conhecimento como também afetam a autoestima do aluno, ao favorecer sua autonomia e confiança. (p.3)

A construção de vínculos afetivos e construções identitárias no processo de aprendizagem geram maior satisfação e sensação de pertencimento. No caso do idoso que já sofre constantes restrições físicas e sociais e sente a potência da estigmatização, é necessário criar um ambiente de segurança, conforto e confiança para que ele consiga expressar suas dificuldades sem constrangimento. Além disso, é de suma importância pensar e trabalhar conteúdos e objetos de interesse para o idoso. Roldão (2009) afirma que a aprendizagem contínua é importante, em especial na terceira idade, por diversos fatores, dentre eles, pelo *“fato de possibilitar apoio e relações com outras pessoas, além de aprendizagem voltada para questões específicas de interesse do idoso. Tais fatores podem promover resiliência e favorecer a adoção de condutas resilientes.”* (p.68)

A capacidade de aprendizado do idoso não desaparece com o decorrer dos anos. Todos são plenamente capazes de aprender, independentemente da idade. Embora haja uma crença popular de que o idoso apresente mais dificuldade em aprender ou aprende menos e de maneira mais lenta, é necessário salientar que cada pessoa necessita de estratégias e ritmos diferenciados para obter determinado conhecimento. Além disso, a disposição e o interesse pelo que se está aprendendo são fatores importantes no processo. Une-se se a isso o histórico de vida de cada pessoa, ou seja, um idoso que tem maior grau de instrução, muito provavelmente terá mais facilidade em assimilar novos conhecimentos técnicos, se comparado a um idoso analfabeto, ou até mesmo um jovem

com pouca instrução formal. A escolaridade tem surgido cada vez mais como aspecto essencial no desempenho de novas habilidades cognitivas. Em suas pesquisas, Souza e Wechsler (2013) apontam:

Conclui-se que o nível de escolaridade é um fator determinante no desempenho nas habilidades cognitivas, sendo esse um fator de atenção no atendimento ao idoso, mostrando a importância não apenas social das Universidades Abertas à Terceira Idade. Promover espaços que, além da convivência, proporcionem aumento do conhecimento e manutenção das faculdades intelectuais pode favorecer os idosos tanto intelectualmente quanto do ponto de vista do bem estar psicológico. Da mesma forma faz-se importante o desenvolvimento educacional desde a infância como forma de prevenção cognitiva na velhice, já que o nível educacional alcançado na juventude influencia o desempenho em testes de habilidades cognitivas entre idosos. (p.650)

Para Sloane-Seale e Kops (2012), a relação entre maior escolaridade e melhores resultados em testes cognitivos também pode ter envolvimento com as questões sociais relacionadas. Se a velhice não é diversificada e o processo de envelhecimento pode ser mais ou menos afetado por conta das condições de vida dos sujeitos, a escolaridade tem relação direta com a qualidade de vida e de envelhecimento. Uma pessoa com alta escolaridade tem melhores chances de ter um bom trabalho, logo uma renda maior e maior qualidade de acesso a serviços e bens que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida. Tendo uma qualidade de vida melhor no decorrer dos anos, tende a ter um envelhecimento menos comprometido, e caso tenha alguns problemas, estes poderão ser melhor tratados.

A participação dos idosos em atividades educativas na velhice pode ser associada a diversos fatores, dentre eles o aumento de tempo livre e a morte do cônjuge, por exemplo. E a educação, por sua vez tem a capacidade de melhorar em muito a vida de adultos maiores e velhos, já que tem o potencial de aumentar os índices positivos relacionados à saúde por estar diretamente relacionada à fatores socioeconômicos. As próximas gerações de idosos tendem a ser cada vez mais escolarizadas. Por isso, a experiência da velhice tende a se modificar com o passar dos anos, já que as futuras gerações de idosos podem ter uma participação social cada vez maior (SLOANE-SEALE; KOPS, 2012).

A maior participação social e interação, tende a melhorar o humor e a visão positiva sobre a vida na velhice, o que é de extrema importância, já que depois dos distúrbios cognitivos, a depressão e a ansiedade são os distúrbios mais comuns entre os idosos. Glogoski e Foti (2004) acreditam que, apesar do número de idosos com

depressão grave ser pequeno, cada vez mais se tornam significativos os casos de depressão subclínica acompanhado pelos sintomas de disforia. Para as autoras, a ansiedade também é comum, na velhice mas raramente o primeiro episódio acontece tão tarde. É um distúrbio que não costuma receber menos atenção por conta das justificativas, inclusive de base biológica, ao comportamento do idoso. Ambos os distúrbios podem coexistir e vão interferir de maneira significativa no aprendizado do idoso, já que afetam a atenção e conseqüentemente a memória. Estar ansioso em alguns momentos é natural, a ansiedade só se torna um problema bastante relevante quando se torna aguda. Para Camargo (2009):

Para a maioria dos alunos, a educação escolar provoca um certo nível de ansiedade, a qual, provavelmente aumenta a actividade facilitando a aprendizagem. No entanto, quando a ansiedade se torna aguda, inibindo a natural predisposição para aprender, produz a desorganização das respostas cognitivas. Elevados níveis de ansiedade assumem um carácter prejudicial porque provocam dificuldade em transformar tensão em acção construtiva, tornando difícil enfrentar um problema. (p.4)

Em consonância aos fatos e teorias previamente explicitados, a perspectiva *Life-Span* foi elaborada num campo interdisciplinar a fim de aferir fatores que afetam, de distintas formas, os desenvolvimentos dos sujeitos, compreendendo que o curso de vida e as formas de desenvolvimentos são atravessadas por diversos aspectos além do biológico. Uma das premissas desta perspectiva é a de que desenvolvimento cognitivo ocorre durante toda a vida, independentemente da idade. Além disso, compreende que os declínios e ganhos são possíveis em todo desenvolvimento, o que afasta da velhice a obrigatoriedade das perdas. Essa perspectiva abre muitas possibilidades para os idosos ao compreender que os treinos e estímulos corretos são capazes de proporcionar um melhor desenvolvimento. Por isso, a educação na velhice tem grande visibilidade em tal teoria, já que é fundamental para equilibrar os ganhos gerados por ela com as perdas inevitáveis (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012).

Outro fator importante no processo de envelhecimento é o que Sloane-Seale e Kops (2012) denominam de adaptabilidade e flexibilidade; Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) entendem como plasticidade; e Fontes e Neri (2015) chamam de resiliência, que é a capacidade de o indivíduo se ajustar de acordo com as novas situações às quais é submetido. Essa capacidade é de grande significância na velhice pois é o que permite o idoso manter-se no desempenho de suas atividades, criando os ajustes compensatórios necessários, assim como para aprender novas tarefas, criando alternativas de fazê-las.

Sobre o aprendizado de novas tecnologias, Souza e Sales (2016) acreditam que grande parte da dificuldade dos idosos no manuseio do celular, deve-se ao fato de que essas tecnologias são construídas, em sua maioria, para o público jovem, já acostumado ao ambiente virtual, não sendo portanto tão acessível e intuitiva para o público idoso, o que acaba promovendo certa exclusão dos mesmos nos ambientes virtuais, e por conseguinte diminuindo sua participação social.

Wang, Rau e Salvendy (2011) trabalham com o Modelo de Aceitação de Tecnologia. Este modelo aponta quatro fatores como essenciais para que o idoso aceite e aprenda a utilizar dispositivos tecnológicos, são eles: a percepção e facilidade do uso, a satisfação das necessidades, a disponibilidade de suporte e a aceitação pública. Destes, os autores sinalizam como mais significativos, a disponibilidade de suporte e a satisfação das necessidades. Com relação às variáveis que afetam a aceitação, a utilidade emerge como fator mais potente, seguida pela facilidade de uso e influência pública. A linguagem adequada, os assistentes de treinamento e o foco nas necessidades surgem como facilitadores no processo de aprendizagem de novas tecnologias. Ressalta-se também a influência das experiências, do interesse e das habilidades cognitivas na aceitação de tecnologias.

A dificuldade no aprendizado de novas tecnologias está muito mais voltada para a tecnologia do que para o idoso. Com aparelhos pensados para outras faixas etárias, falta de suporte familiar eficiente para o uso da tecnologia, incompreensão das usabilidades dos aparelhos e linguagem específica, o ambiente virtual se torna severamente hostil para o idoso inexperiente. A partir do momento em que essas barreiras são ultrapassadas, adultos maiores e idosos tendem a demonstrar maior interesse, e conseqüentemente mais facilidade no uso dos dispositivos (WANG; RAU; SALVENDY, 2011)

A educação tem cada vez mais se projetado como um caminho importante para uma velhice saudável devido a suas incontestáveis contribuições em diversos âmbitos da vida dos indivíduos. Na velhice, especialmente, por conta de aspectos múltiplos, os sujeitos podem se beneficiar ainda mais de uma educação continuada. Por isso, Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) acreditam que seja necessário maior cuidado e interesse na educação para idosos, que ultrapassem a EJA e as Universidades Abertas da Terceira Idade. A criação de espaços integradores e especializados tendem a contribuir expressivamente para um envelhecimento mais saudável de gerações futuras. Nas palavras de Bauman (2009):

Mais precisamente, no ambiente líquido-moderno a educação e a aprendizagem, para terem alguma utilidade, devem ser contínuas e realmente por toda a vida. Nenhum outro tipo de educação ou aprendizagem é concebível; a “formação” dos *eus* ou personalidades é impensável de qualquer outra maneira que não seja uma reformação permanente e eternamente inconclusa. (p. 154)

A educação, seja ela formal ou informal, se projeta como instrumento agregador de conhecimento e de saúde. Ela contribui para a manutenção ativa dos sujeitos tanto física quanto cognitiva e socialmente. A partir dos novos aprendizados, os indivíduos vão construindo novos sentidos para suas práticas cotidianas e agregando valor aos saberes acumulados.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As perguntas do questionário com as frequências e os percentuais das respostas em cada categoria, estão dispostas conforme ordem numérica, de acordo com a sequência em que foram discutidas com os participantes. Como algumas perguntas são compostas, foram necessárias mais de uma tabela para o agrupamento das categorias. Em alguns casos, a frequência simples e percentual das categorias somadas ultrapassam o valor total. Isso se deve ao fato de que alguns participantes forneceram respostas que aparecem em mais de uma categoria.

A pergunta 01 (Tabelas 1 e 2) refere-se à posse e ao tipo de dispositivos eletrônicos utilizados pelos participantes. A pergunta 02 (Tabelas 3, 4 e 5) trata sobre a internet e os possíveis interesses dos entrevistados. A pergunta 03 (Tabelas 6 e 7) aborda as dificuldades observadas no uso de tecnologias. A pergunta 04 (Tabelas 8, 9 e 10) trata sobre redes sociais. A pergunta 05 (Tabelas 11, 12 e 13) aborda o interesse em participar de cursos que visam a inclusão digital. A pergunta 06 (Tabelas 14, 15 e 16) questiona o impacto das redes sociais nas relações interpessoais. A pergunta 07 (Tabelas 17 e 18) trata sobre a tecnologia presente no transporte público. A pergunta 08 (Tabelas 19 e 20) se refere a tecnologia presente nas agências bancárias. A pergunta 09 (Tabelas 21 e 22) indaga sobre o uso de cartões de crédito e débito. A pergunta 10 (Tabela 23) retrata opiniões sobre a tecnologia de uma forma geral. A pergunta 11 (Tabela 24) se refere a prática de atividades remuneradas. A pergunta 12 (Tabelas 25, 26 e 27) aborda o respeito na terceira idade. A pergunta 13 (Tabela 28) é sobre participação social de idosos. A pergunta 14 (Tabelas 29 e 30) busca uma comparação entre os idosos de hoje e os de gerações anteriores. A pergunta 15 (Tabelas 31, 32 e 33) é sobre qualidade de vida, comparando com gerações anteriores. A pergunta 16 (Tabela 34) trata do envelhecimento. A pergunta 17 (Tabelas 35,36 e 37) aborda as atividades cotidianas em comparação a gerações anteriores.

Tabela 1: Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	16	80,
Não	4	20,

Total	20	100,
-------	----	------

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 2: Dispositivos utilizados pelos entrevistados

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Celular	16	64,
Computador	6	24,
Tablet	3	12,
Total	25	100

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 1 mostra que grande parte dos entrevistados tem algum aparelho eletrônico de comunicação, ainda que o conceito sobre tecnologia de alguns entrevistados tenha sido aparentemente atravessado por preconceitos aos quais são submetidos. O melhor exemplo nesse caso foi o de idosos que após a pergunta refletiram e disseram que não tinham celular. Em seguida mostraram um aparelho celular mais antigo e perguntaram receosos se aquele dispositivo também servia. Alguns demonstraram vergonha por não ter um smartphone. Em resposta a questão 01, (Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?) apareceram respostas como:

Só meu celularzinho pequeninho (Entrevista 11)

Não. Eu tenho somente o telefone que só liga e mais nada. (Entrevista 14)

Não. Só ligação. Tem celular só pra fazer ligação. (Entrevista 20)

Souza e Sales (2016) afirmam que os celulares fazem parte do cotidiano de grande parte da população, e indicam que apesar de existirem aparelhos mais tradicionais com acesso a internet, há um processo gradativo de substituição por aparelhos cada vez mais rápidos e modernos que respondem ao toque na tela e permitem a instalação de diversos aplicativos, os chamados smartphones.

Os smartphones têm cada vez mais ganhando projeção devido à sua portabilidade e conectividade, ou seja, através de um aparelho celular hoje é possível realizar diversas tarefas que antes só poderiam ser feitas na frente de um computador. Considerando o seu preço e suas funcionalidades, quando há necessidade de escolher entre os dispositivos, muitos preferem investir na compra de um smartphone ao invés de um computador ou tablet, por acreditar no custo-benefício da aquisição.

Os dados da tabela 2, foram preenchidos a partir da resposta de 16 participantes, dentre os quais alguns afirmaram possuir mais de um aparelho, nela é possível observar que o celular é o dispositivo mais utilizado pelos entrevistados, adotado por 100% do total de participantes que possuem algum dispositivo (f= 16). Tal resultado corrobora com a teoria de que o celular é um dispositivo democrático, amplamente utilizado por pessoas de todas as faixas etárias, não sendo restrito também a uma classe social específica, como afirmam Souza e Sales (2016).

Apesar de os smartphones, de uma forma geral, terem design e usabilidade pensadas e produzidas para jovens, sua adesão é bastante ampla pelas diversas faixas etárias, já que as opções específicas para um determinado grupo são escassas. Wang, Rau e Salvendy (2011) acreditam que tecnologias voltadas para os idosos poderiam contribuir para sua maior adesão. Tais dispositivos não deveriam restringir ou discriminar de forma alguma o usuário, mas fornecer uma interface mais intuitiva e flexível a fim de respeitar as necessidades específicas do grupo. Os autores acreditam ainda que produtos voltados para o público idoso devem visar a usabilidade, a fim de que o usuário compreenda a necessidade do produto e aumente sua satisfação na experiência do manuseio. Contudo, não são muitas as empresas interessadas em criar tecnologias específicas para os idosos, quer seja por ter um foco maior no público jovem, quer seja por acreditar que futuramente isso não será necessário.

No caso Brasil, as companhias que oferecem celulares específicos para idosos, não criam produtos necessariamente interativos e integradores, já que partem do princípio da simplicidade. Os aparelhos vendidos como sendo para idosos contam com teclas grandes e botão de emergência, que quando acionado, liga imediatamente para o contato cadastrado. Se por um lado o produto pode atrair pela facilidade do uso e pela simplicidade dos comandos, por outro é modesto em número de recursos disponíveis e aparência, o que pode causar certo constrangimento em situações de coletivas.

Pensar alternativas agregadoras de acessibilidade e inovação parece ser o caminho justo para proporcionar uma experiência agradável e completa, de forma mais simples e adaptada. Considerar as necessidades do público idoso se faz cada vez mais necessário por conta do progressivo envelhecimento populacional, e a inclusão ou exclusão digital hoje, implicam diretamente na participação social dos sujeitos.

Tabela 3: Você costuma acessar a internet?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Não	12	60,
Sim	8	40,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 4: Principais interesses na internet

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Religião	3	30,
Artesanato	2	20,
Trabalho	2	20,
Jogos	1	10,
Família	1	10,
Saúde	1	10,
Total	10	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 5: Motivos para não acessar a internet

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Inabilidade	8	66,67
Desinteresse	4	33,33
Total	12	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 3 nos traz um dado interessante porque apesar de 16 participantes declararem ter aparelho celular, apenas metade ($f= 8$) afirma acessar a internet, já que alguns deles possuem aparelhos que não têm possibilidade de conexão. Esse dado indica também que os entrevistados não costumam buscar outra fonte de acesso à internet, como computadores públicos, de familiares, de cursos ou de estabelecimentos comerciais que fornecem acesso mediante pagamento de taxa.

Tais dados refletem o uso de aparelhos mais simples, com funções básicas, assim como também a resistência e/ou falta de exploração de todos os recursos disponíveis no celular. Deve ser considerado ainda que o uso da internet exige, além de um dispositivo apropriado, uma conexão, que é paga. E ainda que o indivíduo tenha todos os recursos disponíveis, é importante que ele aprenda e utilizá-lo. Portanto, todos esses fatores podem contribuir para a exclusão ao ambiente digital.

Para Garcia (2001), as pessoas geralmente demoram um certo tempo para internalizar e absorver novas tecnologias, inclusive a internet. Isso acontece principalmente pela tendência a resistir às mudanças pelo medo do novo, do desconhecido. Portanto, idosos, que não tiveram as redes virtuais participantes de suas formações identitária e social, tendem a expressar mais receio e lentidão a aderir novas tecnologias.

Dos 8 participantes que já acessam a internet, alguns tiveram dificuldade em expressar mais de um interesse na rede, como é possível de observar na tabela 4, sendo a religião a categoria com maior destaque (f= 3), seguida por artesanato (f= 2) e trabalho (f=2). Posteriormente será possível observar que o contato com a família através de aplicativos de mensagens e vídeos não foram considerados funções que necessitam de acesso à internet, porque a família aparece aqui apenas na fala de um participante, entretanto, surge como ponto positivo das redes sociais para a maioria dos entrevistados.

Vale ressaltar que a religião aparecer como o principal interesse dos idosos reflete um traço cultural bastante significativo. Conforme afirmam Ferreira, Guerra e Silva (2018), os grupos religiosos exercem forte influência na velhice, pois servem de suporte social e contribuem para uma melhor aceitação de adversidades e compreensão das perdas vividas.

Palfrey e Grasser (2011) chamam de imigrantes digitais os sujeitos que nasceram antes da era digital. Para tais indivíduos a adaptação ao uso, aos termos e a abstração de determinados conceitos são progressivos e menos intuitivos quando comparados aos chamados nativos digitais. Partindo deste pensamento, é possível inferir que, pessoas mais velhas demonstram maior dificuldade em compreender exatamente o que estão fazendo no ambiente virtual, o que justifica, por exemplo, a não inclusão do contato familiar virtual como uso da internet. O idoso que não está plenamente familiarizado com a rede percebe a internet como algo mais distante e como uma fonte de pesquisa e exploração. É possível observar um discurso aparentemente contraditório, mas que na verdade expressa uma incompreensão do espaço virtual como um todo como ocorre na fala de uma entrevistada que ao ser questionada se acessa a internet, responde:

Não. Porque eu não tenho. Eu acesso pelo face do meu marido. E pesquiso no YouTube. Gosto muito de pesquisar trabalhos manuais, músicas evangélica... Eu gosto de pregações evangélica, parte de culinária, negócio de saúde... (Entrevista 19)

Na fala acima é possível observar que há uma confusão entre acessar a internet e acessar redes sociais. Ainda que ela tenha acesso à internet, compreende que não, porque não faz parte de uma rede social específica. Outra hipótese para a confusão entre uso de internet e aplicativos de mensagens se deve ao fato de que ligações e mensagens de texto e voz são recursos relativamente antigos em aparelhos celulares. Além de realizar chamadas, os celulares enviavam mensagens de texto (SMS), imagens (MMS) e voz (Caixa Postal) sem que o usuário tivesse acesso à internet. Os novos aplicativos de mensagens têm esses e outros recursos de forma mais elaborada, mas como os imigrantes digitais podem apresentar dificuldades em acompanhar o ritmo acelerado de mudanças, essas diferenças não ficam claras.

Guzzi (2010) afirma que a era digital transformou as relações e as sociabilidades ao ampliar o acesso à informação, e ampliou as formas, assim como o ritmo de comunicação possibilitando a globalização. Todavia, esses mesmos fatores contribuem para uma constante desatualização de conceitos.

Vale salientar que os entrevistados que não possuem dispositivos eletrônicos de comunicação, apresentaram certo incômodo com isso. Seus discursos refletem um misto de resistência, curiosidade e interesse. Se por um lado temem o que compreendem como vício, por outro entendem que não ter dispositivos eletrônicos os excluem de determinada forma. Tais sentimentos são possíveis de perceber nas falas abaixo:

Eu tenho meu celular, mas por incrível que pareça eu não gosto muito não. Gosto de falar mais pessoalmente, olho no olho, entendeu? (Entrevista 4)

Eu sou meio... É que com a idade eu sou meio radical com esse negócio de celular. E aí todo mundo tem, os filhos, e a mulher que não sabia, aprendeu agora, aí celular, você sabe como é, vicia um pouco. Eu tenho celular só que eu não uso, nunca usei. (Entrevista 6)

É raro. É raro porque nem internet eu tenho. Tô desatualizada, eu sei disso. (Entrevista 7)

Não. Não sei usar a internet. Não aprendi. Tô tentando aprender. (Entrevista 13)

Nos exemplos acima é possível perceber a resistência ao novo, a atribuição do uso do aparelho celular como algo de certa forma nocivo para as relações, o entendimento de que a tecnologia é algo importante para manter-se atualizado e a intenção de aprender. Os participantes mais resistentes ao uso da internet demonstraram desconforto com os efeitos dela nas relações sociais. Eles acreditam que a internet altere o comportamento social dos sujeitos, tornando-os mais individualistas. Por outro lado,

alguns participantes se sentem excluídos do contexto social atual por não dominarem as tecnologias e demonstram interesse em aprender.

A tabela 5 mostra exatamente essa relação entre falta de habilidade com recursos virtuais e a falta de interesse e aponta para o fato de que a falta de habilidade é vista como principal justificativa para o não uso da internet, despontando como motivo identificado pelo dobro ($f= 8$) de participantes, quando comparado com os que afirmam não ter interesse algum pelo ambiente virtual ($f=4$). Ou seja, dos participantes que não acessam a internet, uma parte maior não o faz por não ter familiaridade com os aparelhos e plataformas virtuais e uma parte menor alega não se interessar pelo universo digital.

Tabela 6: Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	17	85,
Não	3	15,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 7: Principais dificuldades ao manipular dispositivos

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Incompreensão	10	58,82
Impaciência	4	23,53
Problemas de memória	2	11,76
Insegurança	1	5,88
Total	17	100,

Fonte: Elaboração da autora

Na tabela 6 é possível observar que uma parte maior dos entrevistados acredita ter dificuldades em manusear dispositivos eletrônicos ($f= 17$), o que é algo normal. Como foi dito anteriormente, os imigrantes digitais podem apresentar maior estranhamento com dispositivos e contextos que lhes foram apresentados a partir da fase adulta, ou até mesmo na velhice, ao contrário dos que já nasceram na era digital.

A tabela 7 mostra que a incompreensão, quer seja do funcionamento do aparelho quer seja da dinâmica do ambiente virtual, é principal entrave apontado pelos entrevistados ($f= 10$) no uso dos dispositivos. Palfrey e Gasser (2011) afirmam que os

que nasceram em uma era analógica e tem que se adaptar aos poucos ao universo digital enfrentam mais dificuldades, porque o seu modo de aprender é outro, e o aprendizado tecnológico é, para essas pessoas, menos intuitivo. Ao ser questionada sobre a dificuldade no uso de dispositivos eletrônicos, uma entrevistada responde:

Eu acho que tenho dificuldade e muito. Minha neta quer me ensinar, eu digo que não vou aprender, mas vou acabar aprendendo. Porque quando cheguei no hospital semana passada, eu me senti fora do mundo, né?! Todo mundo mexendo no celular e eu... “Ah, tadinha!”. Tem que aprender. Não tem jeito! (Entrevista 10)

Na fala acima é possível observar a noção de necessidade do uso de aparelhos eletrônicos, em especial do celular. Como diversos serviços, produtos e contatos são estabelecidos através da rede, o uso da internet se tornou fator essencial para a inclusão social. Nota-se que a participante coloca o seu processo de aprendizagem digital como algo necessário e inevitável, já que todos que a rodeia fazem uso das tecnologias para se comunicar, e não estar inserida neste novo ambiente a coloca em um lugar à margem dos demais. Bauman (2009) explica este desconforto de estar imóvel, desatualizado, como uma marcante característica da vida atual, em suas palavras: “*A vida líquido-moderna não pode ficar parada. Deve modernizar-se (leia-se: ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassaram a data de vencimento, repelindo as identidades que atualmente estão sendo montadas e assumidas) ou perecer*”. (p. 9)

A impaciência também aparece nos relatos (f= 4). Muito dizem não ter paciência com a tecnologia e acham perda de tempo gastar tantas horas na frente de telas, sozinhos. Esses têm mais dificuldades para compreender a multiplicidade de recursos disponíveis na internet, outros demonstram maior inquietação diante de problemas causados por atrasos e falhas na conexão, assim como no próprio aparelho. Dentre as falas, destacamos:

É... eu quero que seja mais rápido, sabe?! Aí eu não tenho paciência de ficar ali teclando, aí eu pego, fico nervosa, aí eu deixo pra lá. (Entrevista 2).

Eu sou meio elétrico. Me irrita ficar procurando onde tá, como é que é, vai lá, vem cá, busca aqui. (Entrevista 4)

Apesar de ser apontada como uma característica marcante da velhice para o senso comum, a memória só é vista como um problema para dois participantes. Tal dado corrobora com as ideias apresentadas aqui de que apesar de a memória ser afetada com a idade, os idosos criam mecanismos compensatórios para os déficits apresentados e não

apresentam comprometimentos significativos nas suas atividades cotidianas. Todavia, pessoas que apresentam outras necessidades de saúde no decorrer da vida, podem ter o quadro agravado na velhice e uma condição afetar a outra.

Tabela 8: Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Não	11	55,
Sim	9	45,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 9: Redes sociais utilizadas

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
WhatsApp	9	75,
Facebook	3	25,
Total	12	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 10: Opinião sobre as redes sociais

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Bom	14	70
Ruim	6	30,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 8 apresenta números bastante equilibrados entre os participantes que possuem rede social ($f= 9$) e os que não possuem ($f= 11$). É importante ressaltar que o nome de diversas redes sociais teve que ser mencionado de fato, pois a incompreensão do conceito de redes sociais poderia gerar um resultado diferente. Alguns participantes negaram ter rede social antes do término da pergunta e depois refizeram sua resposta por desconhecer que um aplicativo usual fazia parte da categoria.

Na tabela 9 é possível ver que do total de participantes que possuem redes sociais ($f= 9$) apresentados na tabela 8, todos utilizam o *WhatsApp*. O *WhatsApp* é um aplicativo gratuito de mensagens instantâneas bastante popular no Brasil. Ele é disponibilizado através da internet, sendo necessários um número de telefone móvel e

um aparelho para utilização do serviço que tem por objetivos maximizar a comunicação e a interação entre pessoas, independentemente da distância. Através dele, o usuário pode participar de grupos, compartilhar mensagens de texto e voz, vídeos e imagens, ter conversas privadas, além de realizar chamadas de vídeo e de voz.

A outra rede social utilizada pelos entrevistados é o *Facebook* (f= 3). O *Facebook* é uma rede social virtual gratuita em que o participante pode manter contato com conhecidos e fazer novas amizades. Nele é possível compartilhar fotos, mensagens, participar de grupos e acompanhar o conteúdo disponibilizado pelos seus contatos.

Apesar de ambas as plataformas disponibilizarem os serviços de mensagens, no Brasil, o *WhatsApp* é mais utilizado para esta função, ficando para o *Facebook* a tarefa de ser uma espécie de “atualizador de cotidianos alheios”. Ambos são muito utilizados, mas o *WhatsApp* tem uma interface mais intuitiva e um objetivo mais específico. Talvez por esse motivo ele apareça como preferência entre os entrevistados.

Independentemente da rede social escolhida, a participação de idosos em ambientes virtuais deve ser vista positivamente, já que tem um caráter inclusivo e agregador. Verona et al. (2006) afirmam que: “*Os conhecimentos da Internet são ligações para o novo século e, além de serem um caminho para combater a exclusão social que as pessoas idosas vivenciam, são um espaço de comunicação, de troca com pessoas de todo o mundo e de aprendizagem constante*”. (p.191)

A tabela 10 mostra que grande parte dos entrevistados considera as redes sociais boas (f= 14), seguidos pelos entrevistados que as consideram ruins (f= 6). A maioria dos idosos participantes consegue perceber as vantagens das redes sociais em suas relações cotidianas. Até mesmo os que não possuem aparelhos ou acesso necessários, acreditam que o ambiente virtual possa fornecer interação. A maior queixa está relacionada ao fato de que a comunicação virtual tem interferido na socialização presencial.

Só do whatsapp. Bom... Na minha opinião, eu acho que isso aí, essa rede social é... tá deixando até que as pessoas sejam menos carinhosas um com o outro porque se fala pelo whatsapp. Hoje em dia, 90% hoje até dos meus clientes que vai me passar pedido, ele não telefona pra mim: “Oh, eu quero isso, isso e isso!”. Ele passa no whatsapp lá: “Manda isso!”. Então... Você deixa de falar com as pessoas. Com clientes, ou com amigos e tal, pessoa que você gosta, porque tudo dele é digital. Tudo passa direto. (Entrevista 1)

É excepcional! Eu queria tá no tempo deles agora. É excepcional! Fora de sério! É evolução da tecnologia, você tem que aplaudir. Eu não uso mas gosto. (Entrevista 17)

O primeiro exemplo acima mostra o incômodo na alteração das formas de se

comunicar. Apesar de utilizar o serviço de mensagens, o participante percebe o caráter dúbio das redes sociais, já que ao passo em que acelera os processos interativos, reduz outras formas de contato. Nesse sentido, esses idosos dialogam com Siqueira (2010) que afirma que as telas são ambíguas, pois distanciam, mas também trazem novas formas de construir laços e identidades.

Já o segundo, apesar de não participar de redes sociais, entende que elas sejam realmente importantes para as interações e percebe os avanços tecnológicos de maneira positiva. Acredita que neste caso, a rede social funciona uma alternativa interessante de contato. Levy (2010) afirma que a virtualização não substitui, mas complexifica as relações existentes. Em suas palavras: *“A perspectiva da substituição negligencia a análise das práticas sociais efetivas e parece cega à abertura de novos planos de existência, que são acrescentados aos dispositivos anteriores ou os complexificam em vez de substituí-los”*. (p. 217)

Tabela 11: Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Não	11	55,
Sim	9	45,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 12: Motivos para fazer um curso

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Atualização	4	44,44
Aprendizado	3	33,33
Independência	2	22,22
Total	9	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 13: Motivos para não fazer um curso

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Desinteresse	7	63,64
Falta de tempo	4	36,36

Total	11	100,
-------	----	------

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 11 aponta para um certo equilíbrio com relação a percepção da necessidade em participar de iniciativas que favoreçam o uso de dispositivos tecnológicos. Os principais motivadores para a participação em cursos, apontados na tabela 12, são: atualização (f= 4), aprendizado (f= 3) e independência (f= 2). Diante de um contexto em constante mudança, a necessidade de atualização torna-se bastante significativa. Levy (2010) afirma que “*A aceleração da mudança, a virtualização, a universalização sem fechamento são tendências de fundo, muito provavelmente irreversíveis, que devemos integrar a todos as nossas decisões*”. (p. 206)

Considerando as alterações como uma característica atual, a necessidade de atualização e aprendizado apontadas pelos participantes são essenciais para que eles possam atingir ou manter sua independência, ou seja, todos os motivadores apontados pelos entrevistados são muito característicos de um ambiente e constante transformação.

A tabela 13 apresenta o desinteresse e a falta de tempo como principais barreiras para a participação em cursos de tecnologia, entretanto, constam nesta categoria tantos os que não se interessam porque acreditam que não precisam, quanto os que simplesmente afirmam não gostar de tecnologia. Em destaque, dois exemplos:

Não. Ah, porque eu já costumo dizer que não é minha praia. O que eu gosto mesmo é a dança de salão. (Entrevista 4)

Não. Eu acho que o que eu faço já é o suficiente. (Entrevista 18)

Uma hipótese para essa diferença de postura diante da tecnologia pode ser atribuída à forma como essas pessoas foram introduzidas ao ambiente tecnológico e virtual. Palfrey e Gasser (2011) chamam de *colonizadores digitais*, nascidos na era analógica, mas que estão desde o início da era digital participando ativamente. Esses indivíduos tendem a acompanhar a tecnologia de forma sofisticada, apesar de interagirem de forma mais tradicional, pautadas em princípios analógicos. Já os *imigrantes digitais*, segundo os mesmos autores, são indivíduos que nasceram na era analógica e apresentam menor familiaridade com as tecnologias, embora possam aprender ao longo da vida a utilizar os aparatos tecnológicos.

Portanto, tanto os colonizadores quanto os imigrantes digitais são indivíduos nascidos em contexto analógico, mas que apresentarão posturas distintas diante do

universo digital. Enquanto os colonizadores gostam, se arriscam e participam ativamente do ciberespaço e incorporam com propriedade os dispositivos lançados, os imigrantes engatinham no sentido de se apropriar dessas tecnologias.

A outra categoria observada é a dos que não dispõem de tempo para fazer cursos. Neste grupo estão tantos os que não podem abrir mão de seus compromissos quanto os que privilegiam outras atividades pessoais. O trabalho aparece como uma das principais justificativas para a falta de tempo. A rotina de trabalho, tanto dentro quanto fora de casa, atrelada a outros fatores pessoais, despontam como barreiras para o processo de inclusão digital. Sobre falta de tempo, em destaque, duas falas:

Eu sou muito Maria de casa, de fazer as coisas de casa. Então eu acho que eu não vou ter tempo pra isso e a cabeça também não vai ajudar. (Entrevista 3)

Com certeza. Tá faltando é fator tempo também. Queria fazer sim, mas de dia, à noite não. Tá muito perigoso pra você sair assim pra fazer curso. (Entrevista 7)

É possível observar na fala da entrevista 3 que a participante atribui ao trabalho doméstico e fatores associados o seu desinteresse por cursos. A participante 7, por sua vez, demonstra-se interessada, mas não efetiva essa atividade também por falta de tempo. Como tem diversas atividades durante o dia, só poderia fazer o curso no período noturno, mas sente-se insegura por causa da violência. Ou seja, a vida, cada vez mais acelerada exige uma constante atualização, que nem sempre é possível por conta de uma demanda cada vez maior em todos os setores do cotidiano, quer sejam eles públicos ou privados.

Tabela 14: Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Ambos	10	50,
Afastam	5	25,
Aproximam	5	25,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 15: Motivos pelos quais as redes sociais aproximam as pessoas

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
------------	--------------------	-----------------------

Contato com familiares	9	40,91,
Evita deslocamentos	8	36,36
Velocidade na comunicação	3	13,64
Reencontros	1	4,55
Novas amizades	1	4,55
Total	22	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 16: Motivos pelos quais as redes sociais afastam as pessoas

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Deixam de conversar	15	100,
Total	15	100,

Fonte: Elaboração da autora

A ambiguidade das redes sociais e dos dispositivos eletrônicos são percebidas por parte dos participantes. Metade da amostra ($f= 10$) acredita que as redes sociais tanto aproximam quanto afastam, a outra metade ficou dividida entre os que acreditam que aproximam ($f= 5$) e os que acreditam que afastam ($f= 5$).

Os entrevistados inclusos na categoria “ambos” acreditam que as redes sociais e especialmente os aparelhos celulares podem ser extremamente úteis para a comunicação, devido à facilidade e velocidade do contato. Apontam a possibilidade de se comunicar com familiares distantes como uma grande conquista desta era, mas entendem que o tempo gasto com os aparelhos e fixação em conferir o celular a cada vibração, atrapalha a dinâmica social física.

Em um cenário aturdido pela pressa e pela movimentação, detalhes cotidianos, pequenos momentos de solidão, silêncio, lentidão e desconexão, tornaram-se luxos excessivamente caros. Ao desligar o aparelho celular, as pessoas tendem a pensar nas inúmeras possibilidades de perda: ligações importantes, mensagens urgentes ou simplesmente atualizações sobre o mundo, o mercado, e a vida de seus contatos.

Lopes (2015) chama de *hiperconexão* a vida digitalizada, ou seja, cercada por tecnologias que permitem um acesso maior a conhecimentos e contatos. Esse tipo de experiência só pode ser vivido por pessoas com acesso a dispositivos eletrônicos com acesso à internet. Nas grandes cidades, pode-se dizer que o cotidiano da maioria das pessoas é permeado, e até mesmo conduzido, por tecnologias. São e-mails, mensagens, informativos, reuniões e diversos outros recursos diários que ditam o ritmo de trabalho e

vida cotidianos. Por isso, o aparelho celular vem cada vez mais se tornando item indispensável, fazendo parte dos utensílios básicos, sem o qual não é possível sair de casa.

As redes sociais introduziram uma nova forma de socialização. Se os dispositivos eletrônicos, em especial o celular, demandam constante atenção, as redes sociais favorecem a interação social, pois permitem aos usuários conhecer e conversar com seus contatos, sem perder nenhuma outra notificação. Lopes (2015) afirma que “*As telinhas fascinam, monopolizam a atenção pela rápida sucessão de estímulos passíveis de roubar o interesse pelos anteriores, e induzem à autoexclusão do contexto presencial*”. (p. 100)

A supracitada autora ainda expõe um novo conceito de interação ao qual chama de *fechadismo*. Não é incomum hoje ver pessoas sentadas próximas umas às outras, cada qual com o seu aparelho, fechadas em seu mundo digital, evitando o contato direto e físico com os outros ali presentes. O fenômeno não passou despercebido por alguns entrevistados que olham com estranhamento e desaprovação:

Agora você me complicou... porque tem certas situações que aproxima e tem outras que não. Porque hoje em dia as pessoas não querem mais conversar, né?! É só mandando mensagem pelo whatsapp, e muitas das vezes eles botam umas siglas que a gente não entende, eu pelo menos não entendo, né?! Aí fico: “o que que quer dizer essa palavrinha aqui? O que que quer dizer essas letrinha?” Entendeu?! Porque as pessoas não tem mais aquela coisa de sentar, bater um papo, conversar... às vezes a pessoa vai num jantar, nem come e nem conversa. Fica só no celular. Aí eu acho que aí não é válido. Aí eu acho que nessa parte afasta um pouco, né, porque eu pelo menos, na minha idade, eu gosto de conversar. Cara a cara, né, não vou ficar no celular conversando assim, mandando mensagem. Eu acho que é melhor olho no olho. (Entrevista 2)

Eu posso dizer que 50% aproxima, 50% afasta. Eu observo que às vezes a gente tá aqui conversando, você tá falando comigo e eu tô aqui na rede social, no zap, no Face vendo alguma coisa e você falando comigo. Ou às vezes onde você vai você tira a atenção de fazer as coisas, de conversar com as pessoas. Às vezes eu observo até mesmo em casa às vezes eu. Eu em casa mesmo. A minha esposa fica no quarto vendo o jogo dela, eu fico na sala... Isso aí realmente afasta. (Entrevista 5)

Depende. Se você souber manobrar o negócio, fica meio a meio. Porque tem gente que chega no restaurante, ninguém fala com ninguém. Quer dizer, se você souber manobrar, uma parte conversa com as pessoa, outra parte manda mensagem... Na minha opinião é meio a meio. (Entrevista 10)

Aí eu tenho duas respostas pra dar. Ela afasta as pessoas e outros não. Tem pessoas que não querem conversar com a gente por causa do celular, outros já aceita. Afasta e aproxima. Tudo depende das pessoa. O ser humano difícil não quer ter contato com a outra pessoa, outros já quer. (Entrevista 12)

Dentro de um padrão de equilíbrio, aproxima. Fora, afasta muito. Vou dar o

meu exemplo porque antigamente eu falava mais com as minhas irmãs por telefone, eu ouvia mais a voz das minhas irmãs, dos meus filhos... Hoje é tudo zap. Então você não ouve a voz do filho, da irmã, do irmão... É uma coisa boa, lógico, é muito rápido... Hoje o telefone nem toca, só telemarketing que incomoda. Mas na realidade eu acho que houve um afastamento sim. Tão muito cada um no seu mundo. Procuraram cada um o seu mundo virtual e ficaram meio desligada. (Entrevista 19)

Nas falas acima é possível observar que os participantes percebem a falta de diálogo como problema central gerado pelas redes sociais. Ainda que percebam diversas vantagens neste tipo de interação, a queixa principal é com relação à comunicação. Na tabela 16, é possível observar que todos os participantes que entendem as redes sociais como instrumento de afastamento social, elencam como motivo a ausência de interação presencial. Isso significa que tanto os favoráveis quanto os contrários ao uso das redes sociais sentem-se incomodados com a interferência dos celulares nas interações sociais físicas.

Na tabela 15, é possível perceber que o contato com familiares é o principal motivo para acreditarem que as redes sociais aproximam as pessoas (f= 9), seguido pela compreensão de que as redes evitam deslocamentos (f= 8). Essas duas categorias estão bastante associadas nos discursos, já que os participantes acreditam que as redes sociais melhoram a comunicação com familiares e amigos distantes, assim como encurta distâncias, facilitando a aproximação independentemente de deslocamentos. Os participantes que percebem apenas benefícios nas redes sociais, justificaram suas respostas com experiências de contato com pares e parentes distantes:

Eu acho que se aproxima. Porque a gente às vezes... olha, agora mesmo, eu tenho uma menina de Caxias. Eu sei que ela entrou e a gente tem uma amizade pelo whatsapp... E ela me trata de vó. Entendeu? Ela fala comigo como se fosse minha neta. Então eu acho ela sensacional. Ela é muito lindinha! Não sei o nome dela. (Entrevista 3)

Aproxima. Aproxima porque você tá aqui no Rio de Janeiro e quer falar com um parente em Fortaleza, é rapidinho pelo Face, whatsapp. Com facilidade, entendeu? Eu acho que aproxima e aproxima muito as pessoas, embora tenha pessoas que usa essas coisas para o mal. (Entrevista 7)

Ah, aproxima. Aproxima sim. É porque eu acho mais fácil, né?! Um exemplo sou... Eu mesmo sou um exemplo. Meus irmãos, tinha 41 anos que eu não tinha contato nenhum, aí por causa de internet, esses negócio aí, se reencontramos. Por causa disso aí. Por isso que eu digo que aproxima. (Entrevista 16)

A partir dos relatos acima, é possível perceber que as interações mudaram, foram alteradas pela tecnologia que permeia os cotidianos de uma forma muito ampla. Para alguns, a percepção desta alteração é positiva, para outros, nem tanto, mas o fato é que

novas formas de construir sociabilidades estão surgindo. Para Guimarães (2009):

Acreditamos que, por um lado, a interatividade viabilizada pelo conceito fractal de um espaço-tempo vetorizado permite a integração de elementos que antes se encontravam separados – o que realmente marca positivamente as práticas sociais e a vida das pessoas. Por outro lado, por não se tratar de interação face-a-face e, num contexto de co-presença, tais formas de relacionamento não-presenciais podem alterar-se a cada instante e tomar caminhos imprevisíveis, o que, sem dúvida, demanda por novos estudos sobre as possíveis formas de subjetivações tramadas em rede, nas quais os perfis são desprovidos de substância material e não mais precisam identificar-se a referências estáveis. (p. 45)

Tabela 17: Sobre o Rio Card Sênior, você possui?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Não	11	55,
Sim	9	45,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 18: O Rio Card Sênior facilita ou atrapalha o embarque no coletivo?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Facilita	20	100,
Atrapalha	0	0,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Cada vez mais tem se falado sobre a importância dos transportes coletivos por fatores ambientais, econômicos e de trânsito. A mobilidade urbana segue sendo ainda um problema nas grandes cidades. O ônibus ainda é um dos meios mais utilizados pelos brasileiros que contam com outros sistemas de transporte coletivo como trens e metrô, mas que não tem uma cobertura tão abrangente.

No Estado do Rio de Janeiro, todo cidadão com mais de 65 anos tem direito a adquirir o Rio Card Sênior, que é um cartão utilizado nos ônibus e plataformas de transportes coletivos e garante a gratuidade do usuário. Antes dele existir, os idosos apresentavam suas carteiras de identidade aos motoristas para garantir o embarque, mas hoje, os terminais em que os cartões de gratuidade são passados estão em todos os coletivos comuns e plataformas de embarque.

O Rio Card Sênior não é aceito em todos os tipos de ônibus. Algumas empresas, que contam com veículos executivos, não validam o embarque de idosos com este

cartão, apenas na frota comum que executa o mesmo trajeto. Por isso, não é incomum ver idosos esperando um ônibus específico embora passem outros que lhe serviriam, mas que não reconhecem seus cartões. De acordo com Góes et al. (2008): “*As barreiras invisíveis representadas pela arquitetura das cidades, bem como o aumento das distâncias, o tráfego rápido, violento e inadequado, e o alto custo de vida agravam os problemas sociais e econômicos e pode levar o indivíduo idoso ao isolamento*”. (p. 59)

Na tabela 17, observa-se um equilíbrio entre os que possuem (f= 11) e os que não possuem (f= 9) os cartões. Apesar de alguns entrevistados ainda não terem idade para uso do passe gratuidade, já que o usuário necessita ter, no mínimo 65 anos, alguns participantes, embora pudessem ter, não sentiram a necessidade de adquiri-lo, especialmente os que não costumam usar o transporte público para se locomover.

Na tabela 18, é possível ver o consenso entre os entrevistados de que o Rio Card Sênior auxilia nas tarefas cotidianas. Todos acham uma forma rápida de embarque e entendem como fácil o seu uso. Embora tenham os problemas apontados acima, os participantes acreditam que o cartão auxiliou no embarque devido à ausência do julgamento subjetivo do motorista sobre a idade do passageiro, embora a carteira de identidade fosse apresentada. O processo era lento e, de certa forma, mais burocrático. Destacamos algumas falas:

Tenho. Pra mim ajuda, facilita. Porque eu não preciso ficar contando dinheiro, esperando troco, eu já boto lá na maquinazinha, já passo, já sento. É até mais segura pra gente que tem uma certa idade não perder muito tempo ali, né?! (Entrevista 2)

Ah, isso aí quando eu fiz 65, foi a primeira coisa que eu fiz. Pra mim é bom, graças a Deus não tem problema nenhum. Eles tão botando direitinho. (Entrevista 10)

Ah eu acho uma maravilha, eu gosto. É fácil de usar. Ajuda a entrar no ônibus. (Entrevista 15)

Embora existam muitas melhorias a serem feitas no serviço, os idosos demonstram mais segurança e satisfação no uso dessa tecnologia. Todos os entrevistados entendem como fácil e rápido utilizá-la. Garantir o transporte gratuito para idosos é de extrema importância para a manutenção da sua participação social. Como, em geral, os aposentados recebem um salário baixo, a gratuidade garante seu direito de se locomover pela cidade e realizar atividades em locais distantes.

Tabela 19: Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa

de ajuda?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Dependente	12	60,
Independente	8	40,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 20: Caixas eletrônicos ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Ajudam	14	70,
Atrapalham	6	30,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Caixas eletrônicos bancários são dispositivos eletrônicos que permitem os usuários realizarem diversos serviços bancários diretamente no terminal, sem a intermediação de um funcionário. São muito utilizados para serviços simples e rápidos como verificação de saldo e saques, mas também realizam operações consideradas mais complexas como pagamento de contas e transferências bancárias.

Por ter esse caráter de acesso direto do usuário com sua conta, também são chamados de “caixa rápido”. O cliente familiarizado com o equipamento pode realizar uma operação simples em questão de segundos e ir embora, muitas vezes sem enfrentar filas. Por ser um equipamento quase que totalmente independente, os caixas eletrônicos ficam disponíveis para os usuários, de uma forma geral, 24 horas por dia, exceto em casos em que a agência restringe o acesso em determinados dias ou horários.

Todos os bancos brasileiros que possuem agências físicas, contam com terminais eletrônicos próprios para acelerar o atendimento e minimizar o tamanho das filas. Mas também existem terminais 24 horas espalhados em inúmeros tipos de estabelecimentos comerciais a fim de que usuários de diversos bancos possam realizar operações simples sem a necessidade de se deslocar até uma agência bancária específica.

Na tabela 19, vemos que um pouco mais da metade dos entrevistados (f= 12) se considera capaz de utilizar os caixas eletrônicos sozinhos. Essa independência reflete em uma quantidade menor de tempo que o idoso leva nas agências bancárias para a realização de operações básicas, assim como amplia o acesso a sua conta bancária, já que pode utilizar diversos serviços durante os finais de semana e feriados, em qualquer

horário.

A pessoa que sabe utilizar o caixa eletrônico pode realizar pequenos saques, carregando consigo uma quantidade de dinheiro necessária apenas para o uso imediato. Ao contrário disso, idosos que não sabem utilizar os serviços dos caixas eletrônicos tendem, com mais frequência, a retirar todo o salário de uma só vez para não ter que enfrentar todo o lento processo burocrático que a forma tradicional de saque exige. Portanto, os idosos dependentes de auxílio em transações bancárias ficam mais expostos a assaltos e gastam mais tempo do que o realmente necessário nas agências.

Muitas vezes ao solicitar ajuda a desconhecidos nas filas dos caixas eletrônicos para agilizar o processo de saque, os idosos dependentes expõem suas senhas e suas contas a pessoas estranhas, nem sempre bem-intencionadas. Além disso, ao retirar uma quantia muito grande de dinheiro do banco, ficam mais suscetíveis a perder todo o seu salário de uma só vez, já que por apresentarem uma menor agilidade física, os idosos são alvos frequentes de agressores.

Na tabela 20, percebemos que grande parte dos entrevistados (f= 14) considera que os caixas eletrônicos ajudam nas suas rotinas. Nota-se, através dos números, que até mesmo os idosos que não sabem utilizar os dispositivos, reconhecem sua utilidade. Seguem alguns relatos:

Preciso de ajuda. Eu acho que ajuda. Ajuda. Porque agora, nesse exato momento, eu tô ainda aprendendo, né, não tenho muita prática, mas depois que eu pegar a prática vai ser rápido. Que aí eu vou lá, pego o dinheiro, vejo o que eu quero, no dia que eu quero. Eu tô aprendendo. Ainda tô engatinhando mas vou chegar lá. (Entrevista 2)

Não gosto disso não. Cheque... nada disso eu gosto. Facilita. Muitas vezes eu já fiz serviço pro freguês, às vezes dia de sábado, a pessoa não tem o dinheiro pra me dar, vai num bar, num lugar que tem e tira lá pra mim no final de semana. Às vezes o banco tá fechado, tira lá rapidinho, e paga e eu tchau, obrigado. (Entrevista 4).

Sei não. E se meu dinheiro começar a sair e eu não ver? Ajuda, né? Às vezes o banco tá fechado, a I. vai lá e tira. Ela tira, eu não. (Entrevista 14)

As falas acima são de alguns entrevistados que não sabem utilizar os caixas eletrônicos e ainda assim reconhecem sua utilidade e benefícios em situações cotidianas. A praticidade, velocidade e flexibilidade de dias e horários são fatores bastante presente nos relatos.

Entretanto, há uma parcela que acredita que os caixas eletrônicos dificultam sua rotina porque seu uso exige habilidades de leitura, controle motor e compreensão textual

significativos, o que exclui uma parcela da população idosa ao serviço, principalmente a que não conta com apoio familiar para a utilização do dispositivo. Sem contar que o seu uso exige domínio de leitura, o que também exclui outra parcela. Os mecanismos de controle de fraude também geram certa insegurança nos usuários menos experientes ou mais impacientes.

Não há por parte dos bancos uma preocupação em criar políticas de educação digital de idosos com a finalidade de aumentar sua autonomia. O que se percebe são alguns ajudantes contratados pelas empresas para auxiliar os idosos a realizar suas transações bancárias, mas este auxílio não tem caráter educativo, é meramente automatizado, criado apenas para reduzir o número de idosos nas filas dos bancos, especialmente, em períodos de liberação dos pagamentos de pensões e aposentadorias. Ainda assim, o que se percebe, são grandes filas. Quer sejam nos caixas eletrônicos, quer seja no atendimento tradicional.

O idoso dependente que conta com suporte familiar pode realizar suas transações com mais tranquilidade: em dias e horários alternativos, evitando filas; acompanhado de uma pessoa de confiança, reduzindo o risco de sofrer golpes; retirando quantias adequadas ao gasto, mantendo as reservas em local seguro. Todavia, o idoso dependente que não tem suporte familiar continua exposto a todos os riscos supracitados, mantidos em exclusão digital, não se beneficiando das facilidades e benfeitorias apresentadas pelo dispositivo tecnológico em questão.

Tabela 21: O que você acha sobre cartões de crédito/ débito?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Precisa ter cuidado	8	40,
Ótimo	6	30,
Prático	5	25,
Nunca usei	1	5,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 22: Cartões de crédito/débito ajudam ou atrapalham sua rotina?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Ajudam	17	85,
Atrapalham	3	15,

Total	20	100,
-------	----	------

Fonte: Elaboração da autora

Os cartões de crédito e débito são instrumentos para pagamentos de bens e serviços, comumente utilizados no Brasil, também conhecido como “*dinheiro de plástico*” pois substituem o uso das cédulas no ato de pagamento, o que agiliza o processo de compra e evita perda financeira em caso de assaltos. A diferença entre os cartões de crédito e débito está no fato de que os primeiros oferecem uma linha de crédito ao usuário, que deve ser paga após a compra. O prazo deste pagamento é variável e o usuário pode optar por realizar o pagamento através de boleto bancário ou em débito automático de sua conta corrente. O atraso ou não pagamento da dívida adquirida pelo cartão de crédito, pode gerar juros ou até mesmo restrição de crédito para o usuário. Já os segundos, consistem em uma forma de pagamento eletrônica que permite a dedução do valor da compra diretamente da conta do usuário. Sendo assim, não é gerada nenhuma fatura a ser paga posteriormente.

Na tabela 21, é possível observar que os idosos participantes estão alerta quanto ao uso de cartões. Os cartões de crédito, em especial, podem causar endividamento do usuário inexperiente ou pouco atencioso quanto aos gastos. Por isso a categoria de maior destaque é a que expõe a necessidade de cuidado no uso (f= 8). Em seguida surgem as adjetivações positivas quanto aos cartões, o que se reflete em números na tabela 22, que mostra que a maioria dos participantes (f= 17) acredita que os cartões ajudam no seu cotidiano. Algumas opiniões:

Facilita. É só a pessoa saber usar, principalmente o de débito, quer dizer, o de crédito também, só a pessoa saber usar, ter controle. Eu tenho 4 cartões e uso todos eles com controle. Pra mim é muito bom, melhor do que fazer carnê igual antigamente. É dinheiro em plástico. (Entrevista 7)

Isso aí não. Cartão de crédito nem pensar! O de crédito ele atrapalha, o de débito até que não. O cara desconta direto na conta, não tem problema. (Entrevista 9).

Eles facilitam. Mas você tem que saber o que você pode gastar e o que não pode gastar. (Entrevista 10).

Ajuda. Eu uso todo dia. Antigamente você tinha que usar cheque, hoje facilita que você não precisa usar um monte de papel. (Entrevista 13).

Ih, uma maravilha! Aquilo é uma maravilha! É só você saber usar. Eu digo que no meu tempo tinha muita miséria porque não tinha cartão de crédito. Hoje não. Pode parcelar... Você sabendo usar ele... (Entrevista 14).

Pra quem sabe usar, eu acho legal. Agora, pra quem não tem controle eu não acho legal não. Eu não tenho cartão agora, mas eu já tive muitos cartão de

crédito e eu sabia usar. Perdi, porque depois que eu fiquei doente, fiquei sem trabalho e tal, cancelei os cartões. Mas eu gosto, cartão de crédito pra mim é legal, ajuda. Pra quem sabe usar, quem tem controle. Quem não tem se arrasa. (Entrevista 16).

Facilita. É espetacular também. Você não precisa andar com dinheiro. Você se locomove... (Entrevista 17)

Os cartões de crédito foram os que mais obtiveram opiniões cautelosas sobre o uso. Por ter a possibilidade de parcelamento de compras, ampliação de limites, alternativa de pagamento mínimo, o cartão de crédito pode e causa muito endividamento. Todos os entrevistados conhecem histórias de pessoas que se endividaram através de compras excessivas no cartão de crédito, e por conta disso, ou de experiências pessoais malsucedidas, eles geram mais resistência ou ponderação.

Já os cartões de débito não receberam críticas, aliás, a praticidade e segurança trazidas pelo uso do cartão no lugar das volumosas cédulas, só renderam elogios. Por serem compactos e mais seguros, pois exigem senha numérica para aprovação de seu uso, os cartões de débito são alternativa prática para quem não quer andar com grandes quantias, assim como para quem não gosta de frequentar agências bancárias regularmente.

Sobre a mecânica do uso dos cartões em si, ninguém relatou problema ou dificuldade, ao contrário, revelaram satisfação pela agilidade com relação ao estilo. Por não exigir mais a assinatura do usuário nas vias de pagamento, os cartões se tornam ainda mais democráticos no sentido de que pode ser utilizado com certa facilidade até por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade.

Tabela 23: De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Ajudado	17	85,
Atrapalhado	3	15,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 23 mostra que os entrevistados acreditam que as tecnologias têm mais contribuído ($f= 17$) do que atrapalhado ($f= 3$). Apesar de reconhecer dificuldades ou limitações no uso de algumas tecnologias, os participantes, de uma maneira geral, acreditam que elas estejam contribuindo no seu cotidiano.

Embora nem sempre dominem ou confiem nos dispositivos eletrônicos, a percepção geral sobre as tecnologias é mais positiva do que negativa. A agilidade com que se resolvem questões simples, o acesso a bens e serviços, a comunicação e a locomoção mais velozes podem ter contribuído para esta visão mais otimista sobre os benefícios da era digital. Destacamos algumas falas:

Ajuda muito, muito. Eu só não confio em movimentação financeira na internet. Nem pensar! (Entrevista 9).

Ajudado muita gente. Porque hoje até pra viajar você compra pelo celular, não leva nem o papel, você mostra e já entra lá pra dentro. Eu acho que é uma benção. Agora, eu que tô boiando. (Entrevista 10).

Ajuda, né?! Às vezes a gente não sabe mexer mas ajuda. (Entrevista 13).

Ajuda. A única coisa que eu não sei fazer é depósito em caixa eletrônico, fico com medo de fazer errado. (Entrevista 15)

Tem ajudado muito. É aquilo que eu te falei, se não fosse a tecnologia, eu depois de 41 ano sem ver meus irmãos, eu ia ficar mais um tempão sem ver, se não fosse a tecnologia. Consegui reencontrá-los por quê? Por causa da tecnologia. (Entrevista 16)

Nos relatos acima é possível perceber que muitos assumem suas dificuldades, se consideram desatualizados com relação a todas as possibilidades que o uso de tecnologia oferece, mas ainda assim pensam que as novas formas de realizar as ocupações sejam vantajosas para aqueles que conseguem realizá-las com independência.

Para quem nasceu em tempo de tecnologia analógica, conseguir usar de forma completa as tecnologias digitais pode ser um grande desafio. Isso acontece porque para incorporar a esse novo modelo de usabilidade, muitas vezes não é possível utilizar conhecimentos prévios, pois muitos dos dispositivos, usabilidades e signos são completamente novos.

Segundo Vieira e Santarosa (2009), a participação social atual implica diretamente uma relação tecnológica. A digitalização do cotidiano já é uma realidade. Os recursos e serviços disponíveis através do ambiente virtual são cada vez mais utilizados e tem por objetivo facilitar a vida dos usuários. Isso quer dizer que os impactos das ações virtuais no cotidiano real são cada vez mais significativas. Aplicativos de transporte, de comida, compra de passagens aéreas e outros serviços são cada vez utilizados no dia a dia da população urbana mundial.

Tabela 24: Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que

informal?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	10	50,
Não	10	50,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 24 mostra que 50% da amostra (f= 10) ainda exerce alguma atividade para geração de renda, sendo 7 homens e 3 mulheres. A presença de idosos no mercado de trabalho não é algo novo no país. Grande parte dos aposentados continua trabalhando para complementar a renda ou por motivos pessoais que envolvem participação social, independência e senso de utilidade.

Algumas empresas optam por manter ou contratar o trabalhador aposentado pelo acúmulo de experiência, que de uma forma geral resulta em um trabalho mais eficiente, com menores chances de erros nas tomadas de decisão. Consideradas as necessidades físicas, intelectuais e psíquicas, o idoso pode manter-se em atividade caso seja do seu interesse. E o acúmulo de experiência traz a este perfil de funcionário a vantagem de não ser surpreendido com facilidade, já que no decorrer dos anos já esteve em contato com um número expressivo de situações adversas (VANZELLA et al., 2011).

Os homens sempre foram culturalmente mais ativos no mercado de trabalho externo, enquanto a mulher, por muitos anos foi exclusivamente ativa no lar, cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos, e depois dos netos. Portanto, é possível que a discrepância percebida no número de homens e mulheres entrevistados que ainda exercem atividade remunerada seja explicada por este forte fator cultural.

Apesar de parecer um ponto ultrapassado, não é incomum que ainda hoje mulheres estejam fora do mercado de trabalho para cuidar de afazeres socialmente a elas impostos. As que trabalham fora costumam ter o que se chama de dupla jornada de trabalho, que consiste em uma jornada de trabalho externa e remunerada e uma jornada interna, voltada aos cuidados do lar, não remunerada. Além disso, as mulheres costumam se deparar com um mercado que oferece salários menores e cargos de menor importância a elas por causa do gênero. Todos esses fatores contribuem para uma precarização do trabalho feminino.

Ainda que hoje esse tipo de tema seja discutido em muitos países pela população e pelos governantes, não é possível dizer que este seja um ponto ajustado na história do

trabalho feminino. De qualquer forma, podemos dizer que a presença do idoso no mercado de trabalho continua significativa e é possível que a presença feminina seja gradativamente mais significativa com o decorrer dos anos, já que as mulheres estão cada vez mais participativas no mercado de trabalho. Isso quer dizer que a população idosa está caminhando para um protagonismo cada vez maior com relação a sua participação social, ultrapassando os estereótipos sobre o envelhecimento. Nas palavras de Negreiros (2007):

Os das camadas médias e altas da população, quando mantêm a saúde em bom estado e se encontram em atividade, estão muito distantes dos estereótipos de uma senhora grisalha dedicada ao lar e aos netos ou de um senhor lendo jornal de chinelo e pijamas, do passado. Ao contrário, o executivo bem-sucedido na casa dos 50 ou mesmo 60 anos, recusa-se com uma mulher de 30, tem filhos da mesma idade que os netos, faz plástica (antes quase exclusivamente reservada ao grupo feminino), ginástica e tudo o mais para manter um ar jovial e saudável... A mulher, embora com mais dificuldade de pareceria que o homem, pois este, mais jovem ou mais velho prefere as mais jovens, também procura um lugar no “mercado” afetivo-sexual e no de trabalho. Lugar este muitas vezes preterido ou adiado para dar conta dos encargos tradicionalmente femininos, como o lar e a família”. (p.20)

A cultura, a longevidade e até mesmo as novas políticas públicas e trabalhistas demandam uma maior participação da população idosa no mercado de trabalho. Não teceremos aqui valor ao novo conceito de velhice ativa no mercado de trabalho, mas salientamos a importância da prevenção e promoção de cuidados em saúde para que essas novas demandas sejam realizadas da melhor forma possível, ou seja, sem comprometer a saúde e a vitalidade dos novos idosos.

O trabalho pode e deve ser além de fonte de renda, fonte de participação social e cidadania. As restrições e necessidades em saúde devem ser cuidadosamente consideradas a fim de não causar uma maior precarização da velhice, transformando o envelhecimento em uma penitência.

Tabela 25: Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	16	80,
Não	4	20,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 26: Motivos para se sentir socialmente respeitado

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Reciprocidade	8	50,
Jovialidade	4	25,
Profissão	4	25,
Total	16	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 27: Motivos para não se sentir socialmente respeitado

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Falta de educação	4	100,
Total	4	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 25 mostra que 80% dos entrevistados se considera respeitado nas suas relações sociais. O princípio da reciprocidade, na tabela 26, foi o mais suscitado (50%) como motivo para sentir-se estimado, seguido pela jovialidade e atividade profissional (25% cada).

Dentre os idosos que disseram ser respeitados socialmente, uma parte disse que o respeito é uma questão recíproca: se você der, você recebe. Estes acreditam que suas posturas perante os outros vão influenciar diretamente a forma como são tratados. Destacamos algumas frases:

Respeitado. Ou idoso ou nova, tem que ser respeitado. Porque eu dou respeito e eu quero receber respeito de volta. (entrevista II).

Respeitada sim, né?! Porque quando a gente não faz nada errado, não anda na vida errada, a gente tem respeito. (Entrevista 20)

A categoria jovialidade está associada aos idosos que responderam que se consideram respeitados porque ainda são jovens, ou ao menos não se sentem velhos o suficiente para notar qualquer diferença na forma como são tratados atualmente nas suas interações sociais cotidianas. Em destaque alguns relatos:

Isso eu sou muito entrosado, principalmente com jovem. Acho que é por isso que eu ainda tenho esse jeito de jovem. Eu sempre arrumei atividade: futebol, brincadeiras, corrida... Gosto de ensinar as coisa, porque eu gosto de

brincadeira, ginástica, esse negócio. Eu gosto de estar sempre com os jovens. (Entrevista 6)

Até agora sim. Não sei quando eu estiver com a bengala como eu vou me sentir; mas até agora não tô sentindo... Todo mundo me respeita bem, no ônibus eu ando legal, todo mundo me dão lugar pra mim sentar. Até agora não tô sentindo dificuldade nisso daí não. Ainda tô me sentindo garotinha. (Entrevista 10)

A primeira fala mostra que o entrevistado se sente respeitado pelos jovens por agir como eles, por participar de atividades em conjunto e pelo interesse em se aproximar de pessoas mais jovens, em uma relação mais horizontalizada, sem que o peso da idade interfira na socialização. Já o segundo relato está mais relacionado a autopercepção de juventude da entrevistada. Por se considerar jovem, acredita que os mais novos não sintam muita diferença entre elas e eles, o que sugere uma autopercepção de igualdade pelo fato de a diferença de idade não ser observável. Ambas as falas demonstram de forma mais ou menos clara os estereótipos da velhice. Ambos acreditam que haja relação de respeito pois eles ainda não demonstram características que acreditam ser típicas do idoso.

A atividade profissional também surgiu como justificativa para a manutenção de respeito por parte dos entrevistados. Todos os participantes que relacionaram o respeito ao trabalho eram homens, o que se relaciona intimamente com aspectos culturais comentados anteriormente. Alguns participantes disseram sentir-se respeitados no trabalho ou por fazer um bom trabalho. Destacamos alguns exemplos:

Sim. No meu caso ainda respeita muito. Eu não sei se é porque minha profissão de 45 anos no mesmo mercado, me respeitam muito, muito. No profissional e como pessoa. Me respeitam bastante. (Entrevista 1).

Sim. Veja só, eu não tenho atividade remunerada, mas eu sou um pastor e isso me preenche e traz reciprocidade. (Entrevista 18)

Nas falas acima a associação entre respeito e ocupação foi bastante direta. Na segunda fala é possível notar que esse respeito não tem necessariamente relação com o dinheiro, mas com a posição social. Estar ativo, ainda exercer uma atividade após os 60 anos é visto como fator positivo pois cria um senso de integração social e consequente autoridade.

Nota-se que todos os idosos que se sentem respeitados apresentam, em algum grau, identificação com os mais jovens, como em uma relação de igualdade. O respeito assim aparece nas falas a medida em que o idoso se afasta do padrão do velho, rabugento, ocioso e atrasado. Para Negreiros (2007):

Se antigamente a tradição e a continuidade de papéis sociais calava-se em modelos das gerações precedentes, hoje em dia, em nossa sociedade descontínua, são as gerações novas que tendem a ser imitadas pelos mais velhos, em vestuário, exercícios físicos, locais da moda, eventos socioculturais etc. O tratamento intergeracional é íntimo e coloquial. (p. 20)

Os participantes que não se sentem respeitados socialmente atribuem essa percepção a falta de educação dos mais jovens em situações cotidianas, como dentro do transporte público, por exemplo. Destacamos algumas falas:

Nem sempre. Quase nunca. Você tá na condução, jovem tá sentado, não te dá lugar, são pouquíssimos que dá lugar. E também você tá na rua, não pede licença, eles passam por você falta pouco te derrubar. E aí você fica inseguro. Eu já vi uma senhorinha cair por causa disso! O jovem vem em grupo e num deu lugar pra ela passar, ela caiu. Esbarrou nela, coitadinha, ela caiu. Então nem sempre os idosos são respeitados. É poucas pessoas que respeitam os idosos. (Entrevista2)

Respeitar não respeita não. No ônibus, já falei aqui, na faixa de pedestre... A pessoa tá vendo que o idoso pisou na faixa, se a pessoa não pular ele passa por cima. Pra quê isso? As pessoas tão precisando ser educada, continua tudo ignorante do mesmo jeito. Não respeita nada. (Entrevista 4)

Percebe-se que a falta de respeito está relacionada a condição de dependência ou dificuldade do idoso. É possível notar também que há um distanciamento do entrevistado com relação às situações relatadas, indicando que ele não se percebe contemplado no perfil de idoso relatado. O desrespeito apontado é quase que uma observação externa da condição de ser idoso. Apesar de a pergunta ter sido direcionada ao entrevistado, esse afastamento demonstra uma espécie de preocupação com o futuro, e não com o presente.

Tabela 28: Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	20	100,
Não	0	0,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 28 mostra que 100% dos participantes se sentem socialmente integrados. Todos os entrevistados disseram realizar atividades com amigos, familiares e

tarefas de trabalho. A religião e a atividade física também apareceram com frequência nas respostas dos participantes. Todos os participantes acreditam que não se pode nem se deve ficar sozinho, e que o contato com outras pessoas oferece prazer e satisfação pessoal. Alguns relatos:

Mantenho contato, participo. Agora em novembro eu fui no aniversário da minha madrasta, foi muito lindo. Encontro meus parentes. É o que eu tô te falando, eu tenho medo de sair, mas eu gosto. Eu me comunico, eu gosto. Eu só não faço mais porque meu marido tem uma dor na perna, e eu tenho receio de deixar ele sozinho. (Entrevista 3).

Não sou isolada não, graças a Deus. Nesse final de ano agora, saiu a família toda e foi pra Copacabana. Minhas sobrinhas moram lá e a gente foi. Saio. Sou participativa e sou muito! Tem minha mãe que já é de idade e também é participativa. (Entrevista 7).

Ai, Deus me livre ser isolada! A gente tem sempre que andar com família. Eu sou muito família. Vizinhos, eu também me dou. Faço exercício físico... (Entrevista 12).

Me sinto. Tudo. Tudo. Jogo bola! Me integro legal. (Entrevista 17).

Sou integrado, mas devido a esse tratamento que estou fazendo, eu perdi um pouco esse foco. Mas eu tenho a igreja, de vez em quando visito minha mãe, minhas sobrinhas... Só que nosso tempo ficou reduzido em função dessa atividade que estou fazendo agora. Eu e minha esposa. (Entrevista 18)

A partir das falas, é possível perceber que os participantes compreendem a integração como algo positivo e que deve ser preservado. Como falamos anteriormente, a participação social se configura como elemento importante na qualidade de vida. Carneiro et al. (2007) afirmam que o convívio social traz inúmeros benefícios para a qualidade de vida da população idosa, enquanto o isolamento pode causar graves prejuízos a este grupo, especialmente em questões cognitivas, além de depressão.

Os supracitados autores relacionam a falta de convívio social a diversos fatores potencialmente prejudiciais aos idosos, como o consumo de álcool e cigarro. Além disso, uma baixa participação social pode gerar estilos de vida menos saudáveis, e, com isso, favorecer o surgimento de outras condições de saúde como hipertensão e obesidade. Para esses autores, a quantidade e qualidade de contato social implicam diretamente na qualidade de vida dos idosos. Importante ressaltar que a qualidade do contato é mais significativa do que a quantidade, já que uma rede social sólida contribui para a prevenção ou recuperação de problemas em saúde mental.

Tabela 29: Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Sim	20	100,
Não	0	0,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 30: Diferenças dos idosos atuais em comparação aos de antigamente

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Participação Social	15	75,
Respeito	5	25,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 29 mostra que 100% dos entrevistados acreditam que os idosos tenham mudado com o decorrer dos anos. Na tabela 30 é possível ver que os participantes atribuem essa diferença a dois fatores principais: o nível de participação social e o respeito.

Parte dos entrevistados (75%) afirmou que os idosos de antigamente participavam menos de atividades sociais e que viviam mais isolados, com um estilo de vida mais simples e reservado. Relatam também que não existiam tantas possibilidades de lazer e entretenimento para este grupo, e que o acesso aos serviços de saúde era muito precário. Acreditam que os idosos eram mais unidos entre si, que as relações eram mais próximas e verdadeiras entre pessoas de idades semelhantes. Disseram também que os velhos eram mais recatados e que não gostavam muito de estabelecer relações próximas com os mais novos pois não se identificavam com eles. Em destaque, algumas respostas:

Completamente, né?! Porque os idosos de hoje você já viu como são, tendo saúde, você já viu. É hidro, é passeio, é em grupo, é igreja... Ih, minha filha, completamente diferente. (Entrevista 10)

Eles se comunicava mais, se unia. Hoje você não vê mais as pessoas numa roda, numa mesa redonda, conversando. Lá no meu avô antigamente juntava, tomava um café, jogava um baralho, conversava. Você não vê ninguém fazendo isso mais. É só internet. (Entrevista 13)

Ah, são. Os idosos hoje estão muito metidos a novos. Peitos e pernas de fora. Muito ousados. (Entrevista 15)

São. São mais bem informados, mais integrados, mais bem envolvidos... Você vê idosos trabalhando naturalmente. A maioria dos caminhoneiros são pessoas já de alta idade... (Entrevista 18)

Muito. A vida deles era muito diferente de hoje. Uma senhora da minha idade, eu não tive as dificuldade que eles teve: carregava lada d'água na cabeça, lavava roupa no riacho, limpava o chiqueiro... Não tinha tempo pra nada! Era o tipo de idosa muito trabalhadeira, muito esforçada. Hoje não. Hoje tem tudo ali na mão. Tem médico pelo SUS, tem médico particular, tem médico pra pessoa ter o neném, né?! Antigamente tinha parteira... Igual minha mãezinha. Ela não teve nada disso de hoje. Ela se acabou, ela ficou desnutrida, ficou cansada, entendeu?! De tanta luta que ela teve. (Entrevista 20)

Nas falas acima, é possível notar que alguns percebem as diferenças de maneira positiva e outros, negativamente. As formas tradicionais de socialização parecem, para alguns mais adequadas e significativas. Enquanto outros entendem que as dificuldades socioeconômicas eram tão expressivas que influenciavam negativamente na vida dos idosos.

Como todo o questionário foi pensado para se discutir a questão da tecnologia, elas também apareceram nas respostas sobre as diferenças. Alguns colocam os avanços tecnológicos como um agregador de valor à velhice, já que a partir delas, muitos idosos podem se manter mais atualizados, conectados e engajados em atividades. Outros já enxergam de forma negativa a interferência da tecnologia nas interações sociais. Há um misto de saudosismo entre os encontros presenciais, a vida lenta e pacata e o reconhecimento de que muitos avanços possibilitaram, para alguns, uma velhice mais leve, ágil e repleta de possibilidades.

Entre as alterações apontadas pelos entrevistados, o respeito também surgiu como fator de diferença entre as gerações (25%). Alguns participantes acreditam que antes o respeito era maior para com os idosos, que estes eram vistos como autoridade. A aproximação e informalidade no trato podem sugerir um tratamento igualitário que nem sempre é visto positivamente.

Enquanto alguns rememoram os tempos em que os pais e avós eram exemplos intocáveis de sabedoria e respeito, há os que acreditam que uma relação mais horizontalizada entre jovens e idosos produza uma socialização intergeracional mais simples, aberta e eficiente. Para Negreiros (2007):

Usa-se “você” em vez de “senhor” e senhora”, que deixaram de ser considerados termos respeitosos, tornando-se percebidos como frios, distantes ou até ofensivos (senhor e senhora são aqueles que estão no céu; aqui na terra somos todos próximos – mãe e filha que parecem irmãs, pai e filho que paqueram as mesmas “gatas”, professor e aluno que falam as mesmas gírias). (p. 20-1)

Entende-se, portanto, que não existe uma fórmula para se tratar um idoso. Isso vai variar de acordo com as crenças, ideais e expectativas de cada um. É um aspecto completamente subjetivo. Ainda que todos reconheçam que existem mudanças nas relações sociais atuais, existem os que lamentam e os que comemoram estas alterações. Mas, independentemente das preferências pessoais de cada um, é de suma importância que se oportunizem situações de convívio social e entretenimento.

Tabela 31: Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Maior	14	70,
Menor	6	30,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 32: Motivos para a maior qualidade de vida dos idosos atualmente

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Acesso a bens e serviços	11	78,57
Participação Social	3	21,43
Total	14	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 33: Motivos para a menor qualidade de vida dos idosos atualmente

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Alimentação	6	100,
Total	6	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 31 mostra que 70% dos entrevistados acreditam que os idosos tem uma maior qualidade de vida atualmente quando comparados aos idosos de gerações anteriores. Na tabela 32, é possível ver que o acesso a bens e serviços, assim como a participação social foram os principais fatores relacionados a maior qualidade de vida atual. Já os idosos que consideram ter hoje menor qualidade de vida (30%) do que os idosos de antigamente, acreditam que a alimentação seja o principal problema contemporâneo.

O envelhecimento saudável resulta de um equilíbrio entre a satisfação pessoal e

a resiliência em se adaptar a novas restrições, o que faz com que o indivíduo desenvolva estratégias para lidar com as perdas e limitações que gradativamente surgirão. Por ser heterogêneo e marcado por aspectos subjetivos, o envelhecimento afetará de forma distinta indivíduos de idades semelhantes (SILVA et al., 2012).

Como já dissemos anteriormente, qualidade de vida é um campo amplo, que envolve tanto aspectos pessoais quanto socioculturais e econômicos. O acesso a bens e serviços, assim como a participação social podem, de fato, favorecer ou prejudicar a qualidade de vida de uma pessoa. A privação de acesso e consumo, assim como o isolamento, podem afetar significativa e negativamente na saúde e qualidade de vida de um indivíduo. Isso quer dizer que o contexto tem um impacto muito direto na vida das pessoas (CARNEIRO et al, 2007). Destacamos algumas falas:

Minha vó não tinha muita qualidade de vida não. Sempre foi muito carente. Acho que hoje. Hoje tá melhor, financeiramente. Assim, eu sou salário, meu marido é salário. Eu lembro, meu pai era salário, era muito mais difícil. Quando meu pai recebia, era aquela comprinha, quando acabava aquela comprinha era só mês que vem. Então era mais difícil, hoje tá mais fácil. Bem melhor. A gente consegue comprar nossas coisa. (Entrevista 3)

Maior. Antigamente eu vivia em Banco de Areia, não tinha um médico, um dentista... Não tinha nada. Eu cortei um dedo e tive que ir em Marechal Hermes, aqui não tinha médico... Os dentistas que tinha aqui não eram formado. Hoje em dia o pessoal reclama de tudo e hoje tá tudo melhor. Antigamente não tinha um médico. (Entrevista 17)

Hoje é melhor. Porque tem toda coisa ali na mão. Toda assistência. Não tem aquele trabalho de tá ali... Antigamente não tinha fogão, era fogão a lenha. Tinha aqueles panelão... Fazer lá fora. Não tinha esse recurso todo. Hoje tem, graças a Deus. Hoje é melhor! Era mais sofrido. (Entrevista 20)

Percebe-se pelos relatos acima que as condições de vida precárias levavam a uma velhice menos favorecida. Ainda hoje, é possível observar a discrepância física e mental entre idosos que têm acesso a serviços médicos, alimentação equilibrada, atividades físicas e de lazer, com relação a idosos privados desses benefícios. O desgaste é maior e as limitações favorecidas pelo processo natural de envelhecimento são mais agressivas.

Apesar de a tecnologia colaborar na qualidade e agilidade de procedimentos médicos e estéticos, por exemplo, esse benefício não é acessível a todos. De fato, hoje existem recursos inimagináveis há alguns anos, todavia, por conta dos abismos socioeconômicos existentes no país, grande parte da população ainda não vivencia com seus benefícios.

Se ainda assim, parte dos idosos diz que melhorou, podemos inferir que seja pela

criação do SUS, que apesar de ser precário, é um serviço de suma importância para a população pobre, e pelas políticas públicas que reduziram a miséria, no país, nos últimos anos. Entretanto, a preocupante situação econômica atual do Brasil e as novas agendas políticas que atingem principalmente os mais pobres, são fatores que merecem atenção.

A alimentação foi a principal justificativa dos entrevistados que consideram a qualidade de vida atual do idosos menor. Eles acreditam que o consumo excessivo de comida industrializada e de alimentos com defensivos agrícolas tem interferido na saúde da população idosa, causando doenças. Em destaque, algumas falas:

Menor. Menor porque qualidade de vida na época você não tinha assim muitas, vamos usar o verbo besteira, que nem você tem hoje. Você queria comer alguma coisa, você ia lá na roça, arrancava e comia. Hoje não. Hoje você come uma couve que na época era uma folhinha assim (sinal de pequena com a mão), agora a couve tem folha de quase um metro. Em tudo tem hormônio, tem não sei o quê que botam lá, né? (Entrevista 5).

Menor. Antigamente o idoso ficava mais dentro de casa, comia comida feita em casa, direitinho. Agora idoso vai pra rua, come churrasco, toma muita cerveja. Antigamente se comia melhor, se cuidava melhor. Hoje o negócio de se cuidar do idoso é botar silicone, fazer plástica. (Entrevista 15).

Menor. Antigamente a qualidade de vida era maior e melhor. Porque até a alimentação era diferente. Hoje você ainda encontra pessoas de 100 anos ou mais ainda na roça trabalhando. Isso por que? Alimentação e tal. Já os de hoje, os idosos de 60 pra cá não é igual aos de 80. Os mais antigos tinham alimentação melhor. De uns tempos pra cá passaram a botar agrotóxico na alimentação, isso aí acabou com a saúde do pessoal. Antigamente não tinha isso. (Entrevista 16)

A preocupação alimentar para com os idosos não é um exagero. Alterações físicas, metabólicas e sociais influenciam diretamente na quantidade e na qualidade alimentar desse grupo. Já é ponto pacífico entre ciência e senso comum que a alimentação interfere diretamente na qualidade de vida das pessoas a curto, e especialmente, a longo prazo. Uma alimentação saudável, colorida e rica em nutrientes é recomendada a todos, especialmente a indivíduos que consomem medicamentos que podem interferir na absorção de nutrientes ou alteram o metabolismo.

Campos, Monteiro e Ornelas (2000) afirmam que idosos tendem a apresentar alterações fisiológicas, assim como enfermidades que afetam diretamente seu estado nutricional, por isso a alimentação do idoso deve ser bem regulada a fim de que não haja ingestão inadequada de nutrientes. Entretanto, fatores externos ou psicossociais estão entre os mais associados a problemas nutricionais. Nas suas palavras:

Entre os fatores mais importantes na gênese da má nutrição do ancião, encontram-se os externos, como os fatores psicossociais, tais como perda do cônjuge, depressão, isolamento social, pobreza, integração social, capacidade de deslocamento, capacidade cognitiva e outros associados à própria enfermidade. (p. 158)

As autoras afirmam ainda que a perda do parceiro, a depressão e o isolamento podem causar falta de apetite, assim como a pobreza pode resultar em uma dieta repetitiva e pobre em nutrientes. A ansiedade, por outro lado pode levar o idoso a padrões de consumo alimentares excessivos e pouco saudáveis, contribuindo para a obesidade. E ressaltam que, quer seja pelo excesso ou pela falta de alimentação, o idoso pode ser negativamente afetado por padrões alimentares e nutricionais inadequados.

Tabela 34: O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Bom	6	30,
Natural	6	30,
Não percebe o avanço da idade	6	30,
Tem que trabalhar	2	10,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 34 mostra que os participantes entendem a velhice como boa (30%), natural (30%), que chega e nem se percebe (30%) e como uma época que ainda se tem que trabalhar (10%). As três primeiras categorias têm muita aproximação, já que compreendem positivamente a velhice. A quarta categoria não é necessariamente negativa com relação à velhice, mas estabelece uma aproximação conflituosa entre o envelhecimento e necessidade de continuar ativo no mercado de trabalho para conseguir suprir as necessidades financeiras que a aposentadoria não cobre.

Entender a velhice positivamente é essencial para uma melhor qualidade de vida. O idoso que se mantém otimista é aquele que consegue lidar com as adversidades e limitações e ainda assim ter perspectivas futuras, planos, objetivos e determinação para novas conquistas. O curso de vida ou *lifespan* compreende o envelhecimento como parte do processo vital, repleto de perdas e ganhos. E pode ser que, dependendo do estilo de vida, alguns demorem a perceber essa passagem do tempo. (MARTINS;

CAMARGO; BIASUS, 2009)

Hoje, os meios de comunicação têm colaborado para desmistificar a ideia de degradação atrelada à velhice por tantos anos. Produtos e serviços especialmente voltados para seniores tem ganhado espaço na mídia e no cotidiano da população. Cada vez mais tem sido abandonada a ideia do ócio, solidão e decadência.

A valorização do envelhecimento consiste na aceitação de que todo indivíduo é capaz de preservar sua capacidade de aprendizado no decorrer da vida. Ao pensar que os idosos também são capazes de aprender e de se adaptar a novos contextos, pode-se entender que um envelhecimento saudável é um constante equilíbrio adaptativo entre aspectos físicos e psicossociais (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012). Por isso, quanto maior a autossatisfação do idoso, maiores são possibilidades adaptativas desse sujeito às adversidades e maiores são as chances de sucesso em suas intervenções. Destacamos alguns relatos:

Pra mim é uma coisa normal. Eu tenho uma senhorinha de 84 anos dentro de casa que não aceita essa coisa de idade, que é a minha mãe. Ela não aceita. Mas tem que aceitar a idade de boa. Eu falo pra ela: é de boa, que nem eles falam aí! (Entrevista 7).

Velhice é um comportamento. Você precisa tratar seu corpo. Se você não tratar seu corpo, ele vai embora. Se você relaxa, ele vai embora. Se você deixa sua vida largada, deita após que come, isso daí que acaba com sua vida. Você leva geada, você não tem proteção... Por isso que você vê muita gente nova aí que parece gente velha. Por causa que não tem tratamento, não tem cuidado. Ainda mais se não tem quem cuidar. (Entrevista 11).

Não sei. Eu não me sinto velha! Que velha o quê?! Velho é trapo! O tempo não passou pra mim. (Entrevista 14).

É o que eu digo: eu sou um jovem de muita idade. Então eu acho a velhice espetacular. Você chegar numa idade dessa! Eu tenho 82 ano e não tenho quase nada. Pra mim a velhice é muito boa. Quem dera eu chegue a 90 ano nessa formação. (Entrevista 17)

Percebe-se nas falas acima uma postura positiva diante da velhice. Embora exija alguns cuidados mais específicos, a velhice é vista com naturalidade e bom humor. A não aceitação da idade, nesse caso, também surge como algo positivo, já que a pessoa se recusa a abraçar os estereótipos da velhice e prefere compreender que ainda é autossuficiente e com a energia necessária para novas realizações. E, como já foi dito aqui, a velhice pode proporcionar diversos prazeres, encontros, aprendizagens e alegrias. Nas palavras de Gonçalves (2007):

Velhice não é doença, incapacidade, dependência, impotência e perdas como

muitas pessoas podem pensar. Velho não é uma pessoa que atrapalha as outras. Não é alguém que perdeu a dignidade e a cidadania. Velhice é apenas mais uma etapa do ciclo vital e assim como as outras, tem suas características e adequações. (p.62)

Tabela 35: Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente?

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Mais ativo	20	100,
Menos ativo	0	0,
Total	20	100,

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 36: Motivos pelos quais o idoso de hoje é mais ativo se comparado ao de antigamente

Categorias	Frequência Simples	Frequência Percentual
Exercícios/Atividades	20	50,
Participação Social	20	50,
Total	40	100,

Fonte: Elaboração da autora

A tabela 35 mostra que todos (100%) os entrevistados acreditam que os idosos de hoje são mais ativos quando comparados aos de antigamente. Na tabela 36, é possível observar que os 20 participantes elegeram as atividades físicas e a participação social como os principais motivos dessa mudança, aparecendo como justificativas principais.

Uma primeira hipótese para esse resultado deve-se ao local onde os participantes foram entrevistados. Já que a pesquisa foi realizada com frequentadores de uma ciclovia, é possível que a ideia de atividade física fosse mais facilmente associada a eles do que a seus pais e avós. Além disso, alguns dos entrevistados estavam acompanhados de amigos ou familiares, o que também justifica a associação com uma maior participação social.

Outra hipótese cabível ao resultado deve-se ao fato de que cada vez mais, conforme dissemos anteriormente, os idosos têm se afastado dos estereótipos criados ao longo dos anos: bengala, cabelos brancos, cadeira de balanço e leitura de jornal impresso na varanda. Por isso, é esperado que o idoso atual se considere mais ativo e se identifique mais com um jovem do que com o idoso que se tem no imaginário coletivo.

A noção de que ainda há muito o que se fazer e se conquistar é bastante marcante nos discursos, inclusive no distanciamento com o qual elaboram as respostas. Ao falar de idoso, é difícil ouvi-los responder em primeira pessoa. Idoso é sempre o outro. O “eu” está ajustado entre o jovem e o velho. Essa não é uma conquista simples, pois não é incomum que, ao chegar aos 60 anos, a pessoa tenda a escolher um dos extremos: ou encarar o envelhecimento como um caminho para o fim, ou querer a qualquer custo mascarar os anos acumulados. Reis (2007) afirma que esse meio-termo é um caminho individual. Em suas palavras: “*O mais complexo é que o meio-termo é um achado que ninguém nem nada – companheiros, amigos, médicos, psicólogos, livros ou as rasas e enganosas publicações de auto-ajuda – vão ajudar a encontrar*”. (p. 8)

O reconhecimento da idade com a manutenção de uma autossatisfação pode proporcionar posturas otimistas diante da vida. Esse é o perfil de quem se importa em viver e aprender constantemente, de quem não tem medo em investir em novas relações e experimentações sociais. Ao responder que os idosos de hoje são mais ativos, os participantes trazem para si o benefício de se colocar em uma posição positiva, já que hoje a manutenção da atividade é algo socialmente valorizado. Algumas opiniões:

Mais ativo. Mais, porque conheço senhorinhas mais velhas do que eu, de 70, 80 anos, que elas tão fazendo faculdade, elas tão fazendo curso de informática pra poder acompanhar a evolução. Elas viajam, vai pra excursão, pra outro país, então... o negócio tá ficando bom pros idosos. Tá ficando jóia! (Entrevista 2)

Mais ativo. Sem comparação. O esporte principalmente, os idosos praticam muito esporte, mas tem excussão, cruzeiro... Tem uma galera que eu conheço que se diverte mais. Vai a baile da terceira idade... Eu só não faço isso porque não tenho tempo. (Entrevista 7)

Não. Hoje ele é mais ativo. Você vai pras academia, tá todo mundo lá. Tu passa de manhã na orla e tem um monte de velhinho. Então tá muito ativo. Elas vão pro cinema sozinha. Elas desce, vão pra cidade sozinha... (Entrevista 14)

Apesar de haver uma não identificação com a velhice, é possível notar nas falas, que a postura ativa e participativa é vista positivamente. Todas as atividades e a atitude de independência são percebidas como uma valiosa conquista dessa nova geração de idosos. Essa nova velhice parece ser atraente e divertida, repleta de descobertas e possibilidades. Apesar das restrições físicas e socioeconômicas impostas por fatores externos, o olhar sobre as experiências da velhice demonstra boas expectativas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu a partir da inquietação sobre o lugar do idoso na sociedade contemporânea. Ao andar pelas ruas e observar as dificuldades e belezas cotidianas que cercam nossas idas e vindas diárias, emergiu em mim o desejo de dar voz a uma parcela historicamente silenciada e invisível. O velho, tradicionalmente visto como aquele que já não tem muita força, vitalidade, utilidade. E ao adentrar no universo sênior me deparei com beleza e força pulsantes, ressignificadas.

A relevância deste trabalho está justamente no fato de permitir voz e lugar a um grupo que cresce cada vez mais no mundo. A partir dos dados e considerações aqui apontados, foi possível refletir sobre a influência do universo digital na rotina de pessoas distintas.

O contato com idosos de diversas gerações e com personalidades diferentes possibilitou a percepção real das especificidades do envelhecer. A partir dos discursos foi possível compreender que não existe velhice, existem velhices e cada uma se desenvolve de maneira própria.

A influência da tecnologia foi notada por todos, especialmente nas relações sociais. Dentre o grupo participante foi possível perceber que ocorreram mudanças significativas nos últimos anos, especialmente no que se refere à qualidade de vida e das relações afetivas. A percepção de ganho ou perda variou de acordo com a história de vida e os interesses de cada um.

Logo, não se pode afirmar aqui os benefícios ou malefícios das tecnologias na vida de pessoas idosas, o que se pode notar é a existência de uma nova velhice, que tem cada vez mais buscado estratégias para lidar de forma positiva com as recorrentes alterações cotidianas.

Todo referencial teórico aqui utilizado corrobora para uma nova forma de envelhecimento, muito mais fluida, que foge a definições e previsibilidades. Portanto, as considerações abordadas sobre o contexto são de suma importância nesse estudo, já que o cenário de mutação e incertezas influenciam diretamente na forma como as pessoas se posicionam perante a vida.

A modernidade líquida, que impõe um ritmo mais acelerado e uma disponibilidade de adaptação constantes, se apresenta como grande motivadora de uma postura menos rígida perante o novo. Atualização e reciclagem são palavras que já não assustam ou ofendem porque fazem parte do cotidiano não apenas de idosos, mas de

peças de todas as idades. Por conta disso, há um otimismo maior em constantemente aprender. A troca intergeracional já não é percebida como motivo de vergonha ou humilhação porque a obsolescência de técnicas, dispositivos e conhecimentos é hoje muito veloz e submete todos a recorrentes inovações.

Se por um lado a falta de tempo e a incessante necessidade de requalificação são percebidas negativamente como uma imposição da modernidade líquida, por outro, a busca permanente por novidades favorece o aumento da reserva cognitiva e influencia diretamente na qualidade de vida dos idosos. Além disso, altera o conceito de envelhecimento e cada vez mais o afasta do espectro da imobilidade e isolamento. A velhice tem se distanciado da solidez porque não permanece imóvel e apática ao tempo, ao contrário, é palpitante, vigorosa e híbrida.

O potencial otimizador das tecnologias não passou despercebido pelos entrevistados, que reconhecem as contribuições dos avanços tecnológicos em seus cotidianos. Tarefas antes complexas ou exaustivas, hoje podem ser mais facilmente executadas através de dispositivos eletrônicos. Até mesmo os idosos que relatam não gostar de aparelhos tecnológicos são capazes de listar aspectos positivos referentes a usabilidade. Outros, apesar de não manipularem os aparelhos de forma independente afirmam usufruir dos benefícios gerados pela tecnologia.

O grande entrave são as novas formas de comunicação, que apareceram como a maior preocupação de pessoas que privilegiam demonstrações analógicas de afeto. A fluidez das relações e a insegurança acerca dos laços afetivos estruturados em terreno líquido, oferecem aos idosos uma sensação de desconfiança constante. Relacionamentos sustentados na virtualidade trazem uma ideia de abandono e distanciamento, portanto são percebidos com estranhamento e desconfiança. A interação virtual só é vista como positiva para os entrevistados na impossibilidade de contato presencial. Desta maneira, a tecnologia se apresenta para os participantes como uma aliada em situações práticas e impessoais, e um perigo para as relações afetivas.

Os idosos vêm gradativamente se adaptando às tecnologias que lhes interessam e construindo seu processo de envelhecimento de maneira cada vez mais consciente e crítica. O medo de envelhecer tem sido substituído pelas oportunidades de novas experimentações. Todos os participantes relataram sentir-se jovens e dispostos. A velhice já não assusta e não restringe, exceto em caso de doenças.

Dentro de suas possibilidades e interesses, idosos têm ampliado seus repertórios ocupacionais e sociais e construído um modelo participativo e integrado de

envelhecimento. Os entrevistados demonstraram grande disposição em manter-se social e fisicamente ativos. Espaços públicos, como a ciclovia em que foi realizada a pesquisa, são de grande importância para a população idosa pois favorecem um envelhecimento mais saudável em diversos aspectos. Mais do que um lugar para a manutenção ativa do corpo, esses locais também possibilitam encontros intergeracionais que melhoram a participação social dos indivíduos, aumentam a autossatisfação com a vida e ajudam a prevenir a depressão e o isolamento.

A principais barreiras para a adesão de dispositivos tecnológicos por parte dos idosos entrevistados, foram a incompreensão de usabilidade, a impaciência no carregamento das informações e no toque da tela, a falta de tempo devido a outras atividades e o desinteresse pelos aparelhos. Já os motivadores foram a possibilidade de contato mais rápido com familiares, a praticidade em evitar deslocamento para realizar algumas tarefas, a possibilidade de manter-se atualizado e o aprendizado constante gerado pelas atualizações recorrentes.

A pesquisa teve o recorte específico de idosos urbanos, fisicamente ativos, de um município de baixa renda da região sudeste do território nacional. Por estarmos em um país de dimensões continentais e de distribuição de renda severamente desigual, mais pesquisas podem ser realizadas com o intuito de ampliar os estudos nacionais sobre o tema e verificar as especificidades de cada região. No Brasil a internet passou a ser mais acessível há poucos anos e ainda assim, muitas regiões do país tem acesso limitado ou inexistente. Além disso, o analfabetismo também é fator crucial para a infoexclusão. Ainda que existam possibilidades de comunicação virtual que não exijam leitura, o uso torna-se mais limitado. Esses e outros fatores contribuem para que os estudos sobre idosos e tecnologias na perspectiva dos usuários ainda sejam iniciantes e bastante concentrados na região sul e sudeste do país.

Embora novas técnicas, produtos e serviços sejam lançados todos os dias com promessas de otimização das rotinas, redução de custos e melhoria da qualidade de vida, é importante pensar em estratégias democráticas para que essas novas conquistas estejam ao alcance de todos, e não apenas de parte da população.

O trabalho é finalizado com a expectativa de que muitos outros idosos possam ser ouvidos a fim de que novos projetos favoreçam reflexões e práticas que contribuam para uma velhice cada dia mais positiva para todos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/09.pdf> . . Acessado em Março de 2018.

ALVARENGA, L.N. et al. Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, n. 4, p. 796-802, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v43n4/a09v43n4.pdf> Acessado em Maio de 2019.

ANTUNES, M.H., MORÉ, C. L. O. (2016). O campo. Aposentadoria, saúde do idoso e saúde do trabalhador: revisão integrativa da produção brasileira. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, 16(3), 248-258. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2016.3.681> Acessado em Junho de 2019.

AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educativa: um ponto de vista cognoscitivo**. Mexico: Trillas, 1983

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BARBOSA, W.V. Tempos pós-modernos. In: LYOTARD, J.F. **A condição pós-moderna**. 16ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 2. ed., Brasiliense, 1986.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, R. A utilização do computador e internet por idosos. In: MATOS, J. (Org.). **Atas do II Congresso Internacional TIC e Educação**, Lisboa, p. 1195-1207, 2012. Disponível em: <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/358.pdf> Acessado em Maio de 2018.

BUSS, P.M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 77-93, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf> Acessado em Julho de 2019.

CAMARGO, E.V. **A ansiedade e seus efeitos na aprendizagem**. Espanha, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/12591777/A_ansiedade_e_seus_efeitos_na_aprendizagem Acessado em Janeiro de 2019.

CAMPOS, M.T.F.S.; MONTEIRO, J.B.R.; ORNELAS, A.P.R.C. Fatores que afetam o consumo alimentar e a nutrição do idoso. **Revista de Nutrição**, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v13n3/7902.pdf> Acessado em Agosto de 2019.

CANIZARES, J.C.L.; JACOB FILHO, W. Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 14, n. 3, p. 425-432, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n3/v14n3a03.pdf> Acessado em Maio de 2019.

CARMO, E.G.; ZAZZETTA, M.S. Envelhecimento, novas tecnologias e aposentadoria. In: COSTA, J.L.R., COSTA, A.M.M.R., FUZARO JUNIOR, G., orgs. **O que vamos fazer depois do trabalho? Reflexões sobre a preparação para aposentadoria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 93-101. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/n8k9y/pdf/costa-9788579837630-07.pdf> Acessado em Junho de 2018.

CARNEIRO, R.S. et al. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a08v20n2> Acessado em Agosto de 2019.

CASTRO, A.L. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. Annablume, 2003.

CIOSAK, S. et al. Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, p. 1763-1768, 2011.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe2/22.pdf> Acessado em Junho de 2019.

DAWALIBI, N.W. et al. Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Estudos de Psicologia**, v. 30, n. 3, p. 393-403, 2013. Disponível

em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n3/v30n3a09.pdf> Acessado em Julho de 2019.

DEBERT, G.G.. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999.

DOLL, J.; MACHADO, L.R.; CACHIONI, M. O idoso e as novas tecnologias. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

EMMERICH, A.O.; FAGUNDES, D.Q. Paulo Freire e saúde: revisitando “velhos” escritos para uma saúde do futuro. **Sau. & Transf. Soc.**, Florianópolis, v.6, n.2, p.01.-08, 2016.

Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/3211/4463> Acessado em Julho de 2019.

FECHINE, B.R.A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, v. 1,

n. 20, 2012. Disponível em:

<http://www.fonovim.com.br/arquivos/534ca4b0b3855f1a4003d09b77ee4138-Modifica--es-fisiol--gicas-normais-no-sistema-nervoso-do-idoso.pdf> Acessado em Junho de 2019.

FERREIRA, O.G.L. et al. Envelhecimento ativo e sua relação com a independência funcional. **Texto contexto enferm**, v. 21, n. 3, p. 513-8, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n3/v21n3a04.pdf> Acessado em Abril de 2019.

FERREIRA, M.C.; GUERRA, F.F.; SILVA, A.L.. A Influência da Família e de um Grupo Religioso no Uso do Aplicativo Whatsapp® por Idosos. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia| RBGE| ISSN 2237-1664**, n. 17, p. 166-191, 2018. Disponível em:

<http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia/article/view/369/496>

Acessado em Agosto de 2019.

FLINN, N. A; RADOMSKI, M. V. Aprendizagem. In: RADOMSKI, M. V.; LATHAM, C. A. T. **Terapia Ocupacional para disfunções físicas**. 6. ed. São Paulo: Santos, 2013. p. 382- 401.

FONTES, A.P.; NERI, A.L. Resiliência e velhice: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 5, p. 1475-1495, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n5/pt_1413-8123-csc-20-05-01475.pdf . Acessado em Junho de 2019.

FRASER, M.T.D.. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, vol. 14, nº 28, p. 139 -152. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf/> . Acessado em Abril de 2018.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. Recife: Universidade do Recife, 1959.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. S. Paulo: Paz e Terra, 1992.

GARCIA, H. D. A terceira idade e a Internet: uma questão para o novo milênio. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, **Universidade Estadual Paulista**, 2001, Marília, Paraná, Brasil.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GLOGOSKI, C.; FOTI, D. Necessidades Especiais do Idoso. In: PEDRETTI, L.; EARLY, M. **Terapia Ocupacional: capacidade prática para as disfunções físicas**. São Paulo: Roca, 2004.

GÓES, A.A.F. et al. Percepção dos Idosos sobre o Transporte Público no Distrito Federal. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, n.3, vol.1, São João del-Rei, Ag. 2008.

Disponível em:

https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/7619/1/Percep%C3%A7%C3%A3o_idosos_Transporte%20pubico.pdf Acessado em Agosto de 2019.

GONÇALVES, Z. C. O novo mundo passa carões e aperta botões. In: NEGREIROS, T.C.G.M (Org.). **A nova velhice: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Livra Editora Revinter, 2007.

GUIMARÃES, D.A.D. Interações sociais e novos padrões perceptivos na construção da subjetividade. **Logos**, v. 16, n. 1, p. 22-33, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/349/337> Acessado em Agosto de 2019.

GUZZI, D. **Web e participação: a democracia no século XXI**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACOB, H. Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. **Revista Comunicare – Dossiê Feminismo**. Volume 14, 2014. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Redes-sociais-mulheres-e-corpo.pdf> Acessado em Novembro de 2017.

LEMONS, A. Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão. **XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2005, Rio de Janeiro. Intercom. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. p. 1 - 17. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/140429770509861442583267950533057946044.pdf> . Acessado em Abril de 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, A. Parapsiquismo na era da hiperconectividade. **Revista Conscientia**, v. 19, n. 2, p. 97-108, 2015. Disponível em: <http://ceaec.org/index.php/conscientia/article/view/703/679> Acessado em Agosto de 2019.

LYOTARD, J.F. **A condição pós-moderna**. 16ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

KREIS, R.A. et al. O impacto da informática na vida do idoso. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 10, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2596/1650> Acessado em Julho de 2019.

MAIA, G.F. Corpo e velhice na contemporaneidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 8, n. 3, p. 704-711, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/4518444627011.pdf> Acesso em Outubro de 2018.

MARÍN, L.G.; LARRARTE, S.L.; CARDOZO, L.I.L. Las posibilidades de internet en la reconfiguración de la red social primaria del adulto mayor, fracturada por efecto de la migración: El caso de los adultos mayores con parientes migrantes en 6 municipios del departamento del Quindío. **Anagramas**, Medellín: Colombia, v. 14, n. 27, pp. 145-162, 2015.

MARTINS, C. R. M.; CAMARGO, B. V.; BIASUS, F. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica**, v. 8, n. 3, p. 831-847, 2009.

MASCARELLO, L.J.. Memória de trabalho e processo de envelhecimento. **Psic. Rev.** São Paulo, volume 22, n.1, 43-59, 2013. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lzXrHx0TCSwJ:https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/download/16657/12515+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> . Acessado em Fevereiro de 2019

MEDEIROS, S.M.; ROCHA, S.M.M. Considerações sobre a terceira revolução industrial e a força de trabalho em saúde em Natal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, p. 399-409, 2004.

MIRANDA, L.C.; BANHATO, E.F.C.. Qualidade de vida na terceira idade: a influência da participação em grupos. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v2n1/v2n1a09.pdf> Acessado em Junho de 2019.

MYNAYO, M. C.S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

NEGREIROS, T.C.G.M (Org.). **A nova velhice:** uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Livra Editora Revinter, 2007.

NEGREIROS, T.C.G.M. Quantidade e qualidade de vida. In: NEGREIROS, T.C.G.M (Org.). **A nova velhice:** uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Livra Editora Revinter, 2007.

OLIVEIRA, F.S.; OLIVEIRA, R.C.S.. O ensinar e o aprender com a terceira idade. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 3, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/viewFile/519/402> Acessado em Julho de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial de envelhecimento e saúde. **Estados Unidos**, v. 30, p. 12, 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> . Acesso em Junho de 2018.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital:** entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAPALÉO NETTO, M. Estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E.V. et. al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002.

PASCHOAL, S.M.P. Epidemiologia do envelhecimento. In: M.P. Netto (Ed.), **Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: **Atheneu**. p.26-43, 1999

PAULA, A.K.C.; FERNANDES, F.B.; SOUZA, I.F.. Fatores associados às alterações do equilíbrio no idoso e a intervenção da terapia ocupacional. **Revista Eletrônica CATUSSABA**, v. 3, n. 2, p. 107-116, 2014. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:krTbZr9nbYIJ:https://repositorio.unp.br/index.php/catussaba/article/view/601/522+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em Junho de 2019.

PETERSEN, D.A. W.; KALEMPA, V.C.; PYKOSZ, L.C. Envelhecimento e Inclusão digital. **Extensio**. Florianópolis, v. 10, p. 120-128, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/viewFile/1807-0221.2013v10n15p120/25456> Acessado em Maio de 2018.

POLLINI, D. O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. In: **Mais 60**: Estudos sobre envelhecimento. Edição do Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 25, n. 60, p. 8-25, jul. 2014 –. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/4744d5f9-3c12-44ec-82e3-c9a847474c80.pdf Acessado em Abril de 2018.

ROBAZZI, M.L.C.C. et al. Acidentes e agravos à saúde dos idosos nos ambientes de trabalho. **Rev. enferm. UERJ**, v. 17, n. 3, p. 309-314, 2009. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a02.pdf> Acessado em Março de 2019.

ROLDÃO, F.D. Aprendizagem contínua de adulto-idosos e qualidade devida: refletindo sobre possibilidades em atividades de extensão nas universidades. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 61-73, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:IwXTCjWWFtwJ:seer.upf.br/index.php/rbceh/article/download/147/481/0+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> . Acessado em Fevereiro de 2019.

SÁ, C.M.S. et al. O idoso no mundo do trabalho: configurações atuais. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 3, 2011. Disponível em: <http://www.saude.ufpr.br/portal/revistacogitare/wp-content/uploads/sites/28/2011/07/19517-88294-1-PB.pdf> Acessado em Junho de 2019.

SANTIAGO, S.. O narrador pós-moderno. In: **Nas malhas da letra**: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, J.C.F. **Aprendizagem Significativa**: modalidades de aprendizagem e o papel do professor. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SATO, A.T. et al. Processo de envelhecimento e trabalho: estudo de caso no setor de engenharia de manutenção de um hospital público do Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v33n10/1678-4464-csp-33-10-e00140316.pdf> Acessado

em Abril de 2019.

SCORALICK-LEMPKE, N.N.; BARBOSA, A.J. G. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 647-655, 2012.

SILVA, A. M. A. C. da. **Reconectando a sociabilidade online e off-line: trajetórias, formação de grupos e poder em canais geográficos no Internet Relay Chat (IRC)**. Dissertação de Mestrado Não- Publicada, Programa de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2000.

SILVA, S.F. et al. **Relação entre Trabalho, aposentadoria e lazer nas expressões de idosos que frequentam bares em Palmas-TO**, 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/123456789/1137> Acessado em Maio de 2019.

SILVA, L.R.F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3861/386138034009.pdf> Acessado em Setembro de 2018.

SILVA, M.M; TURRA, V.; CHARIGLIONE, Isabelle P.F.S.. Idoso, depressão e aposentadoria: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 10, n. 2, p. 119-136, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v10n2/09.pdf> Acessado em Junho de 2019.

SIQUEIRA, D.C.O. Os jovens e suas telas pós-modernas: reflexões em torno da cidade, do imaginário e da tecnologia. **Comunicação e Sociedade**, vol. 17, 2010, pp. 39-50. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1011/975> . Acessado em Novembro de 2017.

SLOANE-SEALE, A.; KOPS, B.. Relação entre aprendizagem dos idosos e envelhecimento bem sucedido. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 22, n. 1, p. 25-36, 2012.

SOUZA, A.A.F.; WECHSLER, S.M. Inteligência e Criatividade na Maturidade e Velhice. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, p. 643-653, 2013.

SOUZA, D.O.; SILVA, S.E.V.; SILVA, N.O. Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da " questão social". **Saúde e Sociedade**, v. 22, p. 44-56, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n1/06.pdf> Acessado em Julho de 2019.

SOUZA, J.J.; SALES, M.B. Tecnologias da Informação e Comunicação, smartphones e usuários idosos: uma revisão integrativa à luz das Teorias Sociológicas do Envelhecimento. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 19, n. 4, p. 131-154, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/31957/22141> Acessado em Julho de 2019.

SPIRDUSO, W.W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Editora Manole Ltda, 2005.

STEPANSKY, D. A revolução das imagens: a velhice na mídia. In: NEGREIROS, T.C.G.M (Org.). **A nova velhice: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: LivraEditoraRevinter, 2007.

SCHAIE, K.W.E; WILLIS, S.L. Learning and memory: Acquiring and retaining information. In K. W. Schaie; S.L. Willis (Ed.), **Adult Development and Aging**. New York: Harper Collins Publishers, p.326-359, 1996.

SHEPHARD, R.J. **Envelhecimento, atividade física e saúde**. São Paulo: Phorte, 2003.

STACHESKI, D.R. PleasureGrowers: Experiências e Produção de Sentido do Envelhecimento numa Rede Social Digital. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 209-223, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/13509/11438> Acessado em Junho de 2018.

TEIXEIRA, S.M. Lazer e tempo livre na " terceira idade": potencialidades e limites no trabalho social com idosos. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 10, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2597/1651> Acessado em Maio de 2019.

TOLDRÁ, R.C. et al. Promoção da saúde e da qualidade de vida com idosos por meio de práticas corporais. **Mundo Saúde**, v. 38, n. 2, p. 159-68, 2014. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/promocao_saude_qualidade_vida_idosos.pdf Acessado em Julho de 2019.

TOSCHI, M.S.; SILVA, Y.F.O. Autoestima entre idosos na era digital: o processo de inclusão por meio das atividades do LIM/LIFE – UEG. **Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)**, v. 3 (2016): Inovação: inclusão social e direitos, p. 1-10.

VANZELLA, E.; NETO, E. A. L.; SILVA, C. C. A terceira idade e o mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 4, p. 97-100, 2011.

VASCONCELOS, N.A.; SUDO, I.; SUDO, N.. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n1/04.pdf> Acessado em Outubro de 2018.

VERONA, S.M. et al. Percepção do idoso em relação à Internet. **Temas em Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 189-197, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751429007.pdf> Acessado em Julho de 2019.

VIEIRA, M.C.; SANTAROSA, L.MC. O uso do computador e da Internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais. In: **Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE)**. 2009. Disponível em : <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1145/1048> Acessado em Agosto de 2019.

WANG, L.; RAU, P.L.P.; SALVENDY, G. Older adult's acceptance of information technology. **Educational Gerontology**, v. 37, n. 12, p. 1081-1099, 2011.

WONG, L.L.R.; CARVALHO, J.A. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n1/v23n1a02> Acessado em Novembro de 2017.

10. APÊNDICES

10.1 Roteiro de entrevistas

10.2 Entrevistas

10.3 Termo de consentimento livre e esclarecido

10.1 Roteiro de entrevistas

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

10.2 Entrevistas

ENTREVISTA 1

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Sim. Celular. Só o celular e o whatsapp que é no celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Eu não acesso a internet porque eu tenho pessoas que fazem pra mim, mas vê os meus e-mails, vê minhas propostas de preço que eu mando pros meus clientes. Eu trabalho com a internet, mas não sou eu que faço. Eu tenho uma pessoa pra fazer.

E por que não acessa você mesmo a internet?

Ah, no momento eu não me adapto muito bem com internet. Não sei. Ah, não sei nem se é porque eu não tenho muito tempo, sistema nervoso... Eu não sei passar um e-mail direito. Eu. Eu fico meio perdido ainda com a internet. E tenho pessoas pra fazer. Eu vou narrando e a J tudo no...

E geralmente é pra trabalho?

Pra trabalho.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho dificuldade. Ah, primeira dificuldade é que tem mudança constante, né?! Tem mudança no... Tem celulares hoje que você é... Não tem teclado, você tem que só passar o dedo na tela. Computador, lá na firma já tem computador que você não tem mais teclado. Lá na firma tem computador que você tem que bater na tela dele e escrever na tela dele. Lá na firma já tem. Então é coisa que... O mundo digital tá sendo muito... Tá indo além do meu... Quer dizer, não sei se é do meu tempo ou meu conhecimento, mas o mundo digital tá indo bem á frente.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Só do whatsapp. Bom... Na minha opinião, eu acho que isso aí, essa rede social é... tá deixando até que as pessoas sejam menos carinhosas um com o outro porque se fala pelo whatsapp. Hoje em dia, 90% hoje até dos meus clientes que vai me passar pedido, ele não telefona pra mim: “Oh, eu quero isso, isso e isso!”. Ele passa no whatsapp lá: “Manda isso!”. Então... Você deixa de falar com as pessoas. Com clientes, ou com amigos e tal, pessoa que você gosta, porque tudo dele é digital. Tudo passa direto.

E você acha que isso afasta? Dificulta a comunicação?

Dificulta. Até comércio. Isso que tô falando da minha profissão, né?! Na minha profissão se eu pegar o talão de pedido meu lá pra vender pro cara, se eu tenho 300 produto, 150 no mínimo eu vou vender. E aí quando ele passa no whatsapp pra mim, ele passa só aquilo que ele viu no momento lá que interessou. Então a pessoa, a visita, a proximidade da visita do fornecedor com o comprador, na minha profissão, whatsapp não é comercialmente viável. Não é bom pra mim.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Sim. E não faço hoje até por falta de tempo, mas eu gostaria de fazer, e provavelmente, ano que vem eu vou ter que fazer porque eu preciso. Pra trabalho. No meu trabalho tem coisas que eu não posso chegar no cara que o e-mail chega muito mais rápido. Eu resolvo que de repente eu vou deixar de fazer porque não cheguei lá. A velocidade.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Não. A rede social afasta as pessoas. Olha, isso é o meu modo de pensar. Eu acho que se você tem uma oportunidade de ir lá na casa da sua mãe visitar ela, mas você falou por telefone você se dá por satisfeita de falar com a mãe. Mas se você fosse visitar tua mãe ou teu pai era mais... Mais humano, mais carinhoso do que você falar: “Ah, como é que vai mamãe e tal, feliz natal...” E desligou o telefone. Eu acho que afasta as pessoas um pouco. Perde o contato. Falou oi mas não... De repente a pessoa tá lá do outro lado passando mal mas pra te agradar: “Não, tá bem. Tô bem.” Mas se você visualizar a pessoa, cê vê que a pessoa num tá bem, o sentimento da pessoa num tá bem. Eu acho que afasta. Afasta a pessoa.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Não tenho ainda porque eu tô na ativa, mas podia ter tirado já. É mais fácil. É mais fácil porque... Voltando para o lado humano, tem muito, tinha muito motorista no passado aí que deixava os velhinho a pé porque a empresa dizia: “Ah, só pode carregar 3 velho, aí tinha velho no ponto aí ele pegava e metia o pé. Hoje não. Hoje ele é obrigado pegar porque passando o cartão de sênior alguém vai pagar. Então o motorista não tem prejuízo de ver o ônibus cheio: “Pô, tem 10 passageiros velhinho que entrou pela porta traseira.” Hoje facilita.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de

ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não. Eu até uso caixa eletrônico, mas agora de um tempo pra cá eu tô com dificuldade porque todos os banco tão exigindo você ter a digital, biometria. E porque eu mexo com material químico, algumas biometria minha não pega na primeira. Então pra mim digitar... Tô digitando com essa mão aqui lá o que eu quero usar lá, aí manda pedir a digital da mão esquerda, aí coloquei, não funcionou, eu tenho que colocar da mão direita. Então... Aí eu tenho alguma dificuldade hoje no caixa eletrônico. Ah, tem muito idoso que não sabe usar. Ainda mais quando tem biometria. Não sabe usar. Não tem como usar. Atrapalha. Inclusive o idoso fica muito vulnerável em caixa eletrônico com isso. Porque 90% dos banco hoje tão pedindo biometria. 90%. Ou uma pulseirinha, ou... E com isso o malando outro dia lá falou: “Me ajuda aqui, fulano pra sacar o pagamento.” E o cara fica vendo o movimento que você fez. Eu acho que atrapalha um pouco o idoso.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ah não. Isso aí pro seu dia a dia é... o cartão de crédito e débito é um grande negócio. Porque você não fica andando com grana. Hoje você chega na cidade do Rio de Janeiro pra tomar um café e comer lá um biscoito você pode passar o débito. Então facilita a vida da gente no dia a dia, pra evitar de andar com espécie no bolso. Aí facilita. Cartão de crédito e débito facilita. Isso aí não tem nenhuma dificuldade não.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

É... Vendo o lado... Muita coisa não precisa sair de casa, tem ajudado. Tem ajudado porque tem coisa que cê pode resolver de casa com a tecnologia, até com a ajuda dum neto ou dum filho, tá ajudando os idosos. A tecnologia ajuda mais do que atrapalha.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Eu trabalho.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Sim. No meu caso ainda respeita muito. Eu não sei se é porque minha profissão de 45 anos no mesmo mercado, me respeitam muito, muito. No profissional e como pessoa. Me respeitam bastante.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Não. Eu tenho bastante contato com familiares, com amigos. Não, de repente até por

causa da minha profissão, né?! Eu tenho muito contato. Inclusive sou requisitado pra trabalho ainda na minha idade de 61 anos. Sou disputado.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Ah sim. É aí eu não sei se é porque eu convivo com alguns idosos da roça, do interior.. É, existem várias classes social de idosos, não é financeiramente não, eu tô falando classe social de idosos que são mais comunicativos, outros são menos comunicativos. Até porque não sei se é onde vive, entendeu? Até porque eu ando muito pela região de Espírito Santo e Minas e eu vejo que tem muitos idosos que parece que não é muito felizes mas é o jeito deles. É o jeito deles viver. Naquela época do meu avô ele era uma pessoa que não era muito socialmente comunicativo. Ele não era muito. Ele era um cara, mais fechado, isolado. O meu pai também era um cara muito isolado. Eu não. Eu sou um idoso que já gosto de viver na muvuca, no meio do pessoal. Não importa se é da minha idade ou menos, eu tô conversando. São mais comunicativos do que antigamente, 30, 40, 50 anos era muito diferente.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Ah, melhor qualidade de vida! Bem melhor. Eu conheço hoje senhores aí de 68, 70 ano que tão com a vida... Praticando esporte. Inclusive aqui tem o C que essa semana veio me chamar pra jogar futebol lá em Guapimirim. Eu falei: “C, eu não guento correr 5 minuto.” “Pô, tenho 79, vou correr 90.” São muito comunicativo e tão vivendo uma vida muito boa hoje.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

A velhice hoje, dependendo da cabeça da pessoa, que tem pessoa que é mais fechada. Eu acho que a velhice hoje é uma vida normal. Vou falar por mim, se eu não tivesse essa... que eu não chamo de doença, essa diabete hoje, eu tava vivendo melhor do que eu vivia há 40 ano atrás. A minha cabeça hoje, é uma cabeça que eu não fazia as besteiras que fiz há 50 ano atrás, até financeiramente, 40 ano atrás. 35 ano atrás. Eu guardava mais dinheiro pra minha velhice, coisa que eu não fiz, entendeu? Mesmo assim sou muito feliz! A velhice é bom. E a tendência hoje é, se a pessoa se cuidar um pouquinho, chegar até os 90 e eu acho que vou chegar.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo. Mais ativo até porque hoje tem muitos recursos, né?! Tem aí remédios que

faz você... Se você tiver muito desanimado, você vai tomar um remédio que você vai se sentir mais ativo. Coisa que antigamente não tinha. Hoje tem medicamentos que você toma se sentir muito desanimado, praticar um esporte pra fazer uma caminhada. Hoje você tá muito... Tem muitos recursos.

Quais além do remédio?

Boas amizade. Porque no passado as pessoa era mais assim, mais... Apesa que hoje tem mais violência na rua, mas com toda violência, as pessoa ainda encontra muitas pessoas boas de se comunicar e que faz você se sentir pra frente.

ENTREVISTA 2

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Sim. Celular e tablet.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Eu costumo acessar sim, só que pra minha pesquisa sobre o meu trabalho. Trabalhos manuais. Só pra isso! Pra pesquisar, pra mim ver como faz, mas, assim, pra outras coisas eu ainda não tenho prática.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho. É... eu quero que seja mais rápido, sabe?! Aí eu não tenho paciência de ficar ali teclando, aí eu pego, fico nervosa, aí eu deixo pra lá.

O que você queria que fosse mais rápido?

Assim, por exemplo... é... quando eu vou chamar um carro, o Uber, aí fica aquela coisa lenta. Principalmente na rua que a internet fica mais lenta. Aí eu perco a paciência.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Só o whatsapp. Eu acho legal. Acho de grande utilidade. Mais rápido pra gente se comunicar, não é tão caro assim... Eu acho legal!

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Sim. Ah, porque a evolução do mundo tá aí, né?! E a gente tem que acompanhar a evolução, né?! Senão a gente fica atrás. Eu gostaria sim. O pouco que eu sei é o C. que me ensina. Ele tem paciência, vai, me ensina. Quando eu tenho alguma dúvida, eu peço a ele, ele me ajuda. Então eu gostaria sim de fazer um curso sim.

Você acha que isso te ajudaria? |Em quê?

Pra mim aprender mais rápido e não ficar pedindo pra pessoa vim e me ajudar, entendeu?! Porque nem sempre ele tem tempo pra me ajudar, né?! Aí eu gostaria sim.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Agora você me complicou... porque tem certas situações que aproxima e tem outras que não. Porque hoje em dia as pessoas não querem mais conversar, né?! É só mandando mensagem pelo whatsapp, e muitas das vezes eles botam umas siglas que a gente não

entende, eu pelo menos não entendo, né?! Aí fico: “o que que quer dizer essa palavrinha aqui? O que que quer dizer essas letrinha?” Entendeu?! Porque as pessoas não tem mais aquela coisa de sentar, bater um papo, conversar... às vezes a pessoa vai num jantar, nem come e nem conversa. Fica só no celular. Aí eu acho que aí não é válido. Aí eu acho que nessa parte afasta um pouco, né, porque eu pelo menos, na minha idade, eu gosto de conversar. Cara a cara, né, não vou ficar no celular conversando assim, mandando mensagem. Eu acho que é melhor olho no olho.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Tenho. Pra mim ajuda, facilita. Porque eu não preciso ficar contando dinheiro, esperando troco, eu já boto lá na maquinazinha, já passo, já sento. É até mais segura pra gente que tem uma certa idade não perder muito tempo ali, né?!

E pra você foi fácil aprender a passar o cartão?

Foi, foi, foi rápido!

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Preciso de ajuda. Eu acho que ajuda. Ajuda. Porque agora, nesse exato momento, eu tô ainda aprendendo, né, não tenho muita prática, mas depois que eu pegar a prática vai ser rápido. Que aí eu vou lá, pego o dinheiro, vejo o que eu quero, no dia que eu quero. Eu tô aprendendo. Ainda tôengatinhando mas vou chegar lá.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ajuda. Pela segurança de não ter que andar com dinheiro e é só você gravar a senha, né, e guardar direitinho e vamo que vamo. Eu acho que ajuda sim. Bem mais prático.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajuda. Porque ultimamente você não precisa de muita coisa, de uma pessoa pra ficar andando com você. Você sabendo mexer no computador, sabendo mexer no caixa eletrônico, você não é dependente de ninguém. Você vai lá e faz o que você quer. Acho que ajuda. Mesmo porque tem coisa que a gente não quer que outra pessoa saiba, né. Tipo assim, você vai no banco, quer saber teu saldo, aí você mexendo lá, guarda pra você, não precisa a pessoa saber quanto você tem. É uma coisa tua. É bem mais prático também.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Sim. Eu faço meus trabalhos manuais, né, e agora eu tô ficando de acompanhante de uma senhorinha de 92 anos.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Nem sempre. Quase nunca. Você tá na condução, jovem tá sentado, não te dá lugar, são pouquíssimos que dá lugar. E também você tá na rua, não pede licença, eles passam por você falta pouco te derrubar. E aí você fica inseguro. Eu já vi uma senhorinha cair por causa disso! O jovem vem em grupo e num deu lugar pra ela passar, ela caiu. Esbarrou nela, coitadinha, ela caiu. Então nem sempre os idosos são respeitados. É poucas pessoas que respeitam os idosos.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Quando eu posso eu participo. Quando eu posso. Saio com as minhas amigas, às vezes a gente marca um lanche, um almoço... Eu participo sim.

Então você não se acha uma pessoa isolada?

Não, não. De jeito nenhum! Participo.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Sim. Ah, os idosos de antigamente eram mais exigentes, queriam que fosse mais respeitado, que os jovem tomassem bênção, né, essas coisa assim de antigamente. Hoje em dia o jovem não quer fazer nada disso. Querem sair, não querem levar os idosos, mas a vida segue. Minha mãe, por exemplo, ela não participava. Se me chamarem pra uma festa, eu vou, ela já não. Dizia que ela não tinha mais idade pra participar de algumas festas, de ficar até tarde acordada pra tá ali com o jovem, com pessoas, mesmo da idade dela. Hoje tem pessoas idosa que vai pra bingo, joga baralho, vai pra baile da terceira idade. Eu acho lindo, só não sei dançar, mas eu acho legal, gosto de ficar olhando o pessoal dançar.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Ah, tem maior. Tem maior porque as pessoas assim de mais idade tem... como eu vou tem falar?... elas tem o celularzinho delas, com aquelas letras, números maiores, né, elas tem o telefone, que elas podem se comunicar com a família, com as amigas... E antigamente não tinha nada disso. Então eu acredito que hoje em dia os idosos, a qualidade de vida é maior. Tem também esses grupos que faz... que faz hidroginástica, né?! O pessoal participa de caminhada, participa de alguma atividade que melhora na

vida deles, né, na nossa vida.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Experiência de vida. A gente tem mais experiência, mais paciência, mais tolerância. Os idosos agora são mais paciente. Eu não acho que as pessoas estão vivendo tanto, no máximo vai a 70, 80, mas qualidade de vida também, às vezes, tem pessoa também que não pode participar de certas coisa, né, não pode se alimentar direito, mas a velhice tá sendo legal. Eu acho que é só a pessoa procurar viver bem pra viver mais. Pra mim tá sendo bom.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo. Mais, porque conheço senhorinhas mais velhas do que eu, de 70, 80 anos, que elas tão fazendo faculdade, elas tão fazendo curso de informática pra poder acompanhar a evolução. Elas viajam, vai pra excursão, pra outro país, então... o negócio tá ficando bom pros idosos. Tá ficando jóia!

ENTREVISTA 3

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Só o celular

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Nem sei como é a internet, filha. De internet eu não entendo nada.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Muita. Muita dificuldade. Não entra na minha cabeça como é que eu vou entrar, como é que eu vou fazer aquilo. Às vezes eu mexo no meu celular, eu tiro tudo do ar. Aí eu fico: Jr, cadê o whatsapp? Cadê meu whatsapp? Ele que arruma pra mim. Aí bota de novo tudo nos seus lugares.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Se tem eu não sei, mas o whatsapp eu sei que eu tenho. Pra mim é uma coisa maravilhosa porque eu falo com minha filha que tá lá em Brasília. G. foi pra Brasília. Tá pra lá de Brasília agora, hoje mesmo eu conversei com ela, entendeu? A gente entra em contato. São Paulo eu vejo porque a gente tem a imagem, né?! Eu vejo ela. Então eu sei como é que elas tão. Amo o whatsapp!

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

A idade não permite. Na minha cabeça. Eu acho dificuldade porque eu cuido muito de casa. Eu sou muito Maria de casa, de fazer as coisas de casa. Então eu acho que eu não vou ter tempo pra isso e a cabeça também não vai ajudar.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Eu acho que se aproxima. Porque a gente às vezes... olha, agora mesmo, eu tenho uma menina de Caxias. Eu sei que ela entrou e a gente tem uma amizade pelo whatsapp... E ela me trata de vó. Entendeu? Ela fala comigo como se fosse minha neta. Então eu acho ela sensacional. Ela é muito lindinha! Não sei o nome dela.

A senhora não a conhece?

Não.

E como a senhora começou essa amizade?

Porque ela entrou e eu procurei saber quem era ela. Aí ela falou: eu sou fulana de tal, evangélica da igreja de Caxias, e daí pra cá a gente sempre se fala. Ela mandou uma mensagem errada e acabou batendo em mim. Aí acabou formando uma amizade.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Claro que eu possuo. Ajuda porque quantos anos que eu paguei passagem e agora posso viajar de graça. Quando viajo duas vezes por dia, pego o mesmo ônibus, não passa, eu dou a volta, entro por trás, mostro a identidade e acabou.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não. Hoje mesmo eu tinha que ir no banco e a G. disse: mãe, leva o Jr. Eu falei: o Jr vai me explicar hoje, mas não vai encaixar, mês que vem tenho fé em Deus que ele esteja trabalhando, aí não vai poder ir. Então eu faço como sempre faço. Vou pra fila, entro ali, a menina que tira o dinheiro e me dá, entendeu? Pra mim atrapalha. Você olha uma fila como daqui lá na esquina só de idoso, ninguém sabe mexer. Quem está naquela fila não sabe mexer. Então há aquela dificuldade. A gente acha que é o fim do mundo a gente tá naquela fila, com duas pessoas atendendo só e a gente permanecer. São tudo idosos, mas ninguém consegue mexer. Não sabe mexer, entendeu? Então eu acho difícil.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Nunca usei. Minha filha já fez pra mim, eu falei que não quero, quebrei. Saber usar, a gente aprende na hora, que é coisa banal, mas eu não faço questão.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

É melhorou. Melhora. Em parte ajuda. Os pobretá morrendo, os rico tem dinheiro pra pagar.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Nada. Nenhuma.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Olha, tem hora que as pessoas respeita, mas não vejo respeito não. As pessoas não respeita as pessoas idosa. O mundo tá assim. Ninguém tá respeitando mais ninguém. E como é que a gente vive assim? Com medo. Eu vivo com medo.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com

amigos e familiares?

Mantenho contato, participo. Agora em novembro eu fui no aniversário da minha madrasta, foi muito lindo. Encontro meus parentes. É o que eu tô te falando, eu tenho medo de sair, mas eu gosto. Eu me comunico, eu gosto. Eu só não faço mais porque meu marido tem uma dor na perna, e eu tenho receio de deixar ele sozinho.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Antigamente as pessoas era mais severa. Totalmente diferente. Porque se julga com 65 anos nova ainda, gata. Antigamente era velho mesmo. Minha vó nunca vi a canela, o braço e o pescoço de fora. Tudo fechado. Eu não me julgo velha não. Vou fazer 78, não me considero nova, me considero velha, mas aquela velha que lava, passa, cozinha. Ativa. Não é que eu sou jovem. Eu tenho estrutura pra isso.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Minha vó não tinha muita qualidade de vida não. Sempre foi muito carente. Acho que hoje. Hoje tá melhor, financeiramente. Assim, eu sou salário, meu marido é salário. Eu lembro, meu pai era salário, era muito mais difícil. Quando meu pai recebia, era aquela comprinha, quando acabava aquela comprinha era só mês que vem. Então era mais difícil, hoje tá mais fácil. Bem melhor. A gente consegue comprar nossas coisa.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

A velhice com amor e carinho ela é ótima, mas a velhice abandonada como é que vive esses velho abandonado, jogado no asilo, é difícil. Minha velhice é isso que eu tô vivendo, cuidando das minhas plantas... mas eu acho a minha velhice boa.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Eu acho que é mais ativo, muito mais. A gente faz muito mais coisa hoje, tem muito mais atividades.

ENTREVISTA 4

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Eu tenho meu celular, mas por incrível que pareça eu não gosto muito não. Gosto de falar mais pessoalmente, olho no olho, entendeu? Inclusive eu sou igual a ele, lido muito com público. Sou serralheiro, lido muito com público, ainda mais aqui que eu sou muito conhecido, as pessoas me conhecem desde pequeno, então tem aquele contato direto. É um modo de pensar. Eu acho que a pessoa falando assim, olho no olho, abertamente é muito melhor do que conversando pelo celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Até porque não é minha praia, não sou muito chegado.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho. É que eu sou um camarada assim muito afoito, então ficar com aqueles detalhezinho de ah, não sei o quê, puxa pra lá, vê onde tá isso, vê onde tá aquilo. Isso me... Eu sou meio elétrico. Me irrita ficar procurando onde tá, como é que é, vai lá, vem cá, busca aqui.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Nada. Eu acho que é um meio de comunicação até bonito, apesar de não ser assim minha praia, eu acho bonito. Mas numa parte, eu acho bonito, que você se comunica rápido, mas já tá se tornando um vício. É igual cigarro e uma bebida. É enjoativo. A pessoa, tanto mulher quanto homem, entrou no ônibus, acabou de pagar a passagem, já começa a mexer no celular. Meu Deus, o que é que é isso? Eu vejo a patroa lá em casa. Todo lugar que você vai, é celular na mão.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. Ah, porque eu já costumo dizer que não é minha praia. O que eu gosto mesmo é a dança de salão.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Aproxima só se for no caso profissionalmente. Profissionalmente eu acho até que aproxima que às vezes um contato, entendeu? Eu acho que aproxima sim, mas se for

levar pra outros lados, eu acho que nem tanto. Porque às vezes você... eu vejo aí na mídia, a pessoa se comunica com outra pessoa a às vezes esquece de apagar alguma coisa. E aí o outro por esquecer viu. Às vezes até o cara ou a mulher por ser ciumento. Às vezes nem quis dizer nada demais, mas ele vai interpretar errado. Eu acho que por outro lado atrapalha.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Eu acho que ajuda porque a partir do momento em que você passou ali, acabou. Eu acho fácil.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não gosto disso não. Cheque... nada disso eu gosto. Facilita. Muitas vezes eu já fiz serviço pro freguês, às vezes dia de sábado, a pessoa não tem o dinheiro pra me dar, vai num bar, num lugar que tem e tira lá pra mim no final de semana. Às vezes o banco tá fechado, tira lá rapidinho, e paga e eu tchau, obrigado.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ah, eu acho o seguinte, se você não tiver um controle... Se não quando vê, você acha que ele tá te ajudando e ele tá te atrapalhando.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ah filha, eu vou dizer pra você, eu acho que não tá ajudando nada. Porque a tecnologia é mais na cabeça dos jovem e o jovem se puder atrasar o lado dos velho...

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Eu trabalho. Trabalho e gosto, até porque não consigo ficar parado. Eu quero movimentar alguma coisa, quero me comunicar. Eu sou muito elétrico, gosto de conversar com um, conversar com outro... Eu me amarro. Enquanto puder tá sempre exercitando, eu tô aí, porque eu acho que exercitando você mantém. Porque eu subo, faço cobertura, galpão. Às vezes, num calor desse eu tô lá em cima, tô nem aí.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Respeitar não respeita não. No ônibus, já falei aqui, na faixa de pedestre... A pessoa tá vendo que o idoso pisou na faixa, se a pessoa não pular ele passa por cima. Pra quê isso? As pessoas tão precisando ser educada, continua tudo ignorante do mesmo jeito. Não respeita nada.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Não me acho isolado não. Sou elétrico até demais. Vou a festa, me meto em política... Meu pai era político também, então me meto em política, bagunço um, brinco com outro. Vou a baile, pinto os caneco.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

São diferentes. Porque o pessoal era mais acomodado, mais caseiro, gostava de ficar na casinha, cuidando da roupa, disso, daquilo... Os de hoje já são mais elétricos, tá entendendo?

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Acho que se tratando de saúde, antigamente. Até porque eles se preservava mais. E os de hoje... O que tá faltando em um tá sobrando no outro. Os outros tinha mais saúde, mas era mais acomodado, eles se precavam. Os de hoje não quer saber, quer saber de se divertir, não de se precaver. A comida antes eram muito melhor e eles era mais saudável por causa disso.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

A velhice? Ah, se souber levar é bom.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Eu acho que os de agora são mais ativos, porque eu não gosto de informática, mas os de agora são mais compactados (conectados). Vê muitas coisas diferentes, os de antes eram mais isentos de várias coisas, antigamente não tinha nem televisão, hoje tem internet, facebook, essas coisas.

ENTREVISTA 5

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Eu uso celular e computador.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Costumo. Sinceridade? Pouca coisa, mais é jogos.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Ah tenho! Às vezes é alguma coisa que você quando tá na internet, você vê e você fica achando se você vai clicar ali, o que pode aparecer, o que te pede. E eu fico meio com o pé atrás.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Só Face. Face e zap. Ah, isso aí pra quem não tem tanta intimidade com esses aparelhos, foi muito bom. Pra mim hoje pelo meu ramo de trabalho então, foi excelente. Eu recebo pedido, faço comunicado com os cliente... Tudo. Isso pra mim foi ótimo! Não tenho muita dificuldade no zap não. Face é só mesmo pra pouca coisa, mas eu tenho meus amigos no Face.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Eu gostaria de fazer. O básico. Mais pra poder entender melhor ali o teclado, entendeu?! Entender como é que se pode acessar alguma coisa que não seja perigoso, né?! Nesses componentes que tem aí né? Melhor fazer realmente. Já pensei em fazer um cursinho básico, mas ainda não tive tempo.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Eu posso dizer que 50% aproxima, 50% afasta. Eu observo que às vezes a gente tá aqui conversando, você tá falando comigo e eu tô aqui na rede social, no zap, no Face vendo alguma coisa e você falando comigo. Ou às vezes onde você vai você tira a atenção de fazer as coisas, de conversar com as pessoas. Às vezes eu observo até mesmo em casa às vezes eu. Eu em casa mesmo. A minha esposa fica no quarto vendo o jogo dela, eu fico na sala... Isso aí realmente afasta.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o

embarque nos coletivos?

Não, facilita. Eu acho que facilita. Nem todo mundo tem um dinheirinho pra pagar e às vezes se não tiver o cartão, o motorista não deixa entrar. Eu acho que deveria ter alguém pra orientar os idosos, né? Não alguém igual a mim que já cheguei no 60 mas já cheguei a usar o Rio Card de passagem normal, Bilhete Único. Eu aprendi. Então pra mim, se tivesse que usar isso hoje, não teria dificuldade. Fácil, entendeu? E é bom ter, porque se você não tiver o bilhete, o motorista olha pra tua cara às vezes e acha que você não tem idade para aquilo, pra poder tá usufruindo daquele benefício.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não. Eu uso com a minha independência mesmo só aquilo que eu já aprendi fazer. Se for fazer uma transferência de alguma coisa, aí eu não sei. Se for depositar cheque, dinheiro, pagamento, aí eu sei fazer sozinho. Tive ajuda, mas aprendi. É aquilo que eu falei pra você. Pessoas idosas, agora que começou a surgir esses aparelho eletrônico e eles não tiveram na época deles mais jovem. No caso meu, que já comecei antes de chegar na minha idade de 60 pra cima, eu já vim aprendendo. Mas dificulta bastante ainda. A gente percebe na fila do banco que dificulta.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Isso aí tem que ter muito cuidado realmente. Posso dizer pra você que é a mesma coisa do aparelho de 50% de cada lado, entendeu? Cartão de crédito ele ajuda uma hora, mas se você não tiver ciência pra utilizar, ele te atrapalha. E o débito não atrapalha porque você só vai usar se tiver dinheiro realmente. Usar é fácil porque é a pessoa que vai passar pra você, você só vai digitar a senha. Isso aí não dificulta nada não.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Olha, pra quem tá entrando no mercado agora, digamos de 10 anos pra cá, ela vem ajudando muito. Mas eu acho que é por isso que tá esse desemprego aí, dos que foram mandado embora e não sabe se movimentar aí com essa tecnologia que tem. Mas eu acredito que ajuda muito sim.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Trabalho. Além de aposentado, trabalho.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Eu acho que não mudou nada. Tem muitas pessoas que hoje quando chega pra mim e

conversa comigo normalmente, não acha muitas vezes que eu já cheguei aos meus 60. Então pra mim não mudou nada não. Mais pra frente pode ter alguma diferença, né? Eu acho que por enquanto eu ainda não tô precisando de ninguém. Eu acho que tem aquela dificuldade quando você passa a depender. Como eu ainda não preciso de ajuda, eu mesmo faço tudo o que eu tenho que fazer, então eu acho que não tem... Mas mais pra frente... Tem muitas pessoas que precisa e tem muita dificuldade realmente.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Eu gostaria de participar bastante, mas nem sempre dá pra gente participar. Quando eu posso, eu participo.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Ah é. Porque hoje a pessoa quando chega na terceira idade, uns chega mais acabado, outro chega mais inteiro, vai depender de cada pessoa. Mas é diferente sim. Eu acho que a diferença é que naquela época, passei dos 60, tenho que ser senhor, tem que ser beijo na mão, bença... A diferença tá que hoje você não tem mais esse negócio de senhor.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Menor. Menor porque qualidade de vida na época você não tinha assim muitas, vamos usar o verbo besteira, que nem você tem hoje. Você queria comer alguma coisa, você ia lá na roça, arrancava e comia. Hoje não. Hoje você come uma couve que na época era uma folhinha assim (sinal de pequena com a mão), agora a couve tem folha de quase um metro. Em tudo tem hormônio, tem não sei o quê que botam lá, né?

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Velhice hoje seria você chegar na velhice com um bom salário, uma boa aposentadoria pra não precisar trabalhar. Infelizmente a velhice hoje você chega nela tem que trabalhar pra suprir suas contas, seus compromissos... Porque o que você pagou durante 36, 35 anos de trabalho, seu salário, sua aposentadoria não te ajuda. Não é suficiente.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Acho que fica até meio difícil de responder. Porque tem idoso de antigamente que é ativo pra caramba ainda e tem idoso de hoje que não é, e tem o que é. Então... Acho

que fica muito no jeito que a pessoa vem vivendo a vida dela até agora. Dormir cedo, se alimentar razoável... Eu acho que cheguei aos meus 60 razoavelmente bem.

ENTREVISTA 6

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Não.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Também não. Nada disso. Tem até uma explicação, minha esposa é que usa, e eu costumo dizer que a última pessoa que eu tinha pra conversar, eu perdi. Eu sou meio... É que com a idade eu sou meio radical com esse negócio de celular. E aí todo mundo tem, os filhos, e a mulher que não sabia, aprendeu agora, aí celular, você sabe como é, vicia um pouco. Eu tenho celular só que eu não uso, nunca usei.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Eu não gosto mas eu acho que não tenho dificuldade não. Eu já peguei máquina de cartão pra trabalhar e foi fácil, eu já trabalhei em indústria, fui operador de máquina, eu tenho facilidade. É porque eu não gosto. Mas eu preciso, vou precisar.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Eu pretendo até fazer ainda. É bom pra quem sabe usar mas muito ruim pra outras coisas. Porque viciou muito os jovem, até idosos.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não pensei ainda não. Eu acho que eu pretendo pegar e aprender em casa com a minha família. A minha esposa aprendeu sozinha.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Eu acho que afasta. Eu falei pra você, né, o último amigo que eu tinha pra conversar eu perdi. Eu perdi os filho, agora eu perdi a mulher. É porque ela fica perto de mim, eu vendo as notícias importantes na televisão e ela não quer saber. Só fica ligada no celular. Aí na parte de conversa, eu tô falando, quando vejo ela tá no celular. Não tá prestando atenção no que eu tô falando. Você chega numa mesa de família almoçando, é cada um com seu celular, ninguém fala nada com ninguém. Isso eu acho triste.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Eu peguei o Rio Card e fui pra casa, nunca mais usei. Eu acho que facilita, passa fácil. Eu acho muito fácil.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Toda vida eu usei mas depois que a minha mulher tomou conta, e a minha filha virou gerente de banco, nunca mais usei. Ainda tenho que reaprender de novo. Mas eu acho que ajuda.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Mesma coisa. Pra quem sabe usar é fácil, facilita. Você não precisa andar com dinheiro.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajuda muito, mas atrapalha as pessoas que não sabe usar, né?! Quem não consegue usar fica pra trás que nem eu. Eu falo que eu sou a única pessoa que não usa celular.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Sim. Trabalho e sou aposentado

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Isso eu sou muito entrosado, principalmente com jovem. Acho que é por isso que eu ainda tenho esse jeito de jovem. Eu sempre arrumei atividade: futebol, brincadeiras, corrida... Gosto de ensinar as coisa, porque eu gosto de brincadeira, ginástica, esse negócio. Eu gosto de estar sempre com os jovem.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Eu não me sinto idoso ainda. Eu me sinto respeitado, até porque qualquer lugar que eu vou as pessoas não acredita na minha idade.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Deve ser. São mais espertos. Eu vejo velho de 90 anos que são professor, entende de internet, de tudo, dão até aula.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Tem mais qualidade de vida, apesar das dificuldades. Porque melhorou muito, tendo renda tem muita facilidade.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Acho que a velhice pra quem se aposentou e deu pra se aposentar bem, tem uma renda mais ou menos, que dê pra viver legal, tá melhor. Porque mesmo se ele não quiser ficar em casa, pode tirar um dinheiro pra pagar uma creche, um lugar assim. Acho que tem essa facilidade.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo. Acho que o tempo. As coisas mudaram e os velhos estão mais espertos, tem muita coisa pra fazer. Tem velho aí que é mais esperto do que novo.

ENTREVISTA 7

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Não.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

É raro. É raro porque nem internet eu tenho. Tô desatualizada, eu sei disso. Às vezes eu olho no google sobre remédio, saúde, outras coisas assim do dia a dia.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho. Eu não tenho mais essa memória de garotinha. Mas é também falta de força de vontade da minha parte, porque tem gente que aprende com mais idade que eu. Por que eu não vou aprender?

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Nenhuma. É muito importante, né? Muito importante na nossa vida porque eu, o que que acontece... Eu não tenho nada disso daí, já três vezes que tentei fazer a informática, e tentei, só fiz 15 dias, 1 mês e parei, não fui mais. Mas eu sinto falta. Eu sinto falta porque tantas pessoas mais velhas do que eu estão atualizadas, por que eu não tô? É falta de força de vontade da minha parte pra aprender.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Com certeza. Tá faltando é fator tempo também. Queria fazer sim, mas de dia, à noite não. Tá muito perigoso pra você sair assim pra fazer curso.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Aproxima. Aproxima porque você tá aqui no Rio de Janeiro e quer falar com um parente em Fortaleza, é rapidinho pelo Face, whatsapp. Com facilidade, entendeu? Eu acho que aproxima e aproxima muito as pessoas, embora tenha pessoas que usa essas coisas para o mal.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não, eu acho fácil, minha mãe usa, ela tem 84 anos e ela usa com facilidade.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de

ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Bom, pelo menos pra tirar dinheiro, essas coisas eu sei. Só não sei pra pagar boleto, essas coisas eu não sei. É útil, muito útil.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Facilita. É só a pessoa saber usar, principalmente o de débito, quer dizer, o de crédito também, só a pessoa saber usar, ter controle. Eu tenho 4 cartões e uso todos eles com controle. Pra mim é muito bom, melhor do que fazer carnê igual antigamente. É dinheiro em plástico.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Tem ajudado muito. Eu acho que em tudo. Facilitou a comunicação, principalmente a comunicação entre os humanos, a distância, por exemplo, na família tem pessoas em Portugal, e a gente conversa com eles pela rede social, essas coisas. Se não fosse isso? Essa coisa de carta já era! Já foi o tempo.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Trabalho

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Essa garotada nova que tá vindo aí não é muito de respeitar os idosos não. Não são todos, tem exceção, mas tem uma galerinha aí que falta muito com respeito pras pessoas de terceira idade. Não aceita, por exemplo, uma pessoa da minha idade tá na frente de uma loja, não são todos, mas a maioria. A maioria da garotada aí são tudo elétricos, acha que porque tem o domínio da tecnologia, mas não tem a experiência que eu tenho do ramo. Entendeu? Lá na minha casa, os meus netos graças a Deus me respeitam e me respeitam muito. A minha mãe que já é tataravó respeitam. Tem que respeitar porque é experiência de vida.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Não sou isolada não, graças a Deus. Nesse final de ano agora, saiu a família toda e foi pra Copacabana. Minhas sobrinhas moram lá e a gente foi. Saio. Sou participativa e sou muito! Tem minha mãe que já é de idade e também é participativa.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Há diferença sim. Só a maioria de dominar a tecnologia já é uma grande coisa. Eu

confesso que eu tô errada, mas já é uma grande diferença. Hoje são mais conectados, graças a Deus!

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Melhor qualidade de vida. Estão mais participativos em esporte e lazer. Pessoal de antigamente foi criado pra lavar, passar, ser Amélia. Hoje em dia não tem mais nada disso não. O pessoal antigo que tinha essa mentalidade já se enturmou com a galera de hoje em dia, mais jovem e passaram a entender que tem que interagir. Os idosos vão se adaptando.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Pra mim é uma coisa normal. Eu tenho uma senhorinha de 84 anos dentro de casa que não aceita essa coisa de idade, que é a minha mãe. Ela não aceita. Mas tem que aceitar a idade de boa. Eu falo pra ela: é de boa, que nem eles falam aí!

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo. Sem comparação. O esporte principalmente, os idosos praticam muito esporte, mas tem excussão, cruzeiro... Tem uma galera que eu conheço que se diverte mais. Vai a baile da terceira idade... Eu só não faço isso porque não tenho tempo.

ENTREVISTA 8

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Possuo. Celular. O tablet eu tenho, mas não uso não. O computador eu uso pouco.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Porque eu não tenho paciência.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho. Todas. Eu não tenho paciência. Minha nora vem me ensinar, mas eu não tenho paciência.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Não gosto.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não tenho nenhum interesse porque eu sou muito preguiçosa mesmo.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Afasta. Porque hoje em dias as pessoas não para pra conversar. Até pra dar os parabéns a pessoa não vai mais na casa do outro dar um abraço, fica só ligando. Você tá na mesa, almoçando, jantando, a pessoa tá ali no celular, não conversa. Eu acho que afasta um pouco. Tem pessoa muito viciada, né?!

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Eu acho que ele ajuda. Porque acho que dá possibilidade pra pessoa não pagar passagem. Eu acho que ajuda sim.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Sei. Isso aí eu mexo. Eu acho que ajuda.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Eu tenho de débito. Mexo. Isso aí é uma coisa que eu uso bastante.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado

a vida dos idosos?

Olha, numas coisas eu acho que ela tem ajudado bastante. Tem colaborado bem com as pessoas.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Olha, eu acho que hoje em dia o idoso não tá tão respeitado não. Ele tenta, coitado, mas não tá não. As pessoas não acredita, não respeita. Tá uma confusão danada.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Ah, isso eu mantenho. Bastante.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Ah são. A diferença é que os idosos hoje são mais evoluídos. Você vê assim pessoas idosos que mexe em computador, toda tecnologia com uma facilidade. Antigamente não existia isso, né.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Acho que tem maior qualidade. Justamente isso. Ela querer ser mais evoluída, querer aprender mais tecnologia, querer viver mais no mundo das pessoas jovem, participando.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Olha, eu acho que pra algumas pessoas a velhice tá bem melhor. Mas pras pessoas mais simples a velhice ainda tá muito sofrida. Falta de medicamento, falta de médico, essas coisa assim. As pessoas que tem condições financeiras... Mas as pessoas mais simples sofre mais um pouquinho também, né?!

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Ah é. Muito mais. Antigamente era mais paradinho. Hoje não.

ENTREVISTA 9

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Possuo. Eu posso o tablet, computador e celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Mais ou menos. É mais familiar.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Sim. Whatsapp. O facebook eu uso.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Mais ou menos. Às vezes eu quero fazer uma determinada pesquisa e tenho dificuldade de atingir aquele objetivo. Essa semana eu fui ver se o IPTU estava disponível e eu tive dificuldade de fazer lá, procurar. Mas eu tenho meu filho que é formado e ele é até formado em computador, essa coisa toda e eu ligo e peço socorro a ele.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Eu já fiz um curso. De informática.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Aproxima. Porque as pessoas se comunicam mais. Às vezes o parente não gosta de escrever, aí no celular, no whatsapp é só apertar lá e manda um áudio.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Tenho. Olha, no embarque não tenho notado diferença nenhuma não. É normal, sem problema.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Sei. Ele ajuda, né?! Eu quero pagar uma conta, não vou entrar em fila de banco. Quero sacar um dinheiro rápido e vou lá, é rapidinho!

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Isso aí não. Cartão de crédito nem pensar! O de crédito ele atrapalha, o de débito até

que não. O cara desconta direto na conta, não tem problema.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajuda muito, muito. Eu só não confio em movimentação financeira na internet. Nem pensar!

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não, não.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Não sinto nenhuma diferença. Por enquanto não.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Encontro com família, os mais próximos, mas esse negócio de reunião, festinha, não sou muito chegado não.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Ah, com certeza, né?! As coisas melhoraram muito pros idosos, inclusive nessa parte, nesse cartão Rio Card, a pessoa pode sair mais, economiza mais. A pessoa não gasta dinheiro.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Ah, tem melhor, muito melhor. Antigamente o cara não tinha direito a nada. O que ainda tá precário ainda é esse problema da saúde, né?!

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Faz parte da natureza. Não tem que falar nada não. Faz parte da vida. A juventude chega uma hora que vai envelhecer mesmo. Não tem jeito!

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

É mais ativo. Apesar de ter uns que não que não se interessa muito pra fazer exercício. Mas eu faço o meu quase todo dia, e faço bem feito.

ENTREVISTA 10

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Não. Sei nem mexer nessas coisas.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Só o telefone fixo mesmo porque isso aí eu sei mexer.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho. Eu acho que tenho dificuldade e muito. Minha neta quer me ensinar, eu digo que não vou aprender, mas vou acabar aprendendo. Porque quando cheguei no hospital semana passada, eu me senti fora do mundo, né?! Todo mundo mexendo no celular e eu... “Ah, tadinha!”. Tem que aprender. Não tem jeito!

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Ih, minha filha, pra quem sabe manobrar e quem sabe fazer o negócio certo, eu acho uma boa. Agora, tem gente que faz disso aí uma coisa legal não. Pra muitas coisa sim, pra muita não. O tanto que põe na internet, vídeo social, isso daí não é legal. Agora, se você quer trabalhar, sabe mexer direitinho, eu acho uma benção.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. Não quero não porque se eu quiser aprender, a minha neta me ensina.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Depende. Se você souber manobrar o negócio, fica meio a meio. Porque tem gente que chega no restaurante, ninguém fala com ninguém. Quer dizer, se você souber manobrar, uma parte conversa com as pessoa, outra parte manda mensagem... Na minha opinião é meio a meio.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Ah, isso aí quando eu fiz 65, foi a primeira coisa que eu fiz. Pra mim é bom, graças a Deus não tem problema nenhum. Eles tão botando direitinho.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não sei. Isso aí é uma dor de cabeça porque eu dependo da neta. E é ruim pedir pros outros, não é muito bom não. Eu não sei mexer não. Minha leitura também não é lá essas coisas, eu tenho medo de bloquear, então não mexo não. Pro meu caso atrapalhou porque eu não sei mexer. Mas pra quem sabe mexer é uma benção.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Eles facilitam. Mas você tem que saber o que você pode gastar e o que não pode gastar.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajudado muita gente. Porque hoje até pra viajar você compra pelo celular, não leva nem o papel, você mostra e já entra lá pra dentro. Eu acho que é uma benção. Agora, eu que tô boiando.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não. Eu sou só pensionista mesmo.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Até agora sim. Não sei quando eu estiver com a bengala como eu vou me sentir, mas até agora não tô sentido... Todo mundo me respeita bem, no ônibus eu ando legal, todo mundo me dão lugar pra mim sentar. Até agora não tô sentindo dificuldade nisso daí não. Ainda tô me sentindo garotinha.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Eu não gosto muito de festas de família, mas vou a igreja e saio com minhas amigas. Então acho que sou participativa.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Completamente, né?! Porque os idosos de hoje você já viu como são, tendo saúde, você já viu. É hidro, é passeio, é em grupo, é igreja... Ih, minha filha, completamente diferente.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Olha só, no meu pensamento, depende do que você ganha. Se você ganha salário mínimo e você quer passear, você quiser curtir, você não vai conseguir. Agora quem tem aposentadoria boa, aí é bem melhor. Mas eu acho que melhorou.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Pra falar a verdade eu não gosto nem de pensar a velhice aí mais pra frente, penso em ficar doente, depender dos outros e já dá dor de cabeça. Eu deixo a vida me levar e quando a gente chegar lá, a gente vê.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo em tudo, minha filha! Vê a televisão, vê as coroinha na internet! Tão que tão mesmo, minha filha. Eu que tô por fora, mas vê só as coroinha! Tão que tão ativo.

ENTREVISTA 11

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Só meu celularzinho pequenininho.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Isso daí também não. Eu não tenho missão pra isso não. No meu celular que não tem nada, eu não mexer nem nele.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

É isso. É porque ligam pra mim e eu nem sei atender direito a chamada. Internet, isso daí eu não uso não.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Ah, é bom porque o whatsapp você não precisa ficar ligando pra ninguém. Você tem o whatsapp e você já vê lá o que é importante pra você. Eu não tenho porque eu não uso não.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. É uma coisa que não gosto não.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Afasta não. Elas chama as pessoas. Porque você fala lá e respondem na hora. Já serve pra isso mesmo.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Aquilo eu tenho. Tá comigo até. Pra mim é fácil. Já idoso sem ele dá trabalho, mas estando com ele... Isso daí é fácil sim.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não. Caixa eletrônico, eu vou falar pra você, se não tiver uma pessoa de confiança pra me ajudar, eu vou direto na caixa. Só o funcionário de lá que eu peço pra me ajudar, mas da rua não, eu não chamo ninguém. Não, ele ajuda, porque se o banco tá cheio e você tá precisando de um trocado, você faz mais rápido.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Olha, cartão de débito, eu uso débito. Agora crédito não. Eu nem tenho.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Isso aí melhora, né?! Eles fazem pra melhoria, não piora, né?!

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não. Agora eu tô parado, mas se aparecesse, eu tava trabalhando.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Respeitado. Ou idoso ou nova, tem que ser respeitado. Porque eu dou respeito e eu quero receber respeito de volta.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Não. Eu sou popular, graças a Deus. Todo dia eu tô aqui.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Idoso de antigamente era mais respeitado do que hoje. Antigamente o idoso levantava cedo e ainda pegava na enxada.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Diminuiu. O idoso hoje tá morrendo mais rápido. O idoso antigo era só comida só comida saudável, hoje é só comida gelada. Aí tá morrendo mais.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Velhice é um comportamento. Você precisa tratar seu corpo. Se você não tratar seu corpo, ele vai embora. Se você relaxa, ele vai embora. Se você deixa sua vida largada, deita após que come, isso daí que acaba com sua vida. Você leva geadas, você não tem proteção... Por isso que você vê muita gente nova aí que parece gente velha. Por causa que não tem tratamento, não tem cuidado. Ainda mais se não tem quem cuidar.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Se o idoso gosta de esporte, ele é mais agitado, acorda mais cedo. É o que eu falo: eu já vim cedo, já acordei, corri, agora tô indo lá comprar meu pão, tomar meu banho e tomar meu café.

ENTREVISTA 12

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Só o celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Porque não tenho interesse.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Um pouco difícil. Não sei dizer.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Também não sei muito bem o que dizer.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. Não gosto.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Aí eu tenho duas respostas pra dar. Ela afasta as pessoas e outros não. Tem pessoas que não querem conversar com a gente por causa do celular, outros já aceita. Afasta e aproxima. Tudo depende das pessoa. O ser humano difícil não quer ter contato com a outra pessoa, outros já quer.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Eu não tenho. Infelizmente eu não tenho. Ajuda. É fácil. Vejo o pessoal passar, tranquilo.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não gosto de caixa eletrônico, Deus me livre! Ele atrapalha numa parte e em outra parte ele ajuda, mas é difícil de manejar.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Isso ajuda. Eu já tive um que ajudava. Quando a gente vai comprar uma coisa e não tem dinheiro, a gente vai e compra no cartão.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Bom, em algumas coisas ela ajuda, em outra atrapalha. Pra passar uma mensagem pra alguém, ajuda muito. E atrapalha porque tem coisa que a gente não sabe mexer. A gente vai aprendendo aos pouco.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não. Gostaria.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Ah, eu me sinto sim. Com certeza. Porque eu respeito as pessoa pra ela me respeita. Então é isso.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Ai, Deus me livre ser isolada! A gente tem sempre que andar com família. Eu sou muito família. Vizinhos, eu também me dou. Faço exercício físico...

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Isso aí eu não sei dizer. Acho que sim

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Ah, menor, minha filha, por causa da alimentação. Alimentação é importante pro idoso viver mais.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Eu, no meu caso, nunca fico velha, por causa dos pensamento. Meu pensamento é moderno, não desse pensamento cabisbaixo, não sei nem te dizer direito.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Eu acho mais ativo, né?! Tem muita gente que faz exercício ainda.

ENTREVISTA 13

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Só celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Não sei usar a internet. Não aprendi. Tô tentando aprender.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

É. Gravar as coisa quando mexe. Eles me ensina lá, minhas sobrinha, mas ecapole. Me ensina hoje, amanhã já não sei.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Só o celular mesmo. São boa, ué! Pra quem sabe mexer é bom.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Eu queria fazer. Falta é tempo.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Afasta. Você fica falando de lá e outro só no telefone. Ninguém conversa mais com ninguém, entendeu?! Eu fui na casa do meu filho outro dia, comer um cachorro quente, chego lá tá ele e os colega dele tudo no celular. Eu fui embora. Ninguém conversa conta uma piada, um caso. Você fala de longe, mas pessoalmente afasta muito.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Acho que é fácil, ajuda.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Sei. Ajuda muito. As minhas conta eu pago no caixa eletrônico, saco um dinheiro... Isso daí eu sei fazer.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ajuda. Eu uso todo dia. Antigamente você tinha que usar cheque, hoje facilita que você não precisa usar um monte de papel.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajuda, né?! Às vezes a gente não sabe mexer mas ajuda.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Eu trabalho todo dia. Eu dirijo.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Até hoje não tenho nada o que dizer não. Respeita. No meu trabalho me respeita. Eu também respeito todo mundo.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Sou sim. Me convidou, eu vou, ué?!

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Eles se comunicava mais, se unia. Hoje você não vê mais as pessoa numa roda, numa mesa redonda, conversando. Lá no meu avô antigamente juntava, tomava um café, jogava um baralho, conversava. Você não vê ninguém fazendo isso mais. É só internet.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Maior. Antigamente era mais difícil. Uma época mais prejudicada. Igual meu avô, morava numa roça: não tinha luz, não tinha televisão, muito mal um radinho de pilha. Hoje tem tudo, luz pra todo lado. Lula botou luz pra todo mundo.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

O que eu vou achar da velhice? Tô ficando velho já? Dá umas câimbras, umas dores, mas é a velhice. Tô trabalhando pra ver se melhora.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo já. Hoje a pessoa tem mais conhecimento. Internet, televisão... Acho que por isso a pessoa fica mais ativa.

ENTREVISTA 14

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Não. Eu tenho somente o telefone que só liga e mais nada.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Nadinha. Eu não entendo nada daquilo ali, acho horrível. Por mais que ela queira me ensinar, eu não quero aprender também.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Não gosto. Pra mim é desnecessário. Mando I fazer tudo.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. Pra vocês jovens deve ser muito bom. Porque I paga uma conta por ela. Nem sai de casa, faz tudo por ela, marca consulta, paga conta, faz tudo. Mas eu nem confio. Prefiro ir ali na loteria.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Olha, eu estou pensando de fazer do computador. Porque eu quero aprender crochê no YouTube. Talvez, se não encher muito o meu saco. Se encher também... Eu já com 81 ano, 82, eu quero é sossego. Não quero nada que encha minha cabeça.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Ih, afasta, garota! Eu tava no médico, nenénzinho devia ter um ano, pequenininho, tava só mexendo na telinha pra aparecer um tal gatinho miserável que tinha lá. E quando a mãe queria falar no telefone, ele criava um caso danado. Você tá num almoço na família, te irrita, ninguém conversa. A família hoje não conversa mais, você não sabe do seu filho, seu filho não sabe de você... E no almoço tá todo mundo no maldito telefone. E até agora eu não sei o que tanto vocês acham nesse telefone. Já não se estuda mais! Eu fico brigando com meu neto. Ele só quer saber daquele miserável daquele telefone.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Ah tenho. Aquilo é fácil pra mim.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Sei não. E se meu dinheiro começar a sair e eu não ver? Ajuda, né? Às vezes o banco tá fechado, a I vai lá e tira. Ela tira, eu não.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ih, uma maravilha! Aquilo é uma maravilha! É só você saber usar. Eu digo que no meu tempo tinha muita miséria porque não tinha cartão de crédito. Hoje não. Pode parcelar... Você sabendo usar ele...

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Em certo ponto eu acho que atrapalhou. Principalmente esse negócio de caixa eletrônico, pagar uma conta... Dificultou.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Eu?! Deus me livre! Já trabalhei muito! Costurava igual uma condenada. Trabalho mais não.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Ah respeita! Me faça respeitar. Claro! Eu conheço meus direitos.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Tenho um neto de 19 anos dentro de casa. Quem tem um neto nessa idade não dá pra ficar isolada nem se quisesse. Tem sempre gente lá fazendo trabalho.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Ah, são mais esperto! Não leva desaforo pra casa. Antes abaixava a cabeça, hoje em dia não. Antigamente o velho tinha medo de ir no banco e conversar com o gerente. Hoje em dia não. Se eu não colocar meu dinheiro lá ele não tem pagamento no final do mês, né?!

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Hoje tem muita qualidade de vida. Vive até 100 anos, e andando, e lavando roupa, e trabalhando, e pegando trem, né?!

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Não sei. Eu não me sinto velha! Que velha o quê?! Velho é trapo! O tempo não passou

pra mim.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Não. Hoje ele é mais ativo. Você vai pras academia, tá todo mundo lá. Tu passa de manhã na orla e tem um monte de velhinho. Então tá muito ativo. Elas vão pro cinema sozinha. Elas desce, vão pra cidade sozinha...

ENTREVISTA 15

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Não. Mas tenho computador. E o celular é esse, pra falar.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

De vez em quando, pra ver o preço das panelas, preço das coisas. Eu pesquiso assim... panelas, fogão, comprei meu fogão pela internet, toalha de cama, mesa, canção nova, século XXI, Padre Alessandro... só.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Não, pra mim é fácil.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não. E eu não acho bom não... a pessoa fica muito tempo com aquilo. Já acho que vai estragar a vista demais. Ontem a moça tava vendo não sei o que no celular né? Aí veio o homem por detrás, aquilo até me assustou, e roubou o celular dela. Já acho que a pessoa exagera muito. A pessoa tem que usar de acordo com, assim, em casa, ou num lugar mais... não no meio do povo... eu acho que a gente que procura né... ser roubado, ou acontecer alguma coisa ruim. Mas pra quem gosta né?

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. Agora não.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Acho que tem uma hora que aproxima né? A gente não quer ir lá, aí liga. E na outra hora perturba, a gente tá ocupada. Mas acho que sempre é pro lado melhor.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Ah eu acho uma maravilha, eu gosto. É fácil de usar. Ajuda a entrar no ônibus.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Teve um tempo que eu fazia sozinha, agora já não tenho muita... entendeu? Acho que teve alguma mudança, esse negócio de dedo, fica me atrapalhando.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ajuda e atrapalha. A gente tá com o cartão, mas aí vai comprando, comprando... na hora de pagar, a gente não tem o dinheiro.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajuda. A única coisa que eu não sei fazer é depósito em caixa eletrônico, fico com medo de fazer errado.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Muita gente respeita. Quem não respeita muito é dentro de casa. Na rua eu me sinto melhor com estranhos do que dentro de casa.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Eu me só me isolo quando eu estou aborrecida, mas aí eu vou na casa de uma pessoa, converso, ou a pessoa vem.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Ah, são. Os idosos hoje estão muito metidos a novos. Peitos e pernas de fora. Muito ousados.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Menor. Antigamente o idoso ficava mais dentro de casa, comia comida feita em casa, direitinho. Agora idoso vai pra rua, come churrasco, toma muita cerveja. Antigamente se comia melhor, se cuidava melhor. Hoje o negócio de se cuidar do idoso é botar silicone, fazer plástica.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

A velhice eu acho que é cansaço. Os jovens são abusados. Os netos não respeitam os mais velhos, os avós. Não vejo nada positivo, os jovens abusam mais dos idosos.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Eu acho que ambos. Eu estou com oitenta e lavo, cozinho, passo. E os de antigamente faziam as mesmas coisas. Mas os idosos de hoje são mais ativos socialmente, mas

fisicamente é a mesma coisa. Antigamente os idosos dormiam mais cedo, acordavam mais cedo.

ENTREVISTA 16

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Só o celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Uma vez ou outra. Só a respeito de trabalho mesmo.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho sim. Entendo nada.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Eu não. Whatsapp uma vez ou outra que eu uso um pouquinho também. Pra uns é bom, né? Pra outros nem tanto, mas eu acho legal, acho legal.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Esse aí é um curso que eu gostaria de fazer porque eu não sei. Essa parte de eletrônica eu não manjo legal. Entendeu? Meu celular é novo agora e eu ainda não sei. Tô aprendendo a mexer agora. Sou meio ruinzinho pra aprender a mexer nessas coisa, nessa parte de eletrônica.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Ah, aproxima. Aproxima sim. É porque eu acho mais fácil, né?! Um exemplo sou... Eu mesmo sou um exemplo. Meus irmãos tinha 41 anos que eu não tinha contato nenhum, aí por causa de internet, esses negócio aí, se reencontramos. Por causa disso aí. Por isso que eu digo que aproxima.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Aquilo ajuda os idoso. Aquilo é só encostar. Aquilo é mole, molinho. Tô doido pra fazer 65 pra tirar o meu logo.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Da minha agência sei. Dos outros banco não. Ajuda pelo seguinte: você não precisa ir na agência. Muitas coisa você resolve pelo caixa eletrônico. Por isso que ajuda, né? É

mais rápido, mais prático. Pode ir qualquer dia.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Pra quem sabe usar, eu acho legal. Agora, pra quem não tem controle eu não acho legal não. Eu não tenho cartão agora, mas eu já tive muitos cartão de crédito e eu sabia usar. Perdi, porque depois que eu fiquei doente, fiquei sem trabalho e tal, cancelei os cartões. Mas eu gosto, cartão de crédito pra mim é legal, ajuda. Pra quem sabe usar, quem tem controle. Quem não tem se arrasa.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Tem ajudado muito. É aquilo que eu te falei, se não fosse a tecnologia, eu depois de 41 ano sem ver meus irmãos, eu ia ficar mais um tempão sem ver, se não fosse a tecnologia. Consegui reencontrá-los por quê? Por causa da tecnologia.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Sim. Claro!

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Respeita. Quem me conhece me respeita. Agora, quem não me conhece não me respeita. Mas também, não me conhece, né?! Como é que vai respeitar um JN? Um João ninguém. Agora, quem me conhece, me respeita sim. Até pela minha profissão, sabe que eu sou trabalhador. Entendeu?! Respeitado há 40 anos aqui.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Não. Na minha eu sou integrado sim. Tenho contato sim. Na minha área, que é parte de obra. Com amigos também. Isolado de jeito nenhum. Amigo é pra conversar vez ou outra.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Muito. São diferente sim. Pra começar, os idosos de hoje têm até medo de olhar de cara feia para os filho ou para os neto. Tem medo. Porque antigamente, eles já pegava um galho de goiaba e já dava logo nas canela, não tinha problema. Hoje, se olhar de cara feia, os filho ou os neto, eles mesmo fala que vai no Conselho Tutelar. Então eles são diferente por isso. Deixa e filho e neto fazer o que bem querem. Os idosos de hoje. Antes não tinha isso. Eles era mais respeitado pelos filho e pelos neto e respeitavam mais também. Hoje não.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Menor. Antigamente a qualidade de vida era maior e melhor. Porque até a alimentação era diferente. Hoje você ainda encontra pessoas de 100 anos ou mais ainda na roça trabalhando. Isso por que? Alimentação e tal. Já os de hoje, os idosos de 60 pra cá não é igual aos de 80. Os mais antigos tinham alimentação melhor. De uns tempos pra cá passaram a botar agrotóxico na alimentação, isso aí acabou com a saúde do pessoal. Antigamente não tinha isso.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

A velhice? A velhice pra mim... Quem tem um privilégio de chegar a uma velhice saudável, pra mim é uma boa. Agora, chegar numa velhice doente, como eu tô te falando, com essa alimentação braba aí, você não pode comer de tudo, tem que dosar certas coisa. Pra mim não é uma velhice legal. Agora, quem tem o privilégio de ter uma velhice saudável, legal, podendo comer de tudo, podendo trabalhar mesmo depois do 80 e tá forte ainda. É uma velhice saudável. Eu quero chegar a pelo menos 140. Eu vou chegar aos 140. Chegar velhinho pra perturbar os outro aí.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

O de hoje é mais ativo. Tem mais coisa pra fazer hoje, né?! Os antigo trabalhava mais, mas hoje tem mais opção pro idoso. O idoso pode se divertir mais e ter mais contato com a família e os amigo. Tem mais facilidade!

ENTREVISTA 17

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Só o celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Porque primeiro eu não entendi. Eu não sei fazer internet por causa da vista, uma série de coisa.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho. Por causa da vista, né? Tem que bota óculos...

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Não, não. É excepcional! Eu queria tá no tempo deles agora. É excepcional! Fora de sério! É evolução da tecnologia, você tem que aplaudir. Eu não uso mas gosto.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Ah, já fiz de computador mas parei. A menina não pôde mais... Agora não tenho... Não quero. Não pretendo fazer não.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Aproxima e afasta de uma maneira, né?! Aproxima, você tendo um celular, você fica muito mais próximo da pessoa. E afasta, essa campanha virtual do Bolsonaro dividiu muito as pessoas. É uma faca de dois gumes. Pode afastar e pode acolher.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Tenho. Ajuda. É prioritário, essencial. Fácil. Pro nosso interesse, a gente aprende rápido.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Sei. Ajuda muito. É espetacular, excepcional! Os banco vão fazer, vão acabar, eles tão mandando tudo embora. Os caixa eletrônico eles vão fazer... Vai ter em tudo quanto é lugar. Na China eles fazem tudo no cartão, não tem mais elemento no banco. Vai ser excepcional. Um avanço espetacular.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Facilita. É espetacular também. Você não precisa andar com dinheiro. Você se locomove...

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajudado muito, muito, muito. É espetacular!

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Eu sou técnico em refrigeração. Trabalho ainda.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Muito. Não sei se pela idade, pela profissão, pela maneira de eu ser, pela maneira de comunicar... Por tudo, né?! Regra geral.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Me sinto. Tudo. Tudo. Jogo bola! Me integro legal.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Antigamente havia muito mais respeito. Agora é um mundo de pessoas. Televisão também. Hoje tem menos respeito.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Maior. Antigamente eu vivia em Banco de Areia, não tinha um médico, um dentista... Não tinha nada. Eu cortei um dedo e tive que ir em Marechal Hermes, aqui não tinha médico... Os dentistas que tinha aqui não eram formado. Hoje em dia o pessoal reclama de tudo e hoje tá tudo melhor. Antigamente não tinha um médico.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

É o que eu digo: eu sou um jovem de muita idade. Então eu acho a velhice espetacular. Você chegar numa idade dessa! Eu tenho 82 ano e não tenho quase nada. Pra mim a velhice é muito boa. Quem dera eu chegue a 90 ano nessa formação.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Mais ativo, né? A tecnologia melhorou também, o tratamento. Antigamente você chegava a 60 ano, máximo, já ficava todo caidinho. Não tinha médico, não tinha dentista, não tinha nada. Hoje em dia tá tudo melhor. Melhorou tudo! Não chegou ao

ponto que nós queremos mas melhorou bastante. Muito, Muito bom! Tem academia, tem passeio...

ENTREVISTA 18

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Sim.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Sim. Normalmente na área profissional, né, na área religiosa, algumas consultas específicas...

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Não.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Whatsapp e face. Sabendo usar são importantes, né?! Manter a discrição e objetividade.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. Eu acho que o que eu faço já é o suficiente.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Da mesma maneira que eu falei inicialmente. Depende da forma que usar. Você pode utilizar especificamente pra uma atividade profissional e emergencial mas acho também que se você focar só no uso do equipamento, você perde um pouco essa questão do relacionamento, do contato.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Facilita. É fácil, eu vejo as pessoas usando. É porque eu pouco uso ônibus, mas quando eu uso, vejo as pessoas usando com facilidade.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Sim. Bem. Otimiza.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Sabendo usar ele ajuda bastante. Ainda mais nessa fase que estamos com pouco capital

de giro, sabendo usar, ajuda.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Tem ajudado, com certeza. Por exemplo, nessa parte dos cartões. De uma forma geral, eu acho. Tem velhos inclusive que dominam muito a tecnologia, mais do que o jovem porque eles são objetivos dentro da área específica.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Agora não. Até um ano atrás eu dava aula numa faculdade, mas tive que dar uma parada por questões de saúde.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Sim. Veja só, eu não tenho atividade remunerada, mas eu sou um pastor e isso me preenche e traz reciprocidade.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Sou integrado, mas devido a esse tratamento que estou fazendo, eu perdi um pouco esse foco. Mas eu tenho a igreja, de vez em quando visito minha mãe, minhas sobrinhas... Só que nosso tempo ficou reduzido em função dessa atividade que estou fazendo agora. Eu e minha esposa.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

São. São mais bem informados, mais integrados, mais bem envolvidos... Você vê idosos trabalhando naturalmente. A maioria dos caminhoneiros são pessoas já de alta idade... Você vê hoje nas praças aí, velho andando, caminhando, então hoje na verdade é bem melhor que antigamente.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Eu acredito hoje que a minha mãe tem melhor qualidade de vida porque hoje ela tá sendo beneficiada. Agora, os idosos de hoje são alcançados pela medicina, tem mais chances de ser ajudado...

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

A velhice na verdade, a gente não percebe que ela chega. Ela vai chegando paulatinamente. A mente ela se procura se manter ativa e isso faz com que haja alguma expectativa de vida. Hoje ainda tem velhos sonhando, velhos casando, né? Velhos trabalhando, procurando mercado de emprego. Na verdade, hoje a gente verifica uma

velhice mais integrada, mais resolvida.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Hoje é mais ativa. São pontos variados. Eu saio cedinho aqui e vejo muito idoso caminhando, aqui, na praça... Então onde o idoso encontra oportunidade, na verdade, ele consegue um pouco verticalizar sua atividade.

ENTREVISTA 19

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Computador e celular.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Porque eu não tenho. Eu acesso pelo face do meu marido. E pesquiso no YouTube. Gosto muito de pesquisar trabalhos manuais, músicas evangélica... Eu gosto de pregações evangélica, parte de culinária, negócio de saúde...

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Eu tenho. É porque eu gosto de mexer naquilo que eu gosto. Não sou muito de ficar procurando nada não.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Whatsapp. Eu gosto muito. Mas dentro de um contexto de equilíbrio, porque ele é muito útil. Mas tem que saber usar, senão distancia também. As pessoa, as família. Porque às vezes tá todo mundo reunido e tá todo mundo cada um num whatsapp. Então eu acho que isso aí trouxe um pouco de distanciamento de família.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Eu gostaria. Porque às vezes eu dependo do meu esposo pra mexer em algumas coisas.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Dentro de um padrão de equilíbrio, aproxima. Fora, afasta muito. Vou dar o meu exemplo porque antigamente eu falava mais com as minhas irmãs por telefone, eu ouvia mais a voz das minhas irmãs, dos meus filhos... Hoje é tudo zap. Então você não ouve a voz do filho, da irmã, do irmão... É uma coisa boa, lógico, é muito rápido... Hoje o telefone nem toca, só telemarketing que incomoda. Mas na realidade eu acho que houve um afastamento sim. Tão muito cada um no seu mundo. Procuraram cada um o seu mundo virtual e ficaram meio desligada.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Eu acho muito bom. Eu não tenho mas tô querendo porque é bem fácil.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Não sei. Eu acho ótimo. Eu não aprendo porque não gosto de entrar em banco, não é uma coisa que me atrai. Desde nova, nunca gostei.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ah, gosto muito! Amo cartão de crédito, mas uso com sabedoria. Não sou... Não vou dizer que não sou consumista porque mulher é consumista em algum momento, mas eu sou... Não tenho exagero no gastar não.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ajuda muito. Coisa muito boa. Porque é muito mais rápido! Eu vejo minha netinha, vejo meus netinhos longe... Se não tivesse como ia ver meus netos? Acho maravilhoso!

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Crochê. Artesanato.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Sim. Porque eu passo pra eles respeito. Cada um sua individualidade, sua religião.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Sim, sim. Sou interada. Tudo o que você imaginar eu tô lá.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Com certeza. São mais ativo, querem viver... Hoje em dia não tem mais idos, idosa, sentadinho em cadeira de balanço fazendo crochê. Hoje em dia elas tão querendo ir pra academia. São umas senhora idosa bonitinha, eu chamo de gatinha idosa. São maravilhosa essas idosa de hoje. É ruim até de chamar de idosa. Elas nem gostam. Vão pra academia, vão dançar, vão fazer excursão... Antigamente não tinha isso.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Isso depende muito do financeiro da pessoa, né? Da situação econômica, eu acho. Porque aquele que tem uma situação financeira melhor, acho que ele com certeza vai viver melhor, vai se alimentar melhor. Aquele idoso que tem um plano de saúde... Ele tem condições de ter uma vida melhor. Aquele que tem uma situação financeira folgada, vai viver melhor do que aquele que não tem. Mas eu acho que num todo, globalizando,

acho que vive melhor sim.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Não, menina, não quero nem pensar. Hoje a gente não quer nem pensar em ficar velho. Quando a gente chega aos 60, a gente quer viver e a idade chega, e a gente não tem jeito. É um problema da idade mesmo. Então... A pessoa não quer ficar velho, mas a velhice vem. Com qualidade de vida, eu acho positivo. A gente vê muito idoso que mora sozinho.

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Muito ativo. A gente vê em reportagem senhora de 60 anos trabalhando em casa de família, 65, 70. Trabalhando, muito ativa, faz tudo.

ENTREVISTA 20

Você possui celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo eletrônico para se comunicar com outras pessoas?

Não. Só ligação. Tem celular só pra fazer ligação.

Você costuma acessar a internet? Em caso positivo, quais são seus principais interesses? Em caso negativo, explique porquê.

Não. Porque eu não tenho.

Você tem dificuldades para manipular dispositivos eletrônicos? Quais?

Tenho dificuldade. Eu não entendo nada. Eu não entendo.

Você faz parte de alguma rede social virtual (facebook, instagram, whatsapp...)? O que você acha delas?

Também não. Nada disso! Eu acho assim... Muito complicado. Eu não entendo.

Você faz ou gostaria de fazer algum curso para manipular melhor aparelhos eletrônicos? Por que?

Não. Porque eu acho que pra gente mexer nesses coisa, a gente tem que entender e eu não entendo nada disso.

Você acredita que o celular e as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Por que?

Tem muitas coisa que separam, né?! Tem muitas coisa que as pessoa falam e não é nada daquilo. As pessoa inventam, entendeu? Eu acho mais prático a gente pegar o celular assim e fazer ligação de que fazer essas coisa. Eu não entro em acordo com isso não. Aproxima a comunicar a com as pessoa. Consegue falar.

Sobre o Rio Card Sênior, você possui? Acredita que ele facilita ou atrapalha o embarque nos coletivos?

Não. Por enquanto não. Ajuda. Só é dificuldade quando tem que botar o dedo ali, a digital. Quando não tem que botar a digital é mais fácil. Rapidinho.

Sobre caixas eletrônicos, você sabe utilizá-los com independência ou precisa de ajuda? Você acredita que eles ajudam ou atrapalham a sua rotina?

Preciso de ajuda. Ah, ajuda. Ajuda porque é rápido.

O que você acha sobre cartões de crédito/ débito? Eles facilitam ou dificultam sua rotina?

Ajuda. Facilita. Cartão de crédito é assim: às vezes a gente não tem dinheiro pra comprar uma coisa na hora, numa emergência, você pega o cartão e compra.

De uma maneira geral, você acredita que a tecnologia tem ajudado ou atrapalhado a vida dos idosos?

Ah, ajuda e muito. Eu acho que é bom ter um celular. O celular tem que ter. É essencial ter um celular em casa.

Você ainda exerce alguma atividade para geração de renda, ainda que informal?

Não.

Você se sente socialmente respeitado enquanto idoso? Por que?

Respeitada sim, né?! Porque quando a gente não faz nada errado, não anda na vida errada, a gente tem respeito.

Você se sente socialmente integrado? Participa de atividades, mantém contato com amigos e familiares?

Sim. Eu vou pra igreja com a graça de Deus. A única coisa boa que eu tenho na minha vida é Deus.

Na sua opinião os idosos de hoje são diferentes dos idosos de antigamente? Por que? Em quais aspectos?

Muito. A vida deles era muito diferente de hoje. Uma senhora da minha idade, eu não tive as dificuldade que eles teve: carregava lada d'água na cabeça, lavava roupa no riacho, limpava o chiqueiro... Não tinha tempo pra nada! Era o tipo de idosa muito trabalhadeira, muito esforçada. Hoje não. Hoje tem tudo ali na mão. Tem médico pelo SUS, tem médico particular, tem médico pra pessoa ter o neném, né?! Antigamente tinha parteira... Igual minha mãezinha. Ela não teve nada disso de hoje. Ela se acabou, ela ficou desnutrida, ficou cansada, entendeu?! De tanta luta que ela teve.

Você acredita os idosos de hoje tem maior ou menor qualidade de vida do que os de antigamente? Por que?

Hoje é melhor. Porque tem toda coisa ali na mão. Toda assistência. Não tem aquele trabalho de tá ali... Antigamente não tinha fogão, era fogão a lenha. Tinha aqueles panelão... Fazer lá fora. Não tinha esse recurso todo. Hoje tem, graças a Deus. Hoje é melhor! Era mais sofrido.

O que você pensa sobre a velhice nos dias atuais?

Velhice é um monte de coisa. A velhice é assim: a gente tem que procurar se tratar, se cuidar. Cuidar do corpo da gente, da alimentação... Saber o que come e o que não come, nem tudo mais pode comer, entendeu?! E dentro ali do limite ali porque se passar, é doença na certa. Eu não me considero velha, velha... Mas hoje eu durmo cedo, acordo cedo já com outra disposição, entendeu?!

Você acredita que o idoso de hoje é mais ou menos ativo (físico e socialmente) do que o de antigamente? Por quais motivos?

Hoje é. É porque... Tem muitos idoso que não se cuida, mas se cuidando são mais ativo hoje. Eles tem academia, faz caminhada, né?!Eles são mais cuidadoso hoje, entendeu?! Hoje eles são. Tem mais preocupação com a saúde.

10.3 Termo de consentimento livre e esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa acadêmica intitulada: **Corpos Antigos, Novos Contextos: O Idoso em Tempos de Cibercultura**, a ser realizada no município de Mesquita nos bairros Vila Emil e Centro, no Rio de Janeiro. Essa pesquisa pretende relatar as alterações decorrentes do uso da tecnologia na rotina dos idosos, assim como averiguar o impacto dos meios digitais nas relações sociais de pessoas acima dos 60 anos.

A pesquisa tem por objetivo aferir a relação do idoso com as novas tecnologias, a fim de compreender seus efeitos positivos e/ou negativos no cotidiano de pessoas acima de 60 anos. Por conta do crescente processo de envelhecimento populacional, investigar a opinião dos idosos sobre as contribuições, benefícios e entraves nesta relação, pode apresentar-se, portanto, como uma tarefa muito relevante para a reflexão sobre o bem-estar da população idosa.

Para a coleta dos dados necessários na nossa análise, faremos entrevistas, que após consentimento, serão gravadas e transcritas a fim de organizar a análise dos dados obtidos. As informações adquiridas nestas entrevistas poderão posteriormente ser divulgadas através de publicações acadêmicas, sendo mantido o anonimato.

Informamos que os conteúdos cedidos serão de uso exclusivo desta pesquisa. **Todas as informações levantadas serão trabalhadas de forma agrupada, não sendo divulgada nenhuma informação de forma isolada. Garantimos a preservação da identidade de todos os participantes.**

Sua participação é voluntária e importante, **sendo resguardado seu direito a não responder qualquer uma das questões ou interromper a entrevista** a qualquer momento, por livre vontade, caso a abordagem e/ou métodos aplicados eventualmente provoquem algum tipo desconforto ou risco. O pesquisador buscará a forma mais adequada de mitigar – eliminar desconfortos e riscos. **Sua recusa, não trará nenhum prejuízo ao pesquisador ou a instituição.**

Após ser esclarecido (a) sobre essas informações, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA – Psicologia - Linha Processos Psicossociais e Coletivos - Pesquisa Qualitativa

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira

PESQUISADORA: Sabrina S. de Oliveira Alvaro

ENDEREÇO E CONTATO:

Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia

BR 465, Km 07 – Seropédica – RJ

CEP 23890-000

Telefone: (21) 2682-1210

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____,
declaro que li, ou foi lido, as informações contidas neste documento e que concordo em participar do estudo acima citado, como sujeito.

Fui devidamente informada/o e esclarecida/o pela pesquisadora Sabrina S. de Oliveira Alvaro sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso interromper a pesquisa a qualquer momento, ou mesmo retirar meu consentimento, sem que isto acarrete qualquer prejuízo a mim, ao pesquisador ou a instituição.

Local e data _____/_____/_____

Nome:

Assinatura do sujeito: _____